



**INSTITUTO FEDERAL
MATO GROSSO
Campus São Vicente**

**Ministério
da Educação**



**Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de
Mato Grosso**

IFMT – *Campus* São Vicente

Diretoria de Ensino

Departamento de Graduação e Pós-Graduação



Projeto Pedagógico do Curso de

Bacharelado em Agronomia

CAMPUS SÃO VICENTE

Núcleo Avançado de Campo Verde

(NOTURNO)

Campo Verde – MT

2012-2



Ministério
da Educação



PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Dilma Vana Rousseff

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Aloízio Mercadante Oliva

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Marco Antonio de Oliveira

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO
IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE**

REITOR

José Bispo Barbosa

CHEFIA DO GABINETE DA REITORIA

Ana Cláudia Cauduro Bianchi

PRÓ-REITOR DE ENSINO

Ghilson Ramalho Correa

PRÓ-REITOR DE PESQUISA

Ademir José Conte

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO

João Vicente Neto

**PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO E
PLANEJAMENTO**

Josias do Espírito Santo Coringa

**PRÓ-REITOR DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL**

Rupert Carlos de Toledo Pereira

**DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL**

Henrique do Carmo Barroz

**DIRETOR DE GESTÃO DA TECNOLOGIA
DA INFORMAÇÃO**

Edwilson Tavares Ferreira

DIRETOR DE EXTENSÃO

Elson Santana de Almeida

DIRETOR DE PESQUISA

Sandra Maria de Lima

DIRETORA DE ENSINO

Natália Carmen Arauz Perez

**GERENTE DE TECNOLOGIA DA
INFORMAÇÃO**

Lilian Maria Gonçalves

PESQUISADOR INSTITUCIONAL

Marcos Almeida de Faria

IFMT – Campus São Vicente

DIRETOR GERAL

José Luiz de Siqueira

DIRETORIA DE ENSINO

Joir Benedito Proença de Amorim

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO

Lívio dos Santos Vogel

COORDENADOR DE SUPERVISAO PEDAGÓGICA DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO

Joir Benedito Proença de Amorim

COORDENADOR DO CURSO DE BACHARELADO EM AGRONOMIA

Erineudo Lima Canuto

TÉCNICO EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS

Francis-Elpi de Oliveira Nascimento

NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

PRESIDENTE

Erineudo Lima Canuto

REPRESENTANTES DOS DOCENTES

Antonio Mauro Rodrigues Cadorin

Cristiano Martinotto

Luis Carlos Coelho

André Luis de Andrade

Oswaldo José de Oliveira

Patrícia Sobral Silva

Rita de Cássia Santos

Charles de Araújo

COLEGIADO DE CURSO

PRESIDENTE

Erineudo Lima Canuto

REPRESENTANTES DOS DOCENTES

Oswaldo José de Oliveira

Luis Carlos Coelho

Rita de Cássia Santos

REPRESENTANTES DOS DISCENTES

José Ney Lazarini

André Felipe de Oliveira

REPRESENTANTE TÉCNICO

Francis-Elpi de Oliveira Nascimento

Sumário

SINOPSE DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO	6
1. Apresentação.....	7
2. Justificativa.....	7
3. Perfil Institucional.....	9
3.1 Histórico do Campus São Vicente.....	9
3.2 Histórico do Núcleo Avançado de Campo Verde.....	11
4. Perfil do Curso.....	13
4.1 Objetivo geral.....	14
4.1.1 Objetivos Específicos.....	14
4.1.2 Princípios Norteadores.....	15
4.1.3 Habilidades e Competências.....	15
4.1.4 Perfil do Egresso.....	16
4.2 Administração Acadêmica.....	17
4.2.1 Regime de Funcionamento do Curso.....	17
4.2.2 Formas de Acesso ao Curso.....	19
4.2.3 Aproveitamento de Disciplinas.....	19
4.2.4 Coordenação de Curso.....	20
4.2.5 Colegiado de Curso.....	20
4.2.6 Núcleo Docente Estruturante - NDE.....	21
5. Legislação Geral – Requisitos Legais.....	22
5.1 Diretrizes Nacionais do Curso.....	22
5.2 Regulamentação Profissional.....	23
5.3 Ações Afirmativas na Educação.....	24
5.3.1 Atendimento aos Portadores de Necessidades Especiais – PNE	25
5.3.2 Adequação à Lei de Educação das Relações Étnico-raciais.....	25
5.3.4 Adequação à Lei de Educação Ambiental	28
5.3.5 Adequação à Lei de Educação em Direitos Humanos.....	30
6. Organização Curricular.....	32
6.1 Matriz Curricular.....	34
6.2. Fluxograma do Curso.....	38
6.3 Disciplinas Semipresenciais.....	39
6.4 Conteúdo Programático e Ementas das Disciplinas.....	40
6.4.1 Ementas do 1º Semestre.....	40
6.4.2 Ementas do 2º Semestre.....	49
6.4.3 Ementas do 3º Semestre.....	56
6.4.4 Ementas do 4º Semestre.....	64
6.4.5 Ementas do 5º Semestre.....	71
6.4.6 Ementas do 6º Semestre.....	79
6.4.7 Ementas do 7º Semestre.....	86
6.4.8 Ementas do 8º Semestre.....	94
6.4.9 Ementas do 9º Semestre.....	101
6.4.10 Ementas do 10º Semestre.....	108
6.4.11 Ementas das Disciplinas Optativas.....	109
7. Estágio Curricular Supervisionado.....	117
8. Trabalho de Conclusão de Curso.....	117
9. Atividades Complementares.....	118
10. Avaliação e Acompanhamento.....	119
10.1 Avaliação e Acompanhamento do Curso.....	119

10.1.1 Avaliação das Disciplinas.....	120
10.1.2 Sistema de Avaliação do Projeto do Curso.....	121
10.1.3 Sistema de Autoavaliação do Curso e da Instituição.....	122
10.2 Sistema de Avaliação do Processo de Ensino e Aprendizagem.....	123
10.3 Do Registro Acadêmico das Avaliações.....	124
10.4 Do Cálculo da Média e Resultado.....	125
10.5 Dos Critérios para 2ª Chamada.....	126
10.6 Do Exame Final.....	126
10.7 Do Prazo para Divulgação das Avaliações	127
10.8 Da Revisão de Avaliação.....	127
10.9 Do Regime de Dependências.....	128
11. Corpo Docente.....	128
12. Corpo Técnico Administrativo.....	130
13. Atendimento ao Discente.....	132
13.1 Programa de apoio financeiro.....	132
13.2 Programa de Apoio Pedagógico.....	132
13.2.1 Programa de Interação Pedagógica.....	134
13.3 Acompanhamento de Ingressantes e Concluintes.....	134
13.4 Ações para Reduzir a Evasão e a Repetência.....	135
14. Infraestrutura Física.....	136
14.1 Infraestrutura Física Atual do Núcleo Avançado de Campo Verde.....	137
14.2 Biblioteca do Campus São Vicente.....	138
14.2.1 Biblioteca do Núcleo Avançado de Campo Verde.....	139
14.2.2 Biblioteca do Núcleo Avançado de Jaciara.....	140
14.3 Laboratórios Didáticos.....	140
14.4 Recursos Tecnológicos e de Áudio Visual.....	142
sala para repouso no horário após o almoço, mobiliada com mesa redonda, cadeiras, jogo de sofá, mesa de centro e televisão.14.5 Sala de Docentes.....	142
14.5.1 Sala de Docentes no Núcleo Avançado de Campo Verde.....	142
14.6 Área de Lazer e Outros.....	143
15. Referências Bibliográficas.....	143
16. Anexos.....	146
Anexo 1. Regimento Unificado para os Colegiados de Cursos Superiores.....	146
Anexo 2. Regimento do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Agronomia.....	150
Anexo 3. Regulamento Interno para Orientação de Estágio Curricular Supervisionado e Trabalho de Conclusão de Curso.....	152
Anexo 4. Regulamento das Atividades Complementares.....	162
Anexo 5. Ficha de Avaliação das Disciplinas.....	169
Anexo 6. Portaria do Núcleo Docente Estruturante de Agronomia Noturno.....	170
Anexo 7. Portaria do Colegiado de Curso de Agronomia Noturno.....	171
Anexo 8. Resolução de Criação do Curso de Agronomia Noturno pelo CONSUP.....	172

SINOPSE DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

LOCAL DE OFERTA:	IFMT – Campus São Vicente – NACV Núcleo Avançado de Campo Verde Av. Isidoro Luiz Gentilin, Nº 585. Vale do Sol – Campo Verde – MT.	
ÁREA DE CONHECIMENTO:	Ciências Agrárias	
DENOMINAÇÃO DO CURSO:	Agronomia	
TIPO:	Bacharelado	
TITULAÇÃO:	Engenheiro(a) Agrônomo(a)	
MODALIDADE:	Presencial	
FORMAS DE INGRESSO:	Processo Seletivo	
REGIME:	Seriado Semestral	
TURNO:	Noturno	Total anual
VAGAS:	35	70
INÍCIO DO CURSO:	2010/1	
PERÍODOS:	05 anos - 10 (dez) semestres	
TEMPO DE INTEGRALIZAÇÃO:	Mínimo: 10 semestres Máximo sugerido: 16 semestres	
COORDENADOR(A):	Prof. Dr. Erineudo Lima Canuto	
I. NÚCLEO DE CONTEÚDOS BÁSICOS*		1.230 horas
II. NÚCLEO DE CONTEÚDOS PROFISSIONAIS ESSENCIAIS*		2.680 horas
III. NÚCLEO DE CONTEÚDOS PROFISSIONAIS ESPECÍFICOS*		480 horas
* Resolução CES/CNE Nº 01/2006	CARGA HORÁRIA TOTAL	4.390 horas
PREVISÃO DE SOLICITAÇÃO DE RECONHECIMENTO:	1º Semestre de 2012.	
RECONHECIMENTO DE CURSO:		

1. Apresentação

O curso de Graduação Bacharelado em Agronomia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, IFMT – Campus São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde, vem ajustando-se às necessidades didático-pedagógicas imprescindíveis à formação de um profissional que reúna um perfil técnico capaz de atender ao mercado e consciente da necessidade da busca por aprimoramento contínuo nos ensinamentos adquiridos por meio do processo de educação continuada.

Desta forma, este documento tem por finalidade apresentar o Projeto Político Pedagógico do referido curso, cuja elaboração segue as diretrizes contidas na Resolução CNE/CES Nº. 01/2006, de 02 de fevereiro de 2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Engenharia Agrônômica ou Agronomia.

2. Justificativa

Mato Grosso é um Estado com a economia fortemente influenciada pela produção agropecuária. Segundo dados do IBGE (2009), a produção agropecuária no Mato Grosso incrementou R\$ 45 bilhões ao PIB do Estado, demonstrando o impacto socioeconômico das atividades agrícolas na vida da população mato-grossense.

Por esta característica, verifica-se a necessidade permanente de formação e capacitação acadêmica e profissional no campo das ciências agrárias, como forma de fomento ao desenvolvimento agropecuário e de fixação da população rural no campo.

A demanda pelo curso de Agronomia pode ser constatada por meio da análise do desenvolvimento econômico na região. Os dados educacionais reafirmam a necessidade exposta, pois, tem-se um total de 191.137 estudantes matriculados no Ensino Médio (Ensino Regular), na Educação Profissional de Nível Médio e na Educação de Jovens e Adultos nas redes estadual, federal, municipal e privada do Mato Grosso. Destes, poucos terão a oportunidade de ingressar no ensino superior, especialmente público, gratuito e de qualidade, devido a baixa oferta de cursos

superiores na região.

O acesso e a terminalidade do ensino médio regular e outras formas de conclusão deste nível do ensino (Educação de Jovens e Adultos – EJA, Supletivos e Ensino Técnico Integrado) cria a expectativa do ingresso dessas pessoas no Ensino Superior, contudo a disponibilidade de vagas nas Instituições Públicas de Ensino não atende às necessidades atuais.

O presente projeto de curso visa a atender primariamente a população da região dos municípios do vale do São Lourenço e do Araguaia que tem sua economia baseada na agricultura, disponibilizando a esta região, bem como a todo o estado de Mato Grosso a oportunidade de profissionalização, na área de ciências agrárias, vocação de nosso estado.

O referido curso será ofertado no período noturno, possibilitando atender à demanda de uma população trabalhadora que aspira por formação e que de outro modo não teria acesso a cursos superiores. Considera-se ainda a eventualidade de atendimento de pessoas de estados próximos, como Rondônia, a exemplo do que ocorre no curso de nível médio técnico do IFMT, *Campus* São Vicente.

Além do público em geral já mencionado, considerando a necessidade de sanar uma dívida social contraída ao longo da história com as populações assentadas pela reforma agrária no Vale do Araguaia e no Vale do São Lourenço e, em todo o Mato Grosso, o curso pretende contribuir com a formação destes, favorecendo o ingresso e merecendo especial atenção da instituição no tocante a fornecer condições de permanência e formação.

Dessa forma, o IFMT – Campus São Vicente assume compromisso com a sociedade propondo a oferta do Curso de Agronomia observando as características locais. Para tanto, o curso de Agronomia deve estabelecer ações pedagógicas com base no desenvolvimento de condutas e de atitudes com responsabilidade técnica e social, tendo como princípios: o respeito à fauna e a flora; a conservação e recuperação da qualidade do solo, do ar e da água; o uso tecnológico racional, integrado e sustentável do ambiente; o emprego de raciocínio reflexivo, crítico e criativo; e o atendimento às expectativas humanas e sociais no exercício das atividades profissionais, conforme constam no Parecer CNE/CES Nº 308/2004, aprovado em 07/10/2004 e na Resolução CNE/CES Nº 1, de 02/02/2006, publicada no D.O.U. de 03/02/2006, Seção I, pág.31 e 32.

3. Perfil Institucional

A Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, resultado da implantação do ensino técnico no Brasil em 1909 com a criação das Escolas de Aprendizizes e Artífices, está fundamentada em uma história de 100 anos.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT foi criado mediante a integração do Centro Federal de Educação Tecnológica de Cuiabá, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso, da Escola Agrotécnica Federal de Cáceres e de suas respectivas unidades de ensino descentralizadas (UNEDs: Campo Novo do Parecis, Bela Vista e Pontes e Lacerda), transformados em campi do instituto. Além da integração dessas instituições, também foram implantados mais quatro campi nos municípios de Barra do Garças, Confresa, Juína e Rondonópolis.

Todos os campi atingirão de forma abrangente os setores econômicos dos segmentos: agrário, industrial e tecnológico, de forma a ofertar cursos de acordo com as necessidades culturais, sociais e dos arranjos produtivos da região e de todo Estado, privilegiando os mecanismos de inclusão social e de desenvolvimento sustentável e promovendo a cultura do empreendedorismo e associativismo, apoiando processos educativos que levem à geração de trabalho e renda visando ao desenvolvimento regional.

Conforme o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), é missão do IFMT proporcionar a formação científica, tecnológica e humanística nos vários níveis e modalidades de ensino, pesquisa e extensão, de forma plural, inclusiva e democrática, pautada no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional, preparando o educando para o exercício da profissão e da cidadania com responsabilidade social e ambiental.

3.1 Histórico do Campus São Vicente

O IFMT – Campus São Vicente possui 5.000 hectares de área total e 30.599,0 m² de área construída. Está localizado no km 329 da rodovia BR 364, a 86 km da capital do Estado, no distrito de São Vicente, extremo leste do município de Santo Antônio do Leverger, tendo parte de sua área no extremo sudoeste do município de

Campo Verde, cuja sede é o núcleo urbano mais próximo, estando situado a 45 km do IFMT – Campus São Vicente. O segundo núcleo urbano mais próximo, Jaciara, tem sua sede a 55 km de distância.

A história da instituição do atual Campus São Vicente pode ser assim delineada. Foi instituído oficialmente pelo Decreto Nº 5.409 do dia 14 de abril de 1943 como “*Aprendizado Agrícola Mato Grosso*” com capacidade para 200 discentes de nível primário, passando a ser referência de formação agrícola.

Em 05 de novembro de 1956 passou a “Escola Agrícola Gustavo Dutra” e em 13 de fevereiro de 1964, a “Ginásio Agrícola Gustavo Dutra”, quando então oferecia na sua grade curricular o nível médio de ensino, e o curso ginásial, com destaque para o ingresso da primeira turma do gênero feminino.

Em março de 1978 passou a oferecer o curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio, transformando a realidade social da região, atraindo ainda mais estudantes e famílias de todo o Estado de Mato Grosso e regiões vizinhas, que somado aos já moradores, internos e funcionários da escola, compuseram a comunidade da Vila de São Vicente.

Em 04 de setembro de 1979 a instituição passou a chamar-se “Escola Agrotécnica Federal de Cuiabá-MT”, nome que divide mérito com “Escola Agrícola” de permanecer forte no imaginário e memória coletiva da sociedade mato-grossense.

A partir de 2002, passou a ser uma autarquia institucional autônoma, sendo denominado Centro Federal de Educação Tecnológica de Cuiabá (CEFET – CUIABÁ), passando a oferecer cursos nos níveis médio e superior (graduação e pós-graduação), nas modalidades integrada, subsequente e PROEJA.

Em 29 de dezembro de 2008, a Lei nº11.892 instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica que cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Dessa forma, o Centro Federal de Educação Tecnológica de Cuiabá passou a denominar-se Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT – Campus São Vicente. Trata-se de uma instituição pública vinculada ao Ministério da Educação e supervisionada pela Secretaria de Educação Média e Tecnológica (SEMTEC).

O IFMT – Campus São Vicente já ofertou cursos de nível técnico integrados ao ensino médio, de nível superior e pós-graduação, extensão e capacitação técnica. Sendo que atualmente estão sendo ofertados:

Curso técnico integrado:

- Técnico em Agropecuária (Integrado): com duração de 36 meses, período integral, funcionando no Campus São Vicente.

Cursos superiores:

- Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas: com duração de 03 anos sendo ministrado no Núcleo Avançado de Campo Verde – MT.
- Agronomia (Bacharelado): com duração de 05 (cinco) anos, sendo ministrado de forma integral no Campus São Vicente e no período integral e noturno no Núcleo Avançado de Campo Verde.
- Zootecnia (Bacharelado): com duração de 05 (cinco) anos, sendo ministrado no Campus São Vicente
- Tecnologia em Alimentos: com duração de 3 anos, sendo ministrado no Campus São Vicente.
- Tecnologia em Alimentos: com duração de 3 anos, sendo ministrado no Núcleo Avançado de Campo Verde.
- Licenciatura em Ciências da Natureza: com duração de 3,5 anos, sendo ministrado no Núcleo Avançado de Jaciara.

3.2 Histórico do Núcleo Avançado de Campo Verde

No final do ano de 2006, o então Centro Federal de Educação Tecnológica de Cuiabá (CEFET – CUIABÁ), ofertava o curso Técnico em Informática no período noturno, em São Vicente da Serra, distante 45 Km da cidade de Campo Verde de onde eram oriundos a maioria dos alunos, o que causava transtornos devido a traslado e consequente evasão.

Assim, para atender a esta demanda, diminuir a evasão e facilitar o processo de formação dos discentes, buscou-se estabelecer parceria ou convênio com a Prefeitura Municipal de Campo Verde, para que o curso pudesse ser ofertado na localidade. A prefeitura disponibilizou para a oferta do curso o mesmo local onde

eram ofertados cursos de graduação pela Universidade Federal de Mato Grosso – UNEMAT, um pequeno bloco pedagógico que naquele momento serviu de Unidade de Ensino Descentralizado – UNED do então CEFET – CUIABÁ.

A iniciativa de trazer a formação para mais perto da comunidade foi um sucesso, facilitando a vida dos alunos, muitos dos quais não tinham condições de arcar com as despesas de traslado e sofriam com as dificuldades da estrada. Por isso, no segundo semestre de 2007, além do curso Técnico em Informática, teve início na UNED de Campo Verde o Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas que passou a ser ofertado no período noturno.

Até o final do ano de 2009, o local funcionou como UNED do CEFET – CUIABÁ, agora transformado em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, IFMT – Campus São Vicente. Além desses dois cursos ofertados à comunidade, pretendia-se aumentar a oferta de cursos e estabelecer a UNED em Campo Verde, razão pela qual houve a doação pela Prefeitura Municipal de Campo Verde para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – Campus São Vicente, da área ocupada pela UNED, correspondente a 30.000 m², com área construída de 670,2 m², e o local passou então a ser denominado: Núcleo Avançado de Campo Verde – NACV.

A partir da doação da área e criação do Núcleo Avançado de Campo Verde – NACV, foram feitos investimentos em infraestrutura e passou-se a ofertar no primeiro semestre de 2010, o curso de Bacharelado em Agronomia no período noturno.

Prosseguindo com o programa de expansão e interiorização do ensino tecnológico, no primeiro semestre de 2011, novamente por conta de novos investimentos, tiveram início os Cursos de Agronomia Integral e Tecnologia em Alimentos Integral. Neste mesmo ano decidiu-se pela extinção do curso de Técnico em Informática pelo decréscimo da demanda.

Atualmente, os seguintes cursos são ofertados no Núcleo Avançado de Campo Verde – NACV:

- Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, período noturno;
- Tecnologia em Alimentos, período integral;
- Bacharelado em Agronomia, período noturno; e,
- Bacharelado em Agronomia, período integral.

Consideráveis recursos estão sendo investidos para estruturar e melhorar as

condições de funcionamento para os cursos existentes, bem como prover as condições necessárias para que o Núcleo possa atender à crescente demanda por cursos tecnológicos e superiores da comunidade campo verdense, se firmando como referência educacional para a sociedade.

4. Perfil do Curso

A Agronomia em sua historicidade se confunde com a história da agricultura. Se buscarmos a etimologia das duas palavras, verificamos que a primeira pode ser caracterizada como o estudo científico dos problemas físicos, químicos e biológicos colocados pela prática da agricultura, enquanto a segunda, pode ser caracterizada pelo conjunto de trabalhos que transformam o meio natural para a produção de vegetais e de animais, úteis ao homem. Disto, extrai-se que, embora sejam diferentes etimologicamente, se encontram tão profundamente interligadas que sua história se desenvolve concomitantemente.

A Agronomia deve buscar uma base de conhecimentos ampla e pluralista que, paralelo ao processo de contribuir tecnicamente com a produção, possibilite a construção de um desenvolvimento integral, levando em conta todas as interações, desdobramentos e necessidades do meio agrário. Deve, também, interagir amplamente com outras ciências na construção de novos modelos de desenvolvimento sustentável.

O curso foi concebido com o objetivo de propiciar a formação de profissionais de área agrônoma, para atuarem em atividades com foco no desenvolvimento rural sustentável, com sólida base de conhecimentos científicos, consciência ética e política e visão crítica da conjuntura econômica, social e cultural, capaz de atuar de forma local, regional, nacional e internacional. A prática democrática e a formação humanística serão incentivadas como condição inerente a qualquer atividade, cujos meios e fins são essencialmente o ser humano.

A formação curricular deverá proporcionar uma visão eclética, contribuindo para o estabelecimento de uma agricultura socialmente justa, economicamente viável e ecologicamente equilibrada quanto ao uso e manuseio do solo, plantas e animais. Isto será possível através de uma sólida base de conhecimentos científicos, aliada à formação de uma consciência ética e política e visão crítica da conjuntura econômica, social e cultural.

Dessa forma, o egresso estará preparado para adequar-se às atuais tecnologias da agropecuária contemporânea e também para atender às peculiaridades socioeconômico ambientais da região na área agrônômica, seja na produção sadia de alimentos, no manejo correto dos recursos naturais e dos animais contribuindo para a qualidade de vida e para a preservação ambiental.

4.1 Objetivo geral

O curso de Agronomia noturno do IFMT – Campus São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde, tem como objetivo formar engenheiros agrônomos capazes de exercer atividades acadêmicas e tecnológicas com habilidades e atitudes que lhes permitam participar de forma responsável, ativa, crítica e criativa na solução de problemas em toda cadeia produtiva da área agrônômica, capaz ainda, de continuar aprendendo ao longo da vida e adaptando-se com flexibilidade às diferentes condições do mundo do trabalho.

4.1.1 Objetivos Específicos

- Oferecer aos acadêmicos a oportunidade de elaborar e/ou participar em projetos de pesquisa científica aplicada, nos vários setores da produção vegetal ou a ele ligados, bem como os que se relacionarem à preservação, conservação e/ou melhoramento do meio ambiente.
- Possibilitar o desenvolvimento científico e a inovação tecnológica na área da agricultura, contribuindo com a melhoria das condições de vida das pessoas envolvidas na cadeia produtiva agropecuária, inclusive com relação à segurança alimentar.
- Colaborar com formação de profissionais conscientes para o desenvolvimento sustentável.
- Atuar com responsabilidade social como agente de difusão do conhecimento acadêmico e em desenvolvimento, através da pesquisa, do ensino e da extensão.
- Disponibilizar à sociedade profissionais que além de deter o conhecimento científico e a competência profissional na área agrônômica, tenham a responsabilidade social como prerrogativa de trabalho.

- Formar profissionais críticos e com visão política das várias relações socioeconômicas existentes na sociedade contemporânea.

4.1.2 Princípios Norteadores

O curso de Agronomia noturno do IFMT – Campus São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde, estabelece ações pedagógicas com base no desenvolvimento de condutas e atitudes com responsabilidade técnica e social.

O currículo deve garantir uma estreita relação entre o ensino da teoria e da prática, ambas fornecendo elementos fundamentais para a aquisição dos conhecimentos e habilidades necessários à atuação do profissional engenheiro agrônomo.

Com o apoio dos recursos tecnológicos educacionais, sem desprezar as aulas expositivas, os professores utilizarão metodologias que propiciem a aceleração do processo ensino-aprendizagem em atividades práticas, após ministrada a parte teórica, que serão desenvolvidas ao longo de todo o curso.

Serão considerados como atividades práticas: aulas em laboratórios, estudos de casos, pesquisas, seminários, painéis, simpósios, trabalhos em grupo, visitas técnicas, além do estágio supervisionado.

4.1.3 Habilidades e Competências

- O curso de Agronomia, período noturno, do Campus São Vicente, por meio de seu currículo propõe desenvolver no Engenheiro Agrônomo competências e habilidades profissionais para:
- projetar, coordenar, analisar, fiscalizar, assessorar, supervisionar e especificar técnica e economicamente projetos agroindustriais e do agronegócio, aplicando padrões, medidas e controle de qualidade;
- realizar vistorias, perícias, avaliações, arbitramentos, laudos e pareceres técnicos, com condutas, atitudes e responsabilidade técnica e social, respeitando a fauna e a flora e promovendo a conservação e/ou recuperação da qualidade do solo, do ar e da água, com uso de tecnologias integradas e sustentáveis do ambiente;

- atuar na organização e gerenciamento empresarial e comunitário, interagindo e influenciando nos processos decisórios de agentes e instituições, bem como na gestão de políticas setoriais;
- produzir, conservar e comercializar alimentos, fibras e outros produtos agropecuários;
- participar e atuar em todos os segmentos das cadeias produtivas do agronegócio;
- exercer atividades de docência, pesquisa e extensão no ensino técnico profissional, e ensino superior;
- exercer atividades de pesquisa, análise, experimentação, ensaios, divulgação técnica e de extensão;
- enfrentar os desafios das rápidas transformações no mundo do trabalho e na sociedade em geral, adaptando-se às novas situações emergentes.

4.1.4 Perfil do Egresso

O egresso deverá apresentar sólida formação técnico-científica e cultural, que lhe permita desenvolver a capacidade crítica e criativa, visando a adaptação às novas situações e a possibilidade de identificação e resolução de problemáticas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade.

O egresso, por estar inserido regionalmente em três grandes ecossistemas - Cerrado, Amazônia e Pantanal - deverá ter desenvolvido conhecimento da intrínseca relação de conservação dos recursos naturais envolvidos e os sistemas produtivos inerentes à profissão, estando capacitado a atuar de forma sustentável, primando pelo sucesso do tripé sócio, econômico e ambiental. Deste modo, contribuindo com a conservação e o equilíbrio do ambiente em que está inserido, sem inviabilizar o econômico e o social.

Desse modo, o engenheiro agrônomo estará capacitado a absorver e desenvolver tecnologias, adaptando-as ou desenvolvendo-as em cima de uma leitura crítica do ambiente que o cerca, visando a solução de problemas tecnológicos, socioeconômicos, gerenciais e organizativos do meio agrônomo.

A formação do egresso do curso de bacharelado em Agronomia noturno do IFMT- Campus São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde - NACV, está em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais determinadas pela Resolução CNE/CES Nº 1 de 02/02/2006.

4.2 Administração Acadêmica

O IFMT é dirigido por um Reitor, escolhido em processo eletivo pelos servidores do quadro ativo permanente: docentes, técnico-administrativos; e pelos discentes regularmente matriculados. É nomeado na forma da legislação vigente, para um mandato de 04 (quatro) anos, contados da data da posse, permitida uma recondução.

Cada Campus do Instituto Federal é dirigido por um Diretor-Geral, escolhido em processo eletivo pelos servidores do quadro ativo permanente: docentes, técnico-administrativos; e pelos discentes regularmente matriculados. É nomeado na forma da legislação vigente, para um mandato de 04 (quatro) anos, contados da data da posse, permitida uma recondução.

O coordenador de curso é eleito dentre os docentes que atuarem no curso e se dispuserem ao cargo e tem mandato de 02 (dois) anos, sendo permitida uma recondução. Não havendo candidatos o coordenador poderá ser nomeado por portaria pelo Diretor-geral.

As normas que regulamentam todo o processo de inscrição, votação e apuração dos votos dos cargos supracitados são estabelecidas no estatuto do IFMT, no caso de eleição para reitor; e, em regimento próprio do IFMT – Campus São Vicente, no caso de diretor geral de Campus e coordenador de curso.

4.2.1 Regime de Funcionamento do Curso

O curso de Agronomia noturno, do IFMT – Campus São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde é oferecido na modalidade Bacharelado, com duração de 5 (cinco) anos, totalizando 10 (dez) semestres e é ministrado em período noturno com aulas aos sábados por período integral. Serão oferecidas 70 vagas anuais, conforme a demanda e através dos mecanismos de acesso estipulados pela política de ingresso do IFMT e mencionados neste PPC.

A matriz curricular foi organizada para o oferecimento do curso com base em 20 (vinte) semanas letivas e hora/aula de 60 (sessenta) minutos, sendo composta por 10 (dez) semestres com disciplinas (obrigatórias e optativas), sendo que o último semestre é dedicado somente ao estágio supervisionado. Os semestres não são terminais, ou seja, não conferem ao discente certificação intermediária.

Observado os pré-requisitos das disciplinas, o discente que possuir mais que três disciplinas, de semestres anteriores, sem aproveitamento suficiente, de acordo com o Regimento Interno, deverá cursá-las obrigatoriamente antes das disciplinas do semestre que cursaria caso não possuísse as três disciplinas supra. Podendo o mesmo optar por cursar disciplinas que não comprometam as disciplinas do regime de dependência que terão prioridade.

A matrícula semestral é obrigatória e deverá anteceder ao início do semestre letivo, sendo de responsabilidade exclusiva do discente, que a efetuará em formulário próprio, em conformidade com o calendário acadêmico e com as orientações oriundas do registro escolar, sempre observando as orientações da coordenação de curso a quem cabe informar o melhor itinerário formativo para o discente em cada caso.

Se houver disciplinas em que não houve aproveitamento suficiente nos semestres anteriores, o discente deve indicar e matricular-se na mesma, se esta for ofertada, não obstante, caso haja conflito com o horário das disciplinas obrigatórias o coordenador de curso deverá ser consultado para orientar o discente sobre o melhor itinerário formativo a fim de definir o que priorizar.

As disciplinas estão dispostas de maneira a permitir o avanço contínuo e sistemático dos conhecimentos científicos e tecnológicos, observando-se os pré-requisitos mínimos estabelecidos.

São atividades constantes do currículo: as visitas técnicas, de pesquisa e extensão, a realização e/ou participação em seminários e eventos, bem como encontros e atividades do gênero.

Os discentes, regularmente matriculados nos Cursos Superiores do IFMT – Campus São Vicente ou de outras instituições, poderão requerer matrícula em unidades curriculares isoladas ou de matrizes curriculares de outras áreas de conhecimento, a título de enriquecimento curricular, de acordo com a disponibilidade de vagas, sendo o discente certificado pelo componente curricular cursado que

poderá ser aproveitado no cumprimento das atividades complementares, conforme Regulamento das Atividades Complementares.

O currículo pauta-se por fim na vivência da prática social e agrônômica, a fim de permitir a construção transdisciplinar da realidade.

4.2.2 Formas de Acesso ao Curso

Os discentes ingressam no curso de Agronomia por meio de concurso vestibular, satisfeitas as exigências legais estabelecidas em editais específicos de responsabilidade da política de ingresso do IFMT. Anualmente, serão oferecidas 70 (setenta) vagas distribuídas em duas turmas, sendo 50% no primeiro semestre letivo e os outros 50% no segundo semestre letivo, com ocorrência de dois processos seletivos anuais, dependentes da demanda pelo curso e das condições estruturais para a oferta.

No processo seletivo adotar-se-á uma ou mais das seguintes estratégias de avaliação definidas em edital:

- Provas de vestibular;
- ENEM;
- SISU;
- Outros a serem determinados previamente em edital específico que normatizará o processo seletivo, ou outro mecanismo legal.

O ingresso também poderá ocorrer por meio de processo seletivo com edital específico que atenderá às disposições da Normativa PROEN N° 2, de 06 de junho de 2011, para preenchimento de vagas remanescentes e/ou de transferência interna/externa, de acordo com o calendário acadêmico, além da transferência ex-offício amparada por lei.

4.2.3 Aproveitamento de Disciplinas

O aproveitamento de disciplinas ocorrerá a pedido do interessado através do setor de protocolo e a aceitação do pedido dependerá do parecer dos professores da área que, após análise do processo encaminhado pelo coordenador de curso, deliberarão pelo deferimento de forma total ou parcial, ou indeferimento do pedido. Caberá a Diretoria de Ensino a elaboração do calendário determinando prazo e

período para que o pedido seja protocolado.

O discente que julgue possuir domínio dos conhecimentos das unidades curriculares: Inglês Instrumental e Informática Básica, poderá requerer à Coordenação de Curso um exame de proficiência com parecer do professor da referida unidade curricular em que o discente estiver devidamente matriculado. Será dispensado de cursar a unidade curricular, o discente que obtiver nota mínima 7,0 (sete) no exame de proficiência.

4.2.4 Coordenação de Curso

O fortalecimento do curso de Agronomia no intuito de atingir a excelência desejada depende em parte da atuação de seu coordenador e da sua capacidade de exercer a gestão com competência. Para tanto, o coordenador de curso deve possuir perfil adequado e funções bem definidas. O foco de sua atenção deve se voltar para a gestão didático-pedagógica, onde se concentra a essência da qualidade.

Para o perfil do coordenador do curso de Agronomia recomenda-se que o mesmo tenha formação semelhante à sugerida para os docentes da área de Formação Profissionalizante em Agronomia. Embora não seja exigência do MEC, recomenda-se que o coordenador possua, também, no mínimo, o título de mestre.

4.2.5 Colegiado de Curso

Conforme dispõe o Regimento Unificado para os Colegiados de Cursos Superiores do IFMT – Campus São Vicente (Anexo 1), o Colegiado de Curso de Agronomia tem a seguinte composição:

- coordenador de curso (presidente do colegiado);
- dois docentes eleitos pelo corpo docente do curso;
- um discente representante eleito pelo corpo discente do curso;
- um representante do corpo técnico administrativo, especialista em assuntos pedagógicos, indicado pelo Departamento de Graduação e Pós-Graduação.

Os representantes do colegiado, com exceção do representante do corpo técnico, terão cada qual um suplente, eleito pelo mesmo processo e na mesma

ocasião da escolha dos titulares, aos quais substituem automaticamente, nas faltas, impedimentos ou vacância.

O mandato dos membros do Colegiado de Curso é de dois anos para os representantes do corpo docente e de um ano para o representante do corpo discente, sendo que a representação docente e discente poderá ser reconduzida por mais um mandato de igual período.

O colegiado de curso reúne-se ordinariamente pelo menos duas vezes em cada semestre letivo e extraordinariamente sempre que necessário mediante convocação do coordenador de curso ou por quaisquer membro mais um, quando houver justificativa.

Todos os professores que atuarem no curso poderão participar das reuniões do colegiado de curso, devendo ser informados das mesmas e, com sua participação contribuir com a melhoria do curso, não obstante, nas tomadas de decisões não terão direito a voto que se dará pela representatividade estipulada na composição do colegiado. A portaria de composição do Colegiado de curso consta como (anexo 7).

4.2.6 Núcleo Docente Estruturante - NDE

O núcleo docente estruturante tem como finalidade formular o projeto do curso, estabelecer estratégias de implantação do currículo e avaliar a execução dos objetivos propostos no Projeto Pedagógico de Curso (PPC), em consonância às diversas variáveis inerentes ao processo ensino-aprendizagem existentes em uma instituição pública ligada a um sistema educacional, com vistas ao seu aprimoramento.

Dentro desta perspectiva, busca-se uma política de ensino que procure atender aos anseios da sociedade em constante evolução. O fator qualidade deve ser preponderante no PPC, e para este fim é necessária a constante interação entre os diversos atores envolvidos. O Regimento do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Agronomia noturno do IFMT – Campus São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde e a portaria de nomeação da composição do atual NDE são apresentados nos Anexos 2 e 6, respectivamente.

5. Legislação Geral – Requisitos Legais

A vigente Lei de Diretrizes e Bases da Educação apresenta o conceito de diretrizes curriculares em substituição aos currículos mínimos, procurando trazer flexibilidade e autonomia para a gestão dos cursos.

Pensar em um currículo flexibilizado implica em repensar a própria instituição e sua política educacional. Supõe uma mudança nas suas relações estruturais para a formação de um perfil profissional de egresso que esteja voltado não apenas para o mercado de trabalho, mas também demonstre um comprometimento com as questões da cidadania e da sustentabilidade. A resolução de criação do curso de Agronomia noturno do IFMT – Campus São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde consta como (anexo 8).

5.1 Diretrizes Nacionais do Curso

A elaboração de documento referente às diretrizes curriculares foi discutido e analisado pelas diversas comissões de especialistas do Ministério da Educação.

Para os cursos de Graduação da Área de Ciências Agrárias, o MEC, por meio de Secretaria de Ensino Superior (SESU), instituiu a Comissão de Especialistas de Ciências Agrárias (CECA), por meio da Portaria 146, em 10 de Março de 1998, composta de cinco membros com o objetivo de propor as Diretrizes Curriculares para os cursos do Setor Agrário. Em 1999, a CECA apresentou à SESU uma minuta de resolução que instituiu as Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação na Área de Ciências Agrárias, porém apenas no ano de 2006 ocorreu a homologação da mesma, por meio da Resolução Nº. 1 de 02/02/2006, publicada no D.O.U. de 03/02/2006, Seção I, pág.31 e 32.

As Diretrizes acima mencionadas estipularam que os cursos de Agronomia devem ser organizados com base em uma matriz que contemple a formação em 03 (três) núcleos de abrangência previamente definidos, a saber:

- Núcleo dos Conteúdos Básicos;
- Núcleo dos Conteúdos Essenciais e,
- Núcleo dos Conteúdos Específicos, a fim de atingir a abrangência necessária à formação profissional.

Assim sendo, o presente curso em atendimento à resolução estruturou sua matriz curricular de forma a assegurar a interpenetrabilidade entre os 03 (três) núcleos de conteúdos, o que é requerido pela resolução.

5.2 Regulamentação Profissional

A regulamentação da profissão do Engenheiro Agrônomo decorre da Lei Nº 5.149, de 24 de dezembro de 1966, que “regula o exercício das profissões de Engenheiro, Arquiteto e Engenheiro Agrônomo”.

Além desse diploma legal maior, as atividades das diferentes modalidades profissionais da Engenharia, Arquitetura e Agronomia estão consubstanciadas na Resolução Nº 218 de 29 de junho de 1973, do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CONFEA). A fiscalização das atividades desses profissionais cabe ao CONFEA e, em âmbito regional, aos Conselhos Regionais de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA).

As atribuições do Engenheiro Agrônomo encontram-se discriminadas no artigo 5º da Resolução Nº 218. De acordo com essa resolução, compete ao Engenheiro Agrônomo o desempenho de atividades de supervisão, coordenação, orientação, planejamento, elaboração de orçamentos e projetos, assessoria, consultoria, vistoria, perícia, avaliação, arbitramento, padronização, mensuração, análise, controle de qualidade, execução e fiscalização de obras e serviços técnicos, condução de trabalho técnico, ensino, pesquisa e extensão, entre outras, referentes a: edafologia, química agrícola, microbiologia agrícola, agrometeorologia, irrigação e drenagem, mecanização na agricultura, construções rurais, fitotecnia, melhoramento vegetal, defesa sanitária, parques e jardins, recursos naturais renováveis, ecologia, zootecnia, melhoramento animal, agrostologia, alimentos, beneficiamento e conservação de produtos de origem vegetal e animal, tecnologia de transformação, zimotecnica, economia rural e áreas afins e correlatas.

Em 22 de agosto de 2005 foi aprovada pelo CONFEA, a Resolução Nº 1.010 que dispõe sobre a regulamentação da atribuição de títulos profissionais, atividades, competências e caracterização do âmbito de atuação dos profissionais inseridos no Sistema CONFEA/CREA, para efeito de fiscalização do exercício profissional e que entrou em vigor a partir de 1º de julho de 2007 e terá efeito sobre os formandos de 2012 em diante.

O artigo 5º dessa Resolução, para efeito de fiscalização do exercício profissional dos diplomados no âmbito do exercício das profissões inseridas no Sistema CONFEA/CREA, em todos os seus respectivos níveis de formação, ficam designadas as seguintes atividades, que poderão ser atribuídas de forma integral ou parcial, em seu conjunto ou separadamente, observadas as disposições gerais e limitações estabelecidas nos artigos 7º, 8º, 9º, 10º e 11º e seus respectivos parágrafos, sendo que as definições das atividades referidas no caput deste artigo encontram-se no glossário constante do Anexo I da referida Resolução, como segue:

- Gestão, supervisão, coordenação, orientação técnica;
- Coleta de dados, estudo, planejamento, projeto, especificação;
- Estudo de viabilidade técnico-econômica e ambiental;
- Assistência, assessoria, consultoria;
- Direção de obra ou serviço técnico;
- Vistoria, perícia, avaliação, monitoramento, laudo, parecer técnico, auditoria, arbitragem;
- Desempenho de cargo ou função técnica;
- Treinamento, ensino, pesquisa, desenvolvimento, análise, experimentação, ensaio, divulgação técnica, extensão;
- Elaboração de orçamento;
- Padronização, mensuração, controle de qualidade;
- Execução de obra ou serviço técnico;
- Fiscalização de obra ou serviço técnico;
- Produção técnica e especializada;
- Condução de serviço técnico;
- Condução de equipe de instalação, montagem, operação, reparo ou manutenção;
- Execução de instalação, montagem, operação, reparo ou manutenção;
- Operação, manutenção de equipamento ou instalação; e,
- Execução de desenho técnico.

5.3 Ações Afirmativas na Educação

Dentre os mecanismos legais para o aprimoramento da educação na

perspectiva da construção de uma sociedade mais justa e igualitária, figuram as ações afirmativas como meio de promoção da liberdade, da igualdade e da fraternidade e, meio institucional definido por lei, para o combate às desigualdades sociais e promoção de uma sociedade mais justa e fraterna.

5.3.1 Atendimento aos Portadores de Necessidades Especiais – PNE

Atendendo à legislação vigente (Decreto Nº 5.296/04 e Decreto Nº 5.773/06), o IFMT – Campus São Vicente implementou adaptações na infraestrutura de todos os setores, de forma a permitir a participação de portadores de necessidades especiais (PNEs) nas atividades acadêmicas sem quaisquer constrangimentos.

Em todas as entradas de setores em que existiam escadas ou elevações com degraus, foram construídas rampas com corrimãos para proporcionar a acessibilidade. Nos banheiros e sanitários coletivos foram adaptados suportes de forma a permitir o uso autônomo pelos portadores de necessidades especiais dessas dependências.

Está constituído e em fase de estruturação o Núcleo de Apoio a Portadores de Necessidades Especiais – NAPNE, que conta com uma servidora que está fazendo o curso de Libras em Cuiabá; faz parte do Plano de Capacitação dos técnicos administrativos um curso de 40 (quarenta) horas em Libras a fim de capacitá-los a interagir e auxiliar a comunidade surda.

Este núcleo, além de cuidar das questões dos PNE (Pessoas com Necessidades Especiais), também trabalhará em ações de promoção das relações étnico-raciais, de orientação sexual e prevenção ao uso de drogas. Para tanto, a partir de 2009/02 serão oferecidas, pela Diretoria de Ensino, oficinas com estas temáticas, como parte da política de ensino.

5.3.2 Adequação à Lei de Educação das Relações Étnico-raciais

Em atendimento a RESOLUÇÃO CNE-CP Nº 1 de 17-06-2004¹ que instituiu Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, o curso de Agronomia do IFMT – Campus São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde, noturno,

¹ Publicada no Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11.

contempla-se neste projeto pedagógico:

Ações Afirmativas na Educação

No bojo das ações afirmativas, aquelas que enfocam a promoção da educação como meio de combate às desigualdades sociais, figuram ações como:

- A instituição do sistema de cotas em universidades públicas;
- As modificações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional promovidas pela lei 10.639/2003 que incluiu no currículo oficial de escolas públicas e privadas de ensino básico o ensino de História e Cultura Afro-brasileira;
- As alterações promovidas pela lei nº 11.645/2008, para acrescentar à temática da lei 10.639/2003 a questão indígena;
- O Parecer CNE-CP Nº 03 de 10 de março de 2004 e;
- A Resolução CNE-CP Nº 01 de 17 de junho de 2004.

Tais conquistas são frutos das discussões e das mobilizações dos movimentos sociais, organizações não-governamentais, filantrópicas e internacionais que exigiram a abordagem da diversidade cultural e racial, como disciplina ou a partir dos temas transversais, a fim de desvelar a sua contribuição para a formação da sociedade brasileira.

Estas políticas compensatórias visam a valorizar a população negra e indígena e constituir a educação como ferramenta para a superação do racismo, da xenofobia e formas correlatas de intolerância e promover o combate às desigualdades causadas por qualquer forma de discriminação, promovendo o amparo e a inclusão das minorias tradicionalmente relegadas e prejudicadas pelo preconceito e a discriminação.

Assim, acrescentando conhecimentos que se mantiveram encobertos, provocando reflexões que desbancam a centralidade da cultura hegemônica de matriz europeia, da superioridade de povos e cultura; pretende-se inicialmente ampliar os espaços e garantir os direitos de igualdade de direitos, oportunidades e possibilidades de concorrer pelos mesmos espaços das populações prejudicadas.

O papel destinado à educação está no debate sobre tudo que sempre foi transmitido pela escola sobre a centralidade de uma cultura em detrimento das demais, de um povo sobre o outro, sobre os processos de exclusão provocados pelo preconceito e pela exploração, sobre as relações de poder, históricas, que manteve

sempre uma linha divisória entre o rico e o pobre, o negro e o branco, o indígena e o não-indígena, a cidade e o bairro, o centro e a periferia, etc.

O IFMT através deste curso pretende contribuir para com essa nova dinâmica de percepção e postura reflexiva para a sociedade brasileira, acolhendo a ampliação dos espaços das políticas compensatórias e contribuindo de forma efetiva para que a longo prazo, as diferenças evidenciadas diminuam e se equilibrem.

Assim sendo, o IFMT através da educação que oferece, firma o compromisso de assegurar nos currículos de seus cursos o disposto no Art. 7º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, transcrito abaixo:

Art. 7º As instituições de ensino superior, respeitada a autonomia que lhe é devida, incluirá nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos diferentes cursos que ministram, a Educação das Relações Étnico-raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes, nos termos explicitados no Parecer CNE/CP 003/2004.

Assim sendo, o IFMT compromete-se com uma educação baseada nos princípios da Educação das Relações Étnico-raciais, determinando que seu conteúdo seja trabalhado de forma transversal, contínua e permanente, não apenas nas disciplinas que tem por base esta temática, a saber: “Fundamentos Sócios Antropológicos” e Sódio Diversidade e Multiculturalismo”, mas em todos os componentes curriculares e esferas educativas da instituição, e que quaisquer situações de racismo e de discriminação sejam apuradas, e os envolvidos sejam objeto de orientação para que compreendam a dimensão de seus atos, contribuindo assim para uma educação para o reconhecimento, para a valorização e para o respeito mútuo.

Quaisquer atos de discriminação e preconceito serão objeto de retratação e/ou punição a ser definida pelo Colegiado do Curso envolvido, ou pelo Colegiado de Coordenadores do IFMT – Campus São Vicente, em conformidade com o que dispõe a Organização Didática do IFMT, acompanhado de ações educativas a serem implementadas através do Núcleo de Apoio aos Portadores de Necessidades Especiais – NAPNE, com o apoio da Assistente Social e da Psicóloga a quem caberão prestar assistência aos envolvidos para a completa superação de quaisquer incidentes.

Como atividade de conscientização, o Curso de Agronomia do IFMT – Campus São Vicente a cada ano, organizará um evento em que se procurará inserir na programação diversas apresentações culturais, como teatro, coral, dança, canto

e a abordagem das questões étnico-raciais e culturais da sociedade brasileira.5.3.3 Adequação às Exigências do Decreto 5.626/2005 – Libras

O IFMT – *Campus* São Vicente demonstra o seu compromisso com a igualdade de oportunidades e com o processo de inclusão visto que já possui espaços adaptados ao portador de necessidades especiais e possui ainda atendimento pedagógico diferenciado, destinado aos acadêmicos com dificuldades de aprendizagem através da Implantação do NAPNE (Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Especiais).

O Projeto pedagógico do Curso de Agronomia contempla a Língua Brasileira de Sinais – Libras – no elenco das disciplinas optativas que constituem a matriz curricular, atendendo ao que dispõe o decreto 5626/2005, o qual considera como pessoas surdas aquelas que, por terem ausência/perda auditiva significativa, compreendem e interagem com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura mediante esta língua.

Sempre que necessário e recursos houverem disponíveis, o IFMT se compromete a proporcionar o serviço de intérprete de LIBRAS a estudantes regularmente matriculados até que haja provisão para concurso nesta área de atuação que no momento inexistente na instituição.

5.3.4 Adequação à Lei de Educação Ambiental

No âmbito deste projeto pedagógico assumiu-se o compromisso de abordar transversalmente as questões ambientais tendo como parâmetro a seguinte definição oficial de Educação Ambiental elaborada pelo Ministério do Meio Ambiente:

“Educação ambiental é um processo permanente, no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornam aptos a agir – individual e coletivamente – e resolver problemas ambientais presentes e futuros.” (LEÃO & SILVA)

Tendo em vista que desde a implementação da Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999, regulamentada pelo decreto Nº 4.281, de 25 de junho de 2002, tornou-se obrigatória a inclusão da Educação Ambiental em todos os níveis e modalidades de ensino, conforme preconiza o artigo 5º, do referido decreto citado abaixo:

Art. 5º Na inclusão da Educação Ambiental em todos os níveis e modalidades de ensino recomenda-se como referência os Parâmetros e as Diretrizes Curriculares Nacionais, observando-se:

I - a integração da educação ambiental às disciplinas de modo transversal,

contínuo e permanente; e

II - a adequação dos programas já vigentes de formação continuada de educadores.

No caso do inciso I, em harmonia com a letra da lei, fica evidente que o que deve ser feito é incorporar a dimensão ambiental em todos os programas das disciplinas. O importante é “ambientalizar” os programas, quer dizer, tentar incluir os elementos ambientais, fundamentalmente os problemas ambientais, vinculando-os com os conteúdos específicos de cada disciplina.

No caso do inciso II, se faz necessário considerar o estabelecido no Art. 10 da lei 9.795 que conforme transcrito abaixo determina:

Art. 10. A educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal.

§ 1o A educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino.

§ 2o Nos cursos de pós-graduação, extensão e nas áreas voltadas ao aspecto metodológico da educação ambiental, quando se fizer necessário, é facultada a criação de disciplina específica.

§ 3o Nos cursos de formação e especialização técnico-profissional, em todos os níveis, deve ser incorporado conteúdo que trate da ética ambiental das atividades profissionais a serem desenvolvidas.

Para compreendermos a especificidade do Art. 5º inciso II, do decreto Nº 4.281, de 25 de junho de 2002 é necessário compreender o que significa a citação do parágrafo 2º da lei citada acima quando diz: “nas áreas voltadas ao aspecto metodológico da educação ambiental” e como este trecho complementa a especificidade mencionada.

As duas citações complementam-se para definir um campo específico da Educação Ambiental, ou seja, a possibilidade de criação de uma disciplina específica para tratar dos aspectos metodológicos e didáticos do Ensino da Educação Ambiental, sendo de aplicabilidade específica a cursos de formação de professores e/ou cursos de especialização em área específica ou correlata às de interesse didático ambiental.

Não obstante, em todas estas definições a ideia fundamental, o objetivo da Educação Ambiental estipulado na lei continua sendo: 'a criação de uma consciência ambiental na população através da educação; através da abordagem de elementos do meio ambiente, seus problemas e possibilidades de solução, dentro dos programas das diferentes disciplinas escolares, contemplando inclusive as de formação específica'.

Assim sendo, abstrai-se de uma leitura crítica da lei duas concepções para Educação Ambiental:

- Educação Ambiental genérica, que se caracteriza por um esforço para desenvolver a consciência ambiental nos educandos;
- Educação Ambiental específica, que se caracteriza por uma adequação nos currículos de formação continuada de educadores e em cursos de pós-graduação, visando a atender à necessidade de abordar especificamente as questões metodológicas e didáticas do Ensino da Educação Ambiental, o que justificaria a criação de uma disciplina específica.

Portanto, através da lei, a Educação Ambiental se constitui em via para se desenvolver a consciência ambiental nas pessoas, para que elas compreendam os processos naturais e socioeconômicos que afetam o meio ambiente e assumam posições responsáveis com vistas a contribuir para a resolução destas problemáticas.

É este o compromisso deste projeto de curso, visto que se entende que o despertar da consciência ambiental permitirá aos egressos atuarem de forma ética e convicta na busca de ações ecológicas e sustentáveis tanto na sua prática profissional, como no seu fazer diário.

O curso discute estas temáticas no próprio desenvolvimento dos conteúdos, assim em todas as disciplinas são previstas atividades de discussão coletiva destas temáticas em trabalhos individuais e em grupo. Prioritariamente, esta temática estará presente nas seguintes disciplinas obrigatórias: “Ecologia”; “Legislação Agrária e Ambiental”; “Manejo e Conservação do Solo e da Água”; “Gestão e Planejamento Ambiental”; “Defesa Vegetal” e “Manejo Integrado de Pragas”.

Além dessa metodologia de formação para as questões de educação ambiental, o IFMT – Campus São Vicente promove o resgate das questões de sustentabilidade nas relações homem X natureza, através da oferta de diferentes atividades no ensino, na pesquisa e na extensão, a exemplo do grupo de pesquisa em agroecologia e do núcleo de agroecologia.

5.3.5 Adequação à Lei de Educação em Direitos Humanos

O IFMT compromete-se com uma ação educativa que contemple os Direitos Humanos como seus princípios orientadores e a Educação em Direitos Humanos

como parte do processo educativo de forma transversal, contínua e permanente. Sem o respeito aos direitos Humanos não será possível consolidar uma democracia substancial, nem garantir uma vida de qualidade para todos. Estabelecendo seu compromisso com a construção de uma cultura de direitos, contribuindo para o bem-estar de todos e a afirmação das suas condições de sujeitos de direitos.

O Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos (PMEDH-2, 2010) que ressalta os valores de tolerância, respeito, solidariedade, fraternidade, justiça social, inclusão, pluralidade e sustentabilidade, tratando da sua implementação na educação superior, destaca a responsabilidade das IES com a formação de cidadãos éticos comprometidos com a construção da paz, com a defesa dos direitos humanos e dos valores da democracia, além da responsabilidade de gerar conhecimento, visando a atender aos atuais desafios dos direitos humanos tais como: a erradicação da pobreza, do preconceito e da discriminação, a reconstrução pós-conflito e a compreensão multicultural.

Em cumprimento do Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos (PMEDH-2, 2010) que estabeleceu que as responsabilidades das IES com a Educação em Direitos Humanos, no ensino superior, estão relacionadas aos processos de construção de uma sociedade mais justa, pautada no respeito e na promoção dos Direitos Humanos, tendo por escopo principal uma formação ética, crítica e política que visa a convivência na diversidade. Os cursos do IFMT devem contribuir para a construção de valores que busquem transformar a sociedade através de uma abordagem transversalizada em todas as esferas institucionais, não apenas nas disciplinas eleitas, mas em todas as esferas educativas da instituição, abrangendo: o ensino, a pesquisa, a extensão e a gestão.

O IFMT compromete-se em abordar estas esferas formativas como segue:

A formação ética se refere à formação de atitudes orientadas por valores humanizadores, como a dignidade da pessoa, a liberdade, a igualdade, a justiça, a paz, a reciprocidade entre povos e culturas, servindo de parâmetro ético-político para a reflexão dos modos de ser e agir individual, coletivo e institucional.

A formação crítica diz respeito ao exercício de juízos reflexivos sobre as relações entre os contextos sociais, culturais, econômicos e políticos, promovendo práticas institucionais coerentes com os Direitos Humanos.

A formação política deve estar pautada numa perspectiva emancipatória e transformadora dos sujeitos de direitos para a convivência na sociedade baseados

em uma cultura de paz.

6. Organização Curricular

Para a definição das disciplinas e seus conteúdos, foram consideradas as áreas de atuação e os conhecimentos necessários, considerando a nomenclatura tradicional no âmbito acadêmico dos cursos de Agronomia no Brasil, bem como a legislação que regulamenta o exercício do engenheiro agrônomo fiscalizado pelo sistema CONFEA/CREA, foram definidas as disciplinas que levariam à obtenção deste conhecimento e que irão compor o currículo do curso. Neste mesmo estudo também foram identificadas disciplinas que comporiam a parte fixa e flexível do curso e o enquadramento das mesmas como do núcleo das disciplinas básicas, essenciais e específicas.

Cabe ressaltar que em 2006, foi elaborado um primeiro projeto pedagógico para a criação do curso de Agronomia no CEFET Cuiabá. Tal documento foi revisto e utilizado como premissa para a composição do presente projeto pedagógico, visando o seu aprimoramento.

No Quadro 1 é apresentada a adequação da Estrutura Curricular do curso de Graduação em Agronomia do IFMT – Campus São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde, período noturno, aos conteúdos citados nas diretrizes curriculares para os cursos de Agronomia, conforme a Resolução CES/CNE N° 01/2006.

Quadro 1. Comparação entre as Diretrizes Curriculares Nacionais e o Currículo pleno proposto para o curso de Graduação em Agronomia noturno do IFMT – Campus São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde.

Diretrizes Curriculares de Agronomia (Resolução CES/CNE n° 01/2006)	Proposta Curricular - Disciplinas
I. NÚCLEO DE CONTEÚDOS BÁSICOS	
CONTEÚDOS	DISCIPLINAS
Matemática	Cálculo I; Cálculo II e Álgebra de Matrizes; Topografia I; Topografia II;
Física	Física geral;
Química	Química Geral e Inorgânica; Química Orgânica; Química Analítica; Bioquímica;
Biologia	Biologia Celular; Ecologia; Zoologia; Entomologia Agrícola; Fisiologia Vegetal;

	Genética Básica;
Estatística	Estatística; Inglês Instrumental;
Informática	Informática Básica;
Expressão Gráfica	Português Instrumental; Desenho Técnico; Metodologia Científica.

II. NÚCLEO DE CONTEÚDOS PROFISSIONAIS ESSENCIAIS	
CONTEÚDOS	DISCIPLINAS
Agrometeorologia e Climatologia	Agrometeorologia;
Avaliação e Perícias	Consultoria e Assessoria Agropecuária;
Biotecnologia	Melhoramento Genético de Plantas;
Fisiologia Vegetal e Animal	Anatomia e Sistemática Vegetal; Anatomia e Fisiologia Animal;
Cartografia, Geoprocessamento e Georreferenciamento	Sensoriamento Remoto; Geoprocessamento;
Comunicação, Ética, Legislação, Extensão e Sociologia Rural	Deontologia; Legislação Agrária e Ambiental; Sociologia e Extensão Rural; Associativismo e Cooperativismo;
Construções Rurais, Paisagismo, Floricultura, Parques e Jardins	Construções Rurais; Floricultura e Paisagismo;
Economia, Administração Agroindustrial, Política e Desenvolvimento Rural	Economia e Administração Rural; Associativismo e Cooperativismo;
Energia, Máquinas, Mecanização Agrícola e Logística	Mecanização Agrícola;
Genética de Melhoramento, Manejo e Produção e Florestal, Zootecnia e Fitotecnia	Zootecnia I (Aves e Suínos); Zootecnia II (Bovinos e Ovinos); Fitotecnia I (Algodão e Soja); Fitotecnia II (Arroz, Milho e Feijão); Fitotecnia III (Girassol, Trigo e Mandioca); Fitotecnia IV (Café e Cana-de-Açúcar); Olericultura; Silvicultura; Fruticultura; Forragicultura e Pastagens;
Gestão Empresarial, Marketing e Agronegócio	Economia e Administração Rural; Associativismo e Cooperativismo;
Hidráulica, Hidrologia, Manejo de Bacias Hidrográficas, Sistemas de Irrigação e Drenagem	Hidráulica Geral; Irrigação e Drenagem; Manejo e Conservação do Solo e da Água;
Manejo e Gestão Ambiental	Gestão e Planejamento Ambiental;
Microbiologia e Fitossanidade	Microbiologia Geral; Fitopatologia Geral; Fitopatologia Aplicada; Controle Químico de Plantas Invasoras; Manejo Integrado de Pragas; Defesa Vegetal;
Sistemas Agroindustriais	Tecnologia de Processamento de Alimentos; Tecnologia em Aplicação de Defensivos;
Solos, Manejo e Conservação do Solo e da Água, Nutrição de Plantas e Adubação	Gênese, Morfologia e Classificação de Solos; Física do Solo; Fertilidade do Solo; Manejo e Conservação do Solo e da Água; Nutrição Mineral de Plantas;
Técnicas e Análises Experimentais	Estatística Experimental;
Tecnologia de Produção, Controle de	Tecnologia de Processamento de Alimentos;

Qualidade e Pós-Colheita de Produtos Agropecuários	Secagem e Armazenagem de Grãos; Produção e Tecnologia de Sementes.
--	--

III. NÚCLEO DE CONTEÚDOS PROFISSIONAIS ESPECÍFICOS	
CONTEÚDOS	DISCIPLINAS
Trabalho de Conclusão de Curso	Trabalho de Conclusão I; Trabalho de Conclusão II; Trabalho de Conclusão III;
Estágio Supervisionado	Estágio Curricular Supervisionado;
Outros Componentes Curriculares	Atividades Complementares (120 horas);

DISCIPLINAS OPTATIVAS E SEU ENQUADRAMENTO	
CONTEÚDOS	DISCIPLINAS
1. Núcleo Básico	- Fundamentos Sócios Antropológicos; - Sócio Diversidade e Multiculturalismo; - Mapas Sócio-Geopolíticos; - Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS;
2. Núcleo Essencial	Gestão e Análise Econômica de Sistemas Agroindustriais;
3. Núcleo Específico	- Resíduos na Agricultura; - Piscicultura; - Apicultura.

6.1 Matriz Curricular

Cada disciplina recebeu um código composto por 03 (três) letras e 03 (três) números separados por um traço. As letras AGN identificam o curso de Agronomia Noturno do Núcleo Avançado de Campo Verde, o traço é um separador e quanto aos números, a centena indica o semestre em que a disciplina é ofertada, a dezena e a unidade a ordem na matriz por semestre.

Além destes códigos, há os códigos EST e OP que se aplicam, respectivamente, ao Estágio Curricular Supervisionado e às Disciplinas Optativas, também considerados requisitos obrigatórios e com regras particulares, sendo estes códigos antecidos pelo código de curso e pelo traço separador e no caso das disciplinas optativas, pelo número de ordem após o código: OP1, OP2, etc.

No Quadro 2 é apresentado a sequência das disciplinas obrigatórias da matriz do curso de Agronomia, período noturno, do IFMT – Campus São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde.

Quadro 2. Disciplinas obrigatórias do curso de Agronomia, período noturno, do IFMT – Campus São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde.

MATRIZ I – 1º SEMESTRE				
Código	Disciplinas	Aulas	Carga	Pré-requisito
		Semanais	Horária	
AGN-101	Deontologia	02	40	Não se aplica
AGN-102	Biologia Celular	02	40	Não se aplica
AGN-103	Física Geral	02	40	Não se aplica
AGN-104	Informática*	02	40	Não se aplica
AGN-105	Inglês Instrumental*	02	40	Não se aplica
AGN-106	Cálculo I	03	60	Não se aplica
AGN-107	Português Instrumental	02	40	Não se aplica
AGN-108	Química Geral e Inorgânica	03	60	Não se aplica
AGN-109	Química Orgânica	03	60	Não se aplica
Total do Semestre		21	420	

* Disciplinas passíveis de exame de proficiência para dispensa do componente curricular.

MATRIZ I – 2º SEMESTRE				
Código	Disciplinas	Aulas	Carga	Pré-requisito
		Semanais	Horária	
AGN-201	Cálculo II e Álgebra de Matrizes	02	40	AGN-106
AGN-202	Anatomia e Sistemática Vegetal	04	80	AGN-102
AGN-203	Desenho Técnico	02	40	Não se aplica
AGN-204	Ecologia	03	60	Não se aplica
AGN-205	Estatística	02	40	AGN-106
AGN-206	Química Analítica	02	40	AGN-108
AGN-207	Zoologia	02	40	Não se aplica
Total do Semestre		17	340	

MATRIZ I – 3º SEMESTRE				
Código	Disciplinas	Aulas	Carga	Pré-requisito
		Semanais	Horária	
AGN-301	Topografia I	04	80	Não se aplica
AGN-302	Agrometeorologia	04	80	AGN-103
AGN-303	Estatística Experimental	03	60	AGN-205
AGN-304	Mecanização Agrícola	03	60	Não se aplica
AGN-305	Microbiologia Geral	02	40	AGN-102
AGN-306	Gênese, Morfologia e Classificação de Solos	03	60	AGN-206
AGN-307	Metodologia Científica	02	40	Não se aplica
AGN-308	Bioquímica	03	60	AGN-109
Total do Semestre		24	480	

MATRIZ I – 4º SEMESTRE				
Código	Disciplinas	Aulas	Carga	Pré-requisito
		Semanais	Horária	
AGN-401	Fitopatologia Geral	03	60	AGN-305
AGN-402	Topografia II	04	80	AGN-301
AGN-403	Entomologia Agrícola	03	60	AGN-207
AGN-404	Fisiologia Vegetal	04	80	AGN-202, AGN-308
AGN-405	Física do Solo	03	60	AGN-306
AGN-406	Legislação Agrária e Ambiental	02	40	Não se aplica
AGN-407	Genética na Agropecuária	03	60	AGN-308
Total do Semestre		22	440	

MATRIZ I – 5º SEMESTRE				
Código	Disciplinas	Aulas	Carga	Pré-requisito
		Semanais	Horária	
AGN-501	Construções Rurais	03	60	AGN-203
AGN-502	Fitopatologia Aplicada	03	60	AGN-401
AGN-503	Hidráulica Geral	04	80	AGN-103
AGN-504	Controle Químico de Plantas Invasoras	02	40	AGN-404
AGN-505	Manejo Integrado de Pragas	03	60	AGN-403
AGN-506	Melhoramento Genético de Plantas	03	60	AGN-407
AGN-507	Fertilidade do Solo	03	60	AGN-405
AGN-508	Anatomia e Fisiologia Animal	03	60	Não se aplica
Total do Semestre		24	480	

MATRIZ I – 6º SEMESTRE				
Código	Disciplinas	Aulas	Carga	Pré-requisito
		Semanais	Horária	
AGN-601	Irrigação e Drenagem	04	80	AGN-503
AGN-602	Nutrição Mineral de Plantas	03	60	AGN-507
AGN-603	Tecnologia de Aplicação de Defensivos	03	60	AGN-505
AGN-604	Zootecnia I (Aves e Suínos)	03	60	AGN-508
AGN-605	Zootecnia II (Bovino e Ovino)	03	60	AGN-508
AGN-606	Trabalho de Conclusão de Curso I	02	40	AGN-303, AGN-307
AGN-607	Manejo e Conservação do Solo e da Água	03	60	AGN-507
AGN-608	Disciplina Optativa	02	40	Não se aplica
Total do Semestre		23	460	

MATRIZ I – 7º SEMESTRE				
Código	Disciplinas	Aulas	Carga	Pré-requisito
		Semanais	Horária	
AGN-701	Fitotecnia I (Algodão e Soja)	04	80	AGN-602
AGN-702	Olericultura	03	60	AGN-602
AGN-703	Silvicultura	03	60	Não se aplica
AGN-704	Sensoriamento Remoto	02	40	Não se aplica
AGN-705	Economia e Administração Rural	03	60	Não se aplica
AGN-706	Sociologia e Extensão Rural	02	40	Não se aplica
AGN-707	Trabalho de Conclusão de Curso II	02	40	AGN-606
AGN-708	Fruticultura	03	60	AGN-602
Total do Semestre		22	440	

MATRIZ I – 8º SEMESTRE				
Código	Disciplinas	Aulas	Carga	Pré-requisito
		Semanais	Horária	
AGN-801	Fitotecnia II (Arroz, Milho e Feijão)	04	80	AGN-602
AGN-802	Fitotecnia III (Girassol, Trigo e Mandioca)	04	80	AGN-602
AGN-803	Geoprocessamento	04	80	AGN-704
AGN-804	Trabalho de Conclusão de Curso III	02	40	AGN-707
AGN-805	Produção e Tecnologia de Sementes	03	60	Não se aplica
AGN-806	Associativismo e Cooperativismo	02	40	Não se aplica
AGN-807	Gestão e Planejamento Ambiental	02	40	AGN-406
Total do Semestre		21	420	

MATRIZ I – 9º SEMESTRE				
Código	Disciplinas	Aulas	Carga	Pré-requisito
		Semanais	Horária	
AGN-901	Floricultura e Paisagismo	03	60	AGN-602
AGN-902	Tecnologia de Processamento de Alimentos	03	60	AGN-308
AGN-903	Defesa Vegetal	03	60	AGN-603
AGN-904	Fitotecnia IV (Café e Cana-de-açúcar)	03	60	AGN-602
AGN-905	Consultoria e Assessoria Agropecuária	02	40	Não se aplica
AGN-906	Secagem e Armazenagem de Grãos	03	60	Não se aplica
AGN-907	Forragicultura e Pastagens	03	60	AGN-607
Total do Semestre		20	400	

MATRIZ I – 10º SEMESTRE				
Código	Disciplinas	Aulas	Carga	Pré-requisito
		Semanais	Horária	
AGN-EST	Estágio Curricular Supervisionado	18	360	Integralização Curricular
Total do Semestre		18	360	

Quadro 3. Resumo da carga horária do curso de Agronomia Noturno, do IFMT – Campus São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde.

MATRIZ I – Quadro de Integralização do Currículo											
SEMESTRE	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	Total
Aula por Semana	21	17	24	22	24	23	22	21	20	18	212
Horas	420	340	480	440	480	460	440	420	400	360	4240
Horas de Atividades Complementares*											150
Total da Carga Horária do Curso											4.390

* As Atividades Complementares serão integralizadas conforme seu regulamento.

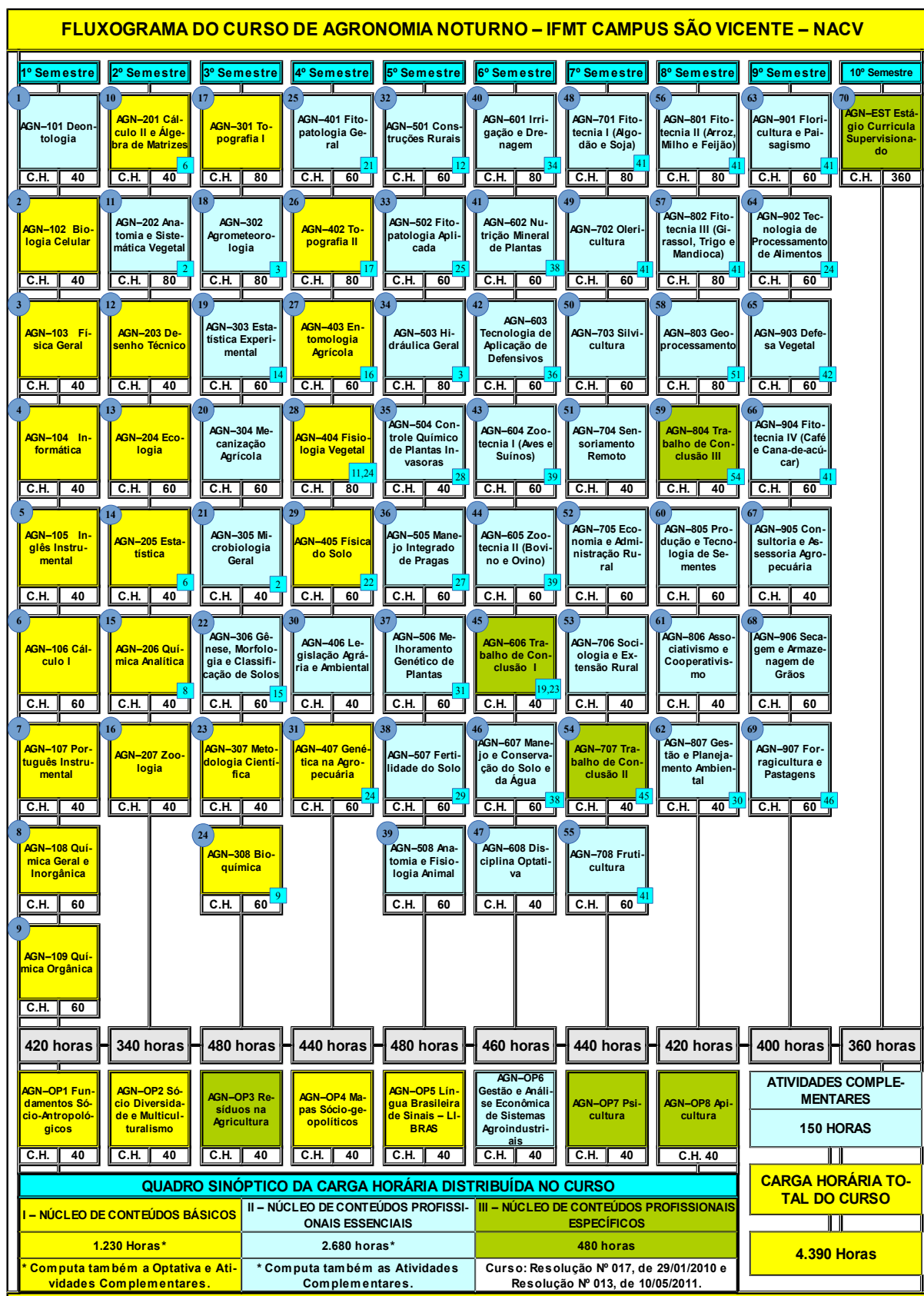
Prazo mínimo sugerido para integralização curricular = 10 SEMESTRES

Prazo máximo sugerido para integralização curricular = 16 SEMESTRES

Quadro 4. Disciplinas optativas oferecidas no curso de Agronomia noturno do IFMT – Campus São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde.

MATRIZ I – QUADRO DE DISCIPLINAS OPTATIVAS*				
Código	Disciplina	Aulas	Carga	Pré-requisito
		Semanais	Horária	
AGN-OP1	Fundamentos Sócios Antropológicos	2	40	Não se aplica
AGN-OP2	Sócio Diversidade e Multiculturalismo	2	40	Não se aplica
AGN-OP3	Resíduos na Agricultura	2	40	Não se aplica
AGN-OP4	Mapas Sócio-geopolíticos	2	40	Não se aplica
AGN-OP5	Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	2	40	Não se aplica
AGN-OP6	Gestão e Análise Econômica de Sistemas Agroindustriais	2	40	Não se aplica
AGN-OP7	Psicultura	2	40	Não se aplica
AGN-OP8	Apicultura	2	40	Não se aplica
Observação: A disciplina optativa será escolhida por maioria simples por ocasião da oferta.				
* O quadro de disciplinas optativas poderá ser alterado na perspectiva da atualização da proposta de formação do curso, devendo ser essa alteração proposta pelo NDE e aprovada pelo Colegiado do curso de Agronomia.				

6.2. Fluxograma do Curso



6.3 Disciplinas Semipresenciais

De acordo com a Portaria do MEC N° 4059, de 10 de dezembro de 2004, a modalidade semipresencial é caracterizada como qualquer atividade didática, módulo ou unidade de ensino-aprendizagem centrados na autoaprendizagem e com a mediação de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação que utilizem tecnologias de comunicação remota.

Tais iniciativas compõem um escopo comum de política e orientação instrumental, na expectativa de eliminar as distâncias por meio de inúmeros recursos tecnológicos, possibilitando uma diversidade de arranjos e combinações para um ensino atualizado, que atenda às demandas sociais e econômicas.

O conceito de aulas semipresenciais está vinculado à ideia de flexibilidade do currículo. Isto implica ritmo e condições de aprendizagem que cumprem exigências curriculares estabelecidas, exigindo grande maleabilidade para responder a diferentes ritmos. O uso de novas tecnologias de comunicação TICs e da informática introduz desafios de organização de conteúdos que pedem gerência, desenho, lógica, linguagem, acompanhamento, avaliação e recursos diversos com linguagens e estruturas próprias para ambientes à distância.

No curso de graduação em Agronomia do IFMT – Campus São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde, período noturno, as disciplinas oferecidas na modalidade semipresencial com a concordância do docente são:

- TC I – 40 horas;
- TC II – 40 horas;
- TC III – 40 horas;
- Deontologia – 40 horas, e;
- Metodologia Científica – 40 horas.

Tais disciplinas perfazem um total de 200 (duzentas) horas, sendo que até 50% da carga horária de cada disciplina poderá ser ministrada na modalidade semipresencial, utilizando-se para tanto de recursos da tecnologia da informação e comunicação - TICs.

Outros componentes da matriz curricular do curso de Agronomia poderão ser ministrados na modalidade semipresencial, desde que a oferta da mesma nessa modalidade seja aprovada pelo Núcleo Docente Estruturante do Curso e pelo

Colegiado de Curso, mediante a proposição ou aceitação do docente, e atenda a premissa de que as disciplinas ofertadas nessa modalidade não ultrapassem 20% da carga horária do curso, conforme previsto na LDB, Lei 9.394/96.

6.4 Conteúdo Programático e Ementas das Disciplinas

6.4.1 Ementas do 1º Semestre

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-101	Disciplina:	Deontologia			
Carga Horária:	40	Semestre:	1º	Nº de aulas semanais:	02	
Objetivos: Conhecer o processo de formação do profissional em Agronomia, seus principais campos de atividade. Principais organizações relacionadas à atividade do engenheiro agrônomo. Histórico e importância da agronomia, aspectos curriculares, legislação, ética e organização profissional, atuação e mercado de trabalho para o engenheiro agrônomo.						
Ementa: História e evolução da agricultura. Importância econômica e social da profissão de engenheiro agrônomo. O IFMT e o curso de agronomia. Atribuições profissionais. Organização da classe agrônômica (associações, federações e sindicatos) e do setor agrícola (público e privado) a nível federal, estadual e municipal. Sistema CONFEA/CREA. Legislação profissional. Ética profissional: código de ética e deontologia. Mercado de trabalho: principais campos de atividade do engenheiro agrônomo. Estudo da importância e aplicação prática das áreas de conhecimento agrônômico abordado durante o curso de agronomia.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
ALVARENGA, O. M. Agricultura brasileira: realidade e mitos . Rio de Janeiro: Revan, 1998. 285p. ABBOUD, A. C. S. Introdução À Agronomia . Rio de Janeiro-RJ: Interciência: 2013, 644p. MIRANDA, E. E. Agricultura No Brasil do Século XXI . São Paulo-SP: Metalivros, 2012, 298 p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
SANTOS, B. R. E. Os caminhos da agricultura brasileira, BM&F . Brasil: Editora Bib. Orton IICA / CATIE, 2001, 329 p. BRUMER, A. D. P. Agricultura Latino-americana: Novos Arranjos e Velhas questões . Porto Alegre (RS): Ed. da UFRGS, 2005. ESPIRITO SANTO, B. R. F. Os Caminhos da Agricultura Brasileira . São Paulo: Evoluir, 2001. DEL GROSSI, MAURO EDUARDO, O novo rural: uma abordagem ilustrada . Volume 1, Londrina – PR: Instituto Agrônomo do Paraná, 2002, 53p. PINSKY, J. Pequena história da agricultura no Brasil . São Paulo – SP: Contexto, 1990, 102p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-102	Disciplina:	Biologia Celular			
Carga Horária:	40	Semestre:	1º	Nº de aulas semanais:	02	
Objetivos: Apresentar ao aluno as estruturas dos distintos tipos de células procariontes e eucariontes, célula animal e vegetal, suas organelas com as distintas funções e o controle celular de diferenciação; a reprodução nos seres unicelulares e a multiplicação e especialização nos multicelulares; os processos bioquímicos intracelulares e as relações com outras células e com o meio extracelular.						
Ementa: Introdução e histórico do estudo da biologia celular. Tipos de células. Membranas, tráfego intracelular e extracelular, transporte intracelular e citoesqueleto. Mitocôndrias e cloroplastos e armazenamento de energia. Organelas celulares. Divisão celular, mitose e meiose. Células germinativas e reprodução em unicelulares. Mecanismos de multiplicação e especialização de células nos multicelulares.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
DE ROBERTIS, E.; DE HIB, J. Bases da biologia celular e molecular . 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 408 p.						
RAVEN, P. H.; CURTIS, H. A. Biologia vegetal . Rio de Janeiro – RJ: Guanabara Koogan, 2007, 830 p.						
JUNQUEIRA, L.C.U.; CARNEIRO, J. Histologia básica . 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999. 427p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
ALBERTS, B.; JOHNSON, A.; LEWIS, J.; RAFF, M.; ROBERTS, K.; WALTER, P. Biologia molecular da célula . 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 1549 p.						
CARVALHO, H.F.; RECCO-PIMENTEL, S.M. (Eds.) A célula . 2 ed. São Paulo: Manole, 2007. 396p.						
JUNQUEIRA, L. C. Biologia celular e molecular , 8 ed., Rio de Janeiro – RJ: Guanabara Koogan, 2011, 348p.						
VIEIRA, E. C. Bioquímica celular e biologia molecular . São Paulo: Atheneu, 1991.						
DE ROBERTIS, EDUARDO M. F. Biologia celular e molecular , 14 ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003, 430p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-103	Disciplina:	Física Geral		
Carga Horária:	40	Semestre:	1º	Nº de aulas semanais:	02
Objetivos: Transmitir conhecimentos que possibilitem uma formação crítica, valorizando desde a abordagem de conteúdos específicos ate suas implicações históricas, desenvolvendo habilidades e potencialidades para exercer seu papel na sociedade, compreendendo as etapas do método científico e estabelecendo uma conexão com temas do cotidiano e que se articulam com outras áreas do conhecimento.					
Ementa: Notação científica e algarismos significativos; Medidas físicas, leis de Newton: equilíbrio e dinâmica; noções de resistência dos materiais; mecânica dos fluidos; trabalho e energia, lei da conservação da energia; introdução aos conceitos de termodinâmica; leis da termodinâmica; gases ideais; Noções de eletricidade; tópicos de biofísica.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
SERWAY, R. A.; JEWETT JR, J. W. Princípios de física - v.2.: movimento ondulatório e termodinâmica. São Paulo: Thomson Pioneira, 2004. 669p.					
SERWAY, R. A.; JEWETT JR, J. W. Princípios de física - v.1: mecânica clássica. São Paulo: Thomson Pioneira, 2003. 488p.					
FERRARO, N. G. Física básica. 3 ed.,Atual. 2009, 720 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
HALLIDAY, D.; RESNIK, R.; WALKER, J. Fundamentos de física - v.1 - mecânica. 8 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009. 368p.					
TIPLER, PAUL A. Física para cientistas e engenheiros, volume 1 : mecânica, oscilações e ondas termodinâmica, 4 ed.. Rio de Janeiro – RJ: LTC, 2000, 651 p.					
SERWAY, R. A.; JEWETT JR, J. W. Princípios de física, v.3 - eletromagnetismo. São Paulo: Thomson Pioneira, 2004. 941p.					
SILVEIRA, G. M. da,. Máquinas para a pecuária. São Paulo – SP: Nobel, 1997, 168p.					
SILVEIRA, G. M. da,. As máquinas para colheita e transporte. São Paulo – SP: Globo, 1990, 184p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-104	Disciplina:	Informática		
Carga Horária:	40	Semestre:	1º	Nº de aulas semanais:	02
Objetivos: Introduzir o aluno no universo computacional com fundamentos de computadores e sistemas operacionais. Tornar o aluno apto a desenvolver atividades utilizando os recursos computacionais de editor de texto, planilhas e programas de apresentação, para maximizar seu potencial no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos e profissionais. Aprimorar suas capacidades de pesquisa e uso da internet para descoberta e socialização de conhecimento.					
Ementa: Fundamentos de computação: o que é um computador, hardwares, softwares, dispositivos de entrada e de saída. Sistemas operacionais: tipos e funcionalidades principais. Segurança e pesquisa na internet. Ferramentas de Edição de Texto, Planilhas de Cálculo e de Apresentação de Slides.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
MONTEIRO, M. A. Introdução à organização de computadores . LTC. Rio de Janeiro. 2002. NORTON, P. Introdução a informática . São Paulo: Makron, 2010, 632p. ANTUNES, L. M.; ENGEL, A. Uma informática na agropecuária . Guaíba: Agropecuária, 1996.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
CAPRON, H. L. Introdução à informática , 8 ed., São Paulo: Editora Pearson, 2010, 352p. CARMO, J. C. O que é Informática , 5 ed. São Paulo, SP: Editora brasiliense, 1991, 88 p. VELLOSO, F. C. Informática conceitos básicos . 8 ed., Rio de Janeiro: Campus, 2011, 361p. LANCHARRO, E. A.; LOPEZ, M. G.; FERNANDEZ, S. P. Informática básica . Makron Books. São Paulo. 1991. NASCIMENTO, A. J. Introdução à informática , 3 ed., SP: Afiliada, , 1993, 154p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-105	Disciplina:	Inglês Instrumental			
Carga Horária:	40	Semestre:	1º	Nº de aulas semanais:	02	
Objetivos: Disponibilizar aos acadêmicos as técnicas e estratégias de leitura em inglês instrumental, a fim de capacitá-los na leitura e compreensão de textos pertinentes a área.						
Ementa: Técnicas de leitura em diferentes níveis de compreensão. Estudo de itens lexicais e categoriais. Estudo da estrutura textual. Funções linguísticas dos textos.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
MICHAELIS: Dicionário escolar inglês . 2 ed., São Paulo – SP: Melhoramentos, 2010, 843p.						
OLIVEIRA, S. Para ler e entender: inglês instrumental. Brasília: Projeto Escola de Idiomas, 2003.						
SOCORRO, E. Inglês Instrumental: estratégias de leitura . Halley SA. Gráfica e Editora: Teresina, 1996.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
ROMEISER, J. B. Vamos falar inglês: curso interativo completo - Texto e manual para pessoas que falam português . São Paulo – SP: The Learning Company. 1994, 398p.						
GALLO, Inglês Instrumental. Módulo 1 , Editora Icone, São Paulo, 2008.						
LIGHTBOWN, P. M. e SPADA, N. How languages are learned . Oxford: Oxford University press, 1993.						
OXFORD. Dicionário escolar para Estudantes Brasileiros . Oxford: OUP, 2005.						
SOCORRO, E. Inglês Instrumental: estratégias de leitura . Halley SA. Gráfica e Editora: Teresina, 1996.						
SOUZA, A. G. F.; ABSY, C.; COSTA, G. C.; MELLO, L. F. Leitura em língua inglesa: uma abordagem instrumental . 3 ed., São Paulo: Disal, 2005. 152 p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-106	Disciplina:	Cálculo I		
Carga Horária:	60	Semestre:	1º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Instrumentalizar os discentes com ferramentas matemáticas e geométricas, para solucionar problemas do cotidiano profissional bem como dar bases gerais para diversas outras disciplinas do curso.					
Ementa: Números Reais. Funções e seus gráficos: operações com funções, funções polinomiais, trigonométricas, exponenciais e logarítmicas. Limite e continuidade: conceito, definição e propriedades. Derivadas: definição, derivadas imediatas, notações para a derivada, regras de derivação, regra da cadeia para derivação de funções compostas. Aplicações da derivada - estudo da variação de funções.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
FERREIRA, R. S. Matemática aplicada às ciências agrárias . Viçosa: UFV, 1999. 333 p.					
LEITHOLD, L. O cálculo com geometria analítica . 3 ed. São Paulo: Harbra, 1994. 684p. v. 1					
SILVA, E. M. Matemática básica para cursos superiores . São Paulo: Atlas, 2002. 232p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
GUIDORIZZI, H. L. Um curso de cálculo . 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2001. v. 1, 652 p.					
GUIDORIZZI, H. L. Um curso de cálculo . 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002. v. 2, 490 p.					
GUIDORIZZI, H. L. Um curso de cálculo . 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2001. v. 3, 376 p.					
GUIDORIZZI, H. L. Um curso de cálculo . 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2001. v. 4, 544 p.					
SIMMONS, G. F. Cálculo com geometria analítica . São Paulo: Makron Books, 1991. 830p. v. 1.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-107	Disciplina:	Português Instrumental		
Carga Horária:	40	Semestre:	1º	Nº de aulas semanais:	02
Objetivos: Desenvolver a capacidade de comunicar-se escrita e oralmente. Fornecer, instrumentar para uma correta compreensão e interpretação de textos e conhecimentos necessários para sua elaboração.					
Ementa: Variação linguística. Conceito de texto. Tipos e gêneros textuais. Coesão e coerência. Subjetividade e cientificidade. Prática da leitura para: compreender ideias básicas do texto, interpretar fatos e fazer relações, desvelar contradições subjacentes ao texto, posicionar-se frente ao texto lido, preparar a produção do texto oral e escrito. Produção de textos. Técnicas da oratória.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
MARTINS, D. S. Português instrumental: de acordo com as atuais normas da ABNT. 29 ed. São Paulo – SP: Atlas, 2010, 565p. CAMARA, J.; MATOSO, J. Estrutura da língua portuguesa. 41 ed., Petrópolis – RJ: Vozes 2008. HOUAISS, A. Míni dicionário houaiss da língua portuguesa , Rio de Janeiro - RJ: Objetiva, 2001, 992 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
BECHARA, E. Gramática da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. SCHOCAIR, N. M. Gramática do português instrumental: teoria e prática 2 ed., Niterói – RJ: Impetus, 2007, 504p. CUNHA, C. Nova gramática do português contemporâneo , 5 ed. Rio de Janeiro – RJ: Lexikon, 2008, 794p. CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. 3 ed. São Paulo: Nova. Fronteira, 2001. ALMEIDA, R. C. Organização do trabalho intelectual: O. T. I. (metodologia científica; comunicação e expressão; pedagogia; biblioteconomia; princípios e técnicas de redação), 3 ed. Brasília – DF : Edição do Autor, 1977, 248p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-108	Disciplina:	Química Geral e Inorgânica		
Carga Horária:	60	Semestre:	1º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Transmitir aos discentes a importância da química como base de sua formação profissional. Desenvolver raciocínio claro dos fundamentos da química geral e inorgânica e proporcionar conhecimentos aplicáveis em sua área de atuação profissional.					
Ementa: Princípios elementares da química. Estrutura eletrônica dos átomos. Tabela e propriedades periódicas. Ligações químicas. Fórmulas e equações químicas. Balanceamento de equações químicas. Número de oxidação. Reações redoxes. Funções inorgânicas. Reações químicas. Reações de massa. Estequiometria. Radioatividade e soluções.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BRADY, J. E. Química geral , vol 1. 2.ed, LTC, Rio de Janeiro – RJ, 2011, 418 p. BRADY, J. E. Química geral , vol 2. 2.ed, LTC, Rio de Janeiro – RJ, 2011, 284 p. RUSSEL, J. B. Química Geral . Vol 1. 2a Ed.Makron Books. São Paulo.1994.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
ATKINS, P. W.; JONES, L. Princípios de química : questionando a vida moderna e o ambiente. Porto Alegre: Editora Bookman, 2001, 914 p. KOTZ, J. C. Química geral : e reações químicas: tradução da 6ª edição norte-americana: volume 1 2 ed.,São Paulo – SP, 2013, 685 p. BETTELHEIM, F. A. Introdução à química geral , São Paulo – SP: Cengage Learning, 9 ed. 2012, 842 p. MAHAN, B. M.; MYERS, R. J. Química um curso universitário . 4. ed. Edgard Blucher, São Paulo. 2003 MORITA, T. Manual de soluções, reagentes e solventes : Padronização preparação purificação indicadores de segurança descarte de produtos químicos, 2 ed. São Paulo – SP: Blucher, 2007, 714p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-109	Disciplina:	Química Orgânica		
Carga Horária:	60	Semestre:	1º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Transmitir ao aluno o conhecimento das diversas funções orgânicas, suas propriedades e características para que assim o mesmo possa relacioná-lo com o desenvolvimento do reino vegetal e animal e suas interações com o meio ambiente. Criar situações de aprendizagem para que os alunos possam relacionar a importância dos conhecimentos químicos para compreensão dos processos químicos envolvidos na agropecuária.					
Ementa: Introdução ao estudo do carbono. Funções orgânicas: nomenclatura, propriedades e reações de hidrocarbonetos, halo alcanos, fenóis, alcoóis, cetonas, éteres, esteres, aldeídos, ácidos carboxílicos, aminas, amidas. Isomeria e estudo das biomoléculas: carboidratos, lipídios, aminoácidos, proteínas e enzimas. Estudo interdisciplinar e relação com a agricultura e pecuária.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
SOLOMONS, T. W. G.; FRYHLE, C. B. Química orgânica . 8 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005. 766p. v. 1.					
SOLOMONS, T. W. G.; FRYHLE, C. B. Química orgânica . 8 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005. 588p. v. 2.					
MORITA, T. Manual de soluções, reagentes e solventes : Padronização preparação purificação, 2 ed. São Paulo – SP: Blucher, 1998, 629p					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
BARBOSA, L. C. A. Introdução à química orgânica . São Paulo: Prentice Hall do Brasil, 2004. 336p.					
ALLINGER, N. L.; CAVA, M. P.; JONGH, D. C.; JOHNSON, C. R.; LEBEL, N. A.; STEVENS, C. L. Química orgânica . 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1976. 977p.					
MORRISON, R.; BOYD, R. N. Química orgânica . 8 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. 1639p.					
MORITA, T. Manual de soluções, reagentes e solventes : Padronização preparação purificação indicadores de segurança descarte de produtos químicos, 2 ed. São paulo – SP: Blucher, 2007, 714p.					
BARBOSA, L. C. A. Química orgânica : uma introdução para as ciências agrárias e biológicas. Viçosa – MG: UFC, 2003, 354 p.					

6.4.2 Ementas do 2º Semestre

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO			PROGRAMA DE ENSINO		
Código:	AGN-201	Disciplina:	Cálculo II e Álgebra de Matrizes		
Carga Horária:	40	Semestre:	2º	Nº de aulas semanais:	02
Objetivos: Instrumentalizar os discentes com ferramentas matemáticas e geométricas para solucionar problemas do cotidiano profissional bem como dar bases gerais para diversas outras disciplinas do curso.					
Ementa: Integrais indefinidas. Integrais definidas e propriedades. Teorema fundamental do calculo. Métodos de integração. Aplicações: área, volume. Matrizes, determinantes, e sistemas de equações lineares.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ÁVILA, G. Cálculo: função de uma variável. Rio de Janeiro: LTC, 1995. 355p. v. 1. LEITHOLD, L. O cálculo com geometria analítica. 3 ed. São Paulo: Harbra, 1994. 684p. v. 1 SIMMONS, G. F. Cálculo com geometria analítica. São Paulo: Makron Books, 1991. 830p. v. 1.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
FERREIRA, R. S. Matemática aplicada às ciências agrárias. Viçosa: UFV, 1999. 333p LEON, S. J. Álgebra linear com aplicações. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999. 390p. BOLDRINI, J. L. Álgebra linear: Ampliada e revista 3 ed. São Paulo: Harbral, 1986. 411p. GUIDORIZZI, H. L. Um curso de cálculo - v 2, 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010. 490p. STEWART, J. Cálculo - v2, 6ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010 687 p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-202	Disciplina:	Anatomia e Sistemática Vegetal			
Carga Horária:	80	Semestre:	2º	Nº de aulas semanais:	04	
Objetivos: Propiciar aos alunos o estudo teórico-prático dos caracteres anatômicos e morfológicos dos órgãos vegetativos e reprodutivos das plantas superiores. Conhecer os caracteres morfológicos e anatômicos que separam os grupos vegetais e as nomenclaturas de sistematização de coleções e taxonomia. Capacitar os alunos no reconhecimento de espécies vegetais cultivadas, invasoras e tóxicas, para que possam entender e explicar, botanicamente, padrões de produtividade vegetal.						
Ementa: A célula vegetal: organelas e membranas, funções. Os tecidos vegetais: meristemas, parênquimas, colênquima, esclerênquima, floema e xilema. Estruturas secretoras. Morfologia dos órgãos vegetativos: raiz, caule, folha. Reprodução vegetal: flor e inflorescência. Polinização e fecundação. Fruto e semente. Reprodução vegetativa. Botânica sistemática. Noções do sistema de classificação. Nomenclatura botânica. Sistemática de Pinophyta (Gimnospermas) e Magnoliophyta (Angiospermas) de interesse econômico.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
BARROSO, G. M.; PEIXOTO, A. L.; ICHASO, C. L. F.; COSTA, C. G.; GUIMARÃES, E. F. Sistemática de angiospermas do Brasil . 2 ed. Viçosa: UFV, 2002. 309p. v. 1.						
VIDAL, W. R. VIDAL, M. R. R. Botânica - organografia . 4 ed. Viçosa: UFV, 2007. 124 p.						
SOUZA, V. C.; LORENZI, H.; LUPO, R. Chave de Identificação: Para as Principais Famílias de Angiospermas Nativas e Cultivadas do Brasil . Nova Odessa, Instituto Plantarum, 2007. 31p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:						
FERRI, M. G. Botânica – morfologia interna das plantas (anatomia) . São Paulo: Nobel, 1999. 113p.						
CUTTER, E. G. Anatomia Vegetal . Parte I - Células e Tecidos. 2ª ed. Roca. São Paulo. 1986.						
FERRI, M. G. Botânica – morfologia externa das plantas (Organografia) . São Paulo: Nobel, 1983. 149p.						
ESAU, K. Anatomia das plantas com sementes . São Paulo: Afiliada, 1997. 294 p.						
CARMELLO Guerreiro, Sandra Maria; APPEZZATO da Glória, Beatriz. Anatomia Vegetal . Viçosa – MG: UFV, 2006, 440p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-203	Disciplina:	Desenho Técnico		
Carga Horária:	40	Semestre:	2º	Nº de aulas semanais:	02
Objetivos: Proporcionar aos alunos conhecimentos e técnicas do desenho arquitetônico e técnico (mecânico e topográfico), de acordo com as normas da ABNT. Proporcionar conhecimentos práticos sobre os métodos de concepção e as normas que regem o desenho técnico. Apresentar técnicas de desenho por instrumentos e noções de utilização de ferramenta computacional.					
Ementa: Materiais usados em desenho - conhecimento e emprego. Normas da ABNT. Formatos, dobras e cortes. Escalas. Representação gráfica. Esboços cotados. Desenho de peças. Interpretação de projetos topográficos e plantas topográficas. Projetos arquitetônicos simples (plantas, cortes e fachadas). Noções de geometria descritiva. Perspectiva. Conhecer e operar o CAD para a elaboração de projeto na área afim desenho técnico.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
JAMES, L; JACOB, B. Manual de Desenho Técnico para Engenharia . Rio de Janeiro-RJ: LTC, 2010, 328p. BUENO, C. P.; PAPAOGLOU, R. S. Desenho Técnico para Engenharias . Juruá Editora, 2008, 196p. SILVA, E. O.; ALBIERO, E. Desenho técnico fundamental . São Paulo: EPU, 1977, 123p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
CARVALHO, B. A. Desenho geométrico . Rio de Janeiro - RJ: Editora do Livro Técnico, 2008. 332p. FRENCH, T. E. Desenho Técnico e tecnologia gráfica . Porto Alegre: Editora Globo, 1985. BALDAM, R. L.; OLIVEIRA, A. Autocad 2010: utilizando totalmente . São Paulo – SP: Érica, 2009, 525p SANTIAGO, A. da C. Guia do técnico agropecuário: topografia e desenho . São Paulo – SP: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1982, 112p. DOLCE, O., Fundamentos de matemática elementar . volume 10: geometria espacial, posição e métrica. São Paulo – SP: Atual, 6 ed., 2011, 446p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-204	Disciplina:	Ecologia			
Carga Horária:	60	Semestre:	2º	Nº de aulas semanais:	03	
Objetivos: Apresentar noções básicas sobre ecologia. Apresentar componentes estruturais e funcionais dos ecossistemas naturais. Possibilitar a associação de conceitos, fundamentos e processos ecológicos às práticas de agricultura sustentável. Capacitar os futuros profissionais para a análise crítica em relação ao meio ambiente desenvolvendo habilidades para compreender e minimizar os impactos pela desagregação do meio ambiente.						
Ementa: Histórico da ecologia. Ecossistema e bioma. Desenvolvimento e evolução dos ecossistemas. Condições e recursos nos ecossistemas. Nicho e habitat. Fluxo de energia. Ecologia trófica. Dinâmica das populações biológicas. Interações nas comunidades biológicas. Padrões de biodiversidade. Adaptações aos ambientes terrestres e aquáticos. Ciclos biogeoquímicos. Métodos e técnicas aplicados ao desenvolvimento sustentável. Ações antrópicas e mudanças globais.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
BEGON, M.; TOWNSEND, C. R.; HARPER, J. L. Ecologia: de indivíduos a ecossistemas. 4a Ed. Artmed Editora. Porto Alegre. 2007. 752p.						
PRIMACK, R. B.; RODRIGUEZ, E. Biologia da Conservação. Gráfica e Editora Midiograf. Londrina, PA. 2001.						
TOWNSEND, C. R.; BEGON, M.; HARPER, J. L. Fundamentos em Ecologia. 2a Ed. Artmed Editora. Porto Alegre. 2006. 592p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
PINTO-COELHO, R. M. Fundamentos em ecologia. Porto Alegre: Artmed, 2000.						
ODUM, E. Ecologia. Rio de Janeiro. Editora Interamericana. 1985. 434p.						
RICKLEFS, R. E. A economia da natureza. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro. 2003. 503p						
GLIESSMAN, S. R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. - 3 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2005 653 p.						
ALTIERI, M. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. - 5 ed. Porto Alegre: UFRGS 2009 117 p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-205	Disciplina:	Estatística			
Carga Horária:	40	Semestre:	2º	Nº de aulas semanais:	02	
Objetivos: Fornecer as ideias básicas da análise exploratória de dados e de modelos probabilísticos.						
Ementa: Noções de análise exploratória de dados, gráficos, tabelas. Distribuição de frequências. Medidas de tendência central. Medidas de variabilidade. Medidas de assimetria e curtose. Probabilidade. Distribuição de probabilidade binomial, poisson e normal. Correlação e regressão.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
BUSSAB, W. O.; MORETTIN, P. A. Estatística básica – métodos quantitativos. 6 ed. São Paulo: Saraiva, 2010. 552p.						
CRESPO, A. A. Estatística Fácil . 18 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.						
LEVINE, D. M. Estatística: Teoria e Aplicações usando microsoft excel em português . 3 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005, 819p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
FONSECA, J. S.; MARTINS, G. A. Curso de estatística . 6 ed. São Paulo: Atlas, 1996. 320p.						
MEYER, P. L. Probabilidade - aplicações à estatística. Rio de Janeiro: LTC, 1981. 391p.						
TRIOLA, M. F. Introdução à estatística . 9 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005. 682 p.						
COSTA, N.; OLIVEIRA, P. L. Estatística - 2ed. São Paulo: Edgard Blucher 2002 276 p.						
FREUND, J. E. Estatística aplicada: economia, administração e contabilidade – 11 ed. Porto Alegre: Artmed 2006 537p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-206	Disciplina:	Química Analítica		
Carga Horária:	40	Semestre:	2º	Nº de aulas semanais:	02
Objetivos: Desenvolver um raciocínio claro dos fundamentos da química analítica. Dominar as técnicas de análises físico-químicas. Possibilitar o conhecimento sobre o uso e manutenção corretos de vidraria e dos equipamentos de laboratório. Realizar análises químicas utilizando as técnicas de análises qualitativas e quantitativas.					
Ementa: Introdução a química analítica qualitativa e quantitativa. Conceitos, normas e regras de segurança em laboratório de química. Treinamento para uso e manutenção de materiais, reagentes e equipamentos de laboratório. Técnicas básicas de laboratório. Medidas em análises químicas. Erros e tratamentos dos dados analíticos. Preparo de soluções. Identificação de cátions e ânions. Gravimetria. Titulometria. Potenciometria. Introdução a cromatografia.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
N. BACCAN,; J. C.; ANDRADE, O. E. S.; GODINHO, J. S. BARONE. Química Analítica Quantitativa Elementar . 3.ed. São Paulo. Unicamp/Edgard Blucher. 2011, 320p.					
CROUCH, S. Fundamentos de Química Analítica . São Paulo. Pioneira Thompson Learning. 2005.					
HARRIS, D. C. Análise Química Quantitativa .7.ed. Rio de Janeiro. LTC. 2011.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
MORITA, T.; ASSUMPÇÃO, R. M. V. Manual de soluções, reagentes e solventes . 2 ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1998.					
EWING, G. W. Métodos instrumentais de análise química . v.1. São Paulo: Edgard Blücher, 1990.					
VOGEL, A. I. Química Analítica Quantitativa .5.ed. Rio de Janeiro. LTC. 1992					
SKOOG, D. A.; WEST, D. M.; HOLLER, F. J.; CROUCH, S. R. Fundamentos de Química Analítica . São Paulo. Pioneira Thomson Learning. 2006.					
VOGEL, A. I. Química analítica qualitativa . São Paulo: Mestre Jou, 1981. 665 p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-207	Disciplina:	Zoologia			
Carga Horária:	40	Semestre:	2º	Nº de aulas semanais:	02	
Objetivos: Introduzir conceitos relacionados à classificação taxonômica e regras de nomenclatura zoológica. Subsidiar conhecimentos sobre a biologia, morfologia dos animais e suas relações ecológicas e comportamentais. Entender a função do animal no meio ambiente e suas relações com as atividades agrícolas.						
Ementa: Introdução ao estudo da zoologia. Classificação e nomenclatura zoológica. Caracterização, biologia, morfologia, comportamento e ecologia dos protozoários, poríferos, cnidários, platelmintos, nematelmintos, anelídeos, moluscos, artrópodes, equinodermos e vertebrados e sua importância agrônoma.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
HICKMAN JÚNIOR, C. P.; ROBERTS, L. S.; LARSON. A. Princípios integrados de zoologia . 11A ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2004. RUPPERT, E. E.; BARNES, R.D.; Zoologia dos Invertebrados : uma abordagem funcional-evolutiva. 7 edição, São Paulo: Roca. 2005. 1148p. MOORE, J. Uma Introdução aos Invertebrados . São Paulo: Livraria Santos, Editora, 2011, 320p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
ORIEUX, M., Aves, répteis, anfíbios e peixes : Liceu, 1967, 64p. POUGH, F. H. et al. A vida dos Vertebrados . São Paulo: Atheneu. 1993. RIBEIRO-COSTA, C. S. e R. M. DA ROCHA. Invertebrados: manual de aulas práticas . Ribeirão Preto: Holos. 2002. STORER, I. S ; R. L. USINGER; R. C. STEBBINS e J. W. NYBAKKEN. Zoologia Geral . 6 edição, São Paulo: Editora Nacional. 2000. PAPAVERO, N. Fundamentos práticos de taxonomia zoológica: (coleções, bibliografia, nomenclatura) . São Paulo - SP: Editora UNESP, 1994, 285p.						

6.4.3 Ementas do 3º Semestre

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-301	Disciplina:	Topografia I		
Carga Horária:	80	Semestre:	3º	Nº de aulas semanais:	04
Objetivos: Demonstrar o levantamento de uma gleba com teodolito e estação total. Aprender a quantificação da área de uma superfície da terra. Representar graficamente uma superfície da terra. Representar o relevo de uma gleba através de curva em nível.					
Ementa: Planimetria: conceitos fundamentais. Medidas angulares. Medidas lineares. Escala numérica. Levantamento topográfico de um terreno. Teodolito. Cálculo dos ângulos horizontais e correção dos ângulos. Cálculo dos azimutes e rumos e conversões. Cálculo das coordenadas de projeções x e y e correção. Cálculo analítico das coordenadas e da área. Altimetria: conceitos fundamentais. Instrumentos de nivelamento. Processo de nivelamento geométrico. Locação de curva de nível no campo.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
COMASTRI, J. A.; TULER, J. C. Topografia – altimetria. 3 ed. Viçosa: UFV, 1999. 200p. CASACA, J. M. Topografia geral , 4 ed., Rio de Janeiro – RJ: LTC, 2007, 208p. GOMES, E. Medindo imóveis rurais com gps . São paulo – SP: Brasília, 2001, 144p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
ESPARTEL, L. Curso de Topografia . Porto Alegre: Globo, 1980. GRIPP JÚNIOR, J.; COMASTRI, J. A. Topografia aplicada - medição, divisão e demarcação. Viçosa: UFV, 1990. 203 p. SOUZA, J. O. Agrimensura . São Paulo: Nobel, 1981. 143p. GARCIA, G. J.; PIEDADE, G. C. R. Topografia aplicada às ciências agrárias . 5 ed. São Paulo: Nobel, 1987. 256 p. COMASTRI, J. A. Topografia aplicada : mediação, divisão e demarcação, Viçosa-MG: UFV, 1998, 203p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-302	Disciplina:	Agrometeorologia		
Carga Horária:	80	Semestre:	3º	Nº de aulas semanais:	04
Objetivos: Fornecer ao aluno noções básicas sobre parâmetros meteorológicos e sua determinação, bem como as inter-relações solo/planta/atmosfera.					
Ementa: Estudo dos processos físicos na atmosfera e as inter-relações fisco-fisiológicas com a finalidade de promover as condições de um adequado rendimento agrícola no âmbito da realidade socioeconômica e ambiental do país. Estudar os fatores que condicionam o tempo e o clima. Demonstrar como são observados e medidos os elementos meteorológicos com finalidades agroclimáticas. Discutir como as condições de tempo e de clima relacionam-se com a produtividade agropecuária. Discutir como as informações meteorológicas e climatológicas podem ser usadas no planejamento das atividades agrícolas, bem como para minimizar os efeitos adversos do tempo e do clima sobre a agricultura.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
FERREIRA, A. G. Meteorologia prática . São Paulo: Oficina de Textos, 2006. 188p. MENDONÇA, F.; OLIVEIRA, I. M. D. Climatologia – noções básicas e climas do Brasil. São Paulo: Oficina de Textos, 2007. 206p. OMETTO, J. C. Bioclimatologia vegetal . São Paulo: Ceres, 1981. 440p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
AZAMBUJA, J. M. V. O solo e o clima na produtividade agrícola . Guaíba – RS: Agropecuária, 1996, 163p. CUNHA, G. R. Meteorologia: fatos & mitos – 2, Passo Fundo – RS: Embrapa Trigo, 2000, 294 p. VIANELLO R. L.; ALVES, A. R. Meteorologia básica e aplicações . Viçosa: UFV, 2007. 449p. MOTA, F. S. Meteorologia agrícola 4 ed., São Paulo – SP: Nobel, 1979, 376p. TARIFA, J. R. Mato Grosso: clima análise e representação cartográfica , Cuiabá – MT: Entrelinhas, 2011, 102p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-303	Disciplina:	Estatística Experimental		
Carga Horária:	60	Semestre:	3º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Capacitar os estudantes a planejar experimentos, analisar, interpretar e apresentar dados experimentais.					
Ementa: Conceitos básicos de estatística e experimentação. Planejamento de experimentos agrícolas. Princípios básicos da experimentação. Delineamentos experimentais: inteiramente casualizado, blocos ao acaso e quadrado latino. Testes de comparações de medias. Ensaios fatoriais. Ensaios em parcelas subdivididas. Análise de variância e transformação de dados. Fundamentos e aplicações de regressão e correlação. Uso de pacotes computacionais estatísticos.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
RUDIO, F. V. Introdução ao projeto de pesquisa científica . Petrópolis: Vozes, 1978, 144p.					
MARTINS, G. A. Estatística geral e aplicada . 4 ed., São paulo – SP: Atlas, 2011, 676p.					
BANZATTO, D. A.; KRONKA, S. N. Experimentação agrícola . 3. ed. Jaboticabal: FUNEP, 1995. 247p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
RAMALHO, M. A. P. Experimentação em genética e melhoramento de plantas . Lavras – MG: UFLA, 2055, 322p.					
JOUVE, P. A experimentação no meio camponês: procedimentos e métodos . Rio de Janeiro – RJ: AS-PTA, 1991, 28p.					
KERLINGER, F. N. Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual . 6 ed., São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária1980, 84 p.					
VIEIRA, S. Estatística experimental . 2 ed. São Paulo: Atlas, 1999. 185p.					
GOMES, F. P., Estatística aplicada a experimentos agrônômicos e florestais: exposição com exemplos e orientações para uso de aplicativos . Piracicaba-SP: FEALQ, 2002, 309p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-304	Disciplina:	Mecanização Agrícola			
Carga Horária:	60	Semestre:	3º	Nº de aulas semanais:	03	
Objetivos: Proporcionar ao aluno a oportunidade de conhecer as principais máquinas e implementos agrícolas destinados à produção agropecuária. Capacitar o aluno a definir operações de mecanização agrícola mais adequada a determinado tipo de solo, de modo a reduzir os impactos ambientais e proporcionar melhor custo-benefício. Capacitar o aluno para orientar as operações de regulagens de implementos e máquinas agrícola. Capacitar o futuro engenheiro agrônomo para planejar, organizar e controlar as operações e a manutenção de máquinas, técnica e economicamente.						
Ementa: Importância da mecanização agrícola. Ferramentas utilizadas no meio agrícola. Fontes de potência no meio rural. Motores de combustão interna: definições, princípios de funcionamento, combustíveis e lubrificantes. Trator: definições, classificação, aplicação. Sistemas de transmissão, direção e locomoção de tratores. Pontos de potência dos tratores: tomada de potência, barra de tração e sistema hidráulico. Desempenho operacional: capacidades e eficiência. Equilíbrio dinâmico dos tratores. Máquinas de preparo de solo. Máquinas para aplicação de fertilizantes e corretivos. Máquinas para semeadura. Máquinas para aplicação de defensivo. Máquinas para colheita. Manutenção de máquinas e implementos agrícolas. Planejamento para utilização racional de máquinas e implementos agrícolas. Estudo econômico do uso de tratores e equipamentos agrícolas. Impactos sociais e ambientais da mecanização agrícola. Projetos de mecanização agrícola.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
PORTELLA, J. A. Colheita de grãos mecanizada: implementos, manutenção e regulagem, Viçosa- MG: Aprenda Fácil, 2000, 190p. PIRES, F. R. Práticas mecânicas de conservação do solo e da água , 2 ed. Viçosa- MG: UFV, 2006, 216p. SILVEIRA, G. M. Máquinas para plantio e condução das culturas , Viçosa- MG: Aprenda Fácil, 2001, 334p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
MALAVOLTA, E. A prática da calagem , 6 ed., Piracicaba – SP: USP, 1986, 46p. SILVEIRA, G. M. Máquinas para a pecuária , São Paulo – SP: Nobel, 1997, 168p. SILVEIRA, G. M. As máquinas para colheita e transporte , São Paulo – SP: Globo, 1990, 184p. SILVEIRA, G. M. O preparo do solo: implementos corretos. Rio de Janeiro, Globo, 1988. 243p. VIEIRA, L. B. Manutenção de tratores agrícolas , Viçosa- MG: CPT, 2000, 62p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-305	Disciplina:	Microbiologia Geral		
Carga Horária:	40	Semestre:	3º	Nº de aulas semanais:	02
Objetivos: Compreender a importância ecológica dos microrganismos. Conhecer a diversidade de microrganismos, o papel desempenhado nos diferentes ecossistemas da biosfera e a relação destes com outros organismos. Identificar a participação microbiana nos ciclos biogeoquímicos. Compreender a importância da fixação biológica de nitrogênio /para a sustentabilidade dos agroecossistemas.					
Ementa: Introdução à microbiologia. Caracterização dos microrganismos: fungos, bactérias e vírus. Crescimento microbiano. Controle do crescimento microbiano. Equipamentos de laboratório. Ciclos biogeoquímicos. Microrganismos fixadores de nitrogênio. Micorrizas. Inoculação de microrganismos em plantas de interesse agrícola.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
TORTORA, G. J.; FUNKE, B. R.; CASE, C. L. Microbiologia . 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. 920p.					
PELCZAR JR, M.; REID, R.; CHAN, E. C. S. Microbiologia: conceitos e aplicações . São Paulo: Makron Books, 1997. 524 p. v. 1.					
PELCZAR JR, M.; REID, R.; CHAN, E. C. S. Microbiologia: conceitos e aplicações . São Paulo: Makron Books, 1997. 550 p. v. 2.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
TRABULSI, L. R.; TRABULSI, F. Microbiologia . 4 ed. São Paulo: Atheneu, 2004. 586 p.					
NEDER, R. N. Microbiologia: manual de laboratório , São Paulo – SP: Nobel, 1992, 142p.					
ARAUJO, R. S.; HUNGRIA, M. Microrganismos de importância agrícola . Brasília: EMBRAPA, 1994. 236p.					
HUNGRIA, M.; ARAÚJO, R. S. Manual de métodos empregados em estudos de microbiologia agrícola . Brasília: Embrapa, 1994.					
RIBEIRO, M. C. Microbiologia prática: roteiro e manual: bactérias e fungos , São Paulo – SP: Atheneu, 2002, 120p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-306	Disciplina:	Gênese, Morfologia e Classificação de Solos			
Carga Horária:	60	Semestre:	3º	Nº de aulas semanais:	03	
Objetivos: Fornecer conhecimentos básicos e indispensáveis de como a pedosfera funciona como alicerce da vida em ecossistemas terrestres, tanto do ponto de vista da produção de grãos e fibras, como do ponto de vista da conservação ambiental. Prover noções básicas sobre as características e propriedades dos solos, sob o ponto de vista pedológico. Aprender a classificação de solos baseada no sistema brasileiro e capacitar no reconhecimento a campo dos diferentes tipos de solos brasileiros. Interpretar mapas de solos para definição de suas vantagens e limitações de utilização.						
Ementa: Importância do estudo do solo. Conceitos de solo. Mineralogia e formação dos solos. Morfologia do solo: reconhecimento e descrição do solo a campo. Noções de geologia e mineralogia. Fatores de formação do solo. Processos pedogenéticos. Identificar a natureza e propriedades das frações granulométricas e dos colóides do solo. Composição geral do solo: frações gasosas, líquidas, minerais e orgânicas. Classificação brasileira do solo. Levantamentos pedológicos: procedimentos, uso de mapas do solo. Classificação interpretativa do solo para uso agrícola e outros fins.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
LEPSCH, I. F. Solos – Formação e Conservação dos solos . São Paulo: Oficina de Textos, 2002. 177p. EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. Sistema Brasileiro de Solos . Rio de Janeiro, 2006. 306 p. LIER, Q. J. V. Física do solo . Viçosa- MG: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 2010, 304p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
SANTOS, R. D. Manual de descrição e coleta de solo no campo . 5 ed. Viçosa: SBCS, 2005. 100p. SEPLAN-MT. MATO GROSSO: Solos e paisagens . Organização: Maria Lucidalva Costa Moreira e Tereza Nunes Vasconcelos. Cuiabá. Entrelinha, 2007. 272p. SCHNEIDER, P. Classificação da aptidão agrícola das terras: um sistema alternativo . Guaíba – RS: Agrolivros, 2007, 72. SANTOS, R. D. Manual de descrição e coleta de solo no campo . 5 ed., Viçosa – MG: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 2005, 92p. KIEHL, E. J. Manual de edafologia: relação solo – planta . São Paulo – SP: Agromônica Ceres, 1979, 264p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-307	Disciplina:	Metodologia Científica		
Carga Horária:	40	Semestre:	3º	Nº de aulas semanais:	02
Objetivos: Proporcionar conhecimentos básicos sobre metodologia científica aplicada à área agrária na elaboração de documentos, relatórios e projetos técnicos científicos. Capacitar o aluno na correta aplicação das normas técnicas estabelecidas pela associação brasileira de normas técnicas.					
Ementa: Ciência. Ciência pura e aplicada. Tipos de explicação científica. Bases do raciocínio científico, teoria, hipótese, dedução, indução, análise e síntese. Método e técnica. Pesquisa científica. Passos para planejamento, elaboração, encaminhamento e execução de projetos. Elaboração de relatórios. Redação e normas para apresentação de textos científicos.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico 23 ed – São Paulo : Cortez Editora, 2010. 304p.					
GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa . 4 ed. São Paulo: Atlas, 2006. 175p.					
LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica . 4 ed. São Paulo: Atlas, 2001.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
ALEXANDRE, M. J. O. A construção do trabalho científico : um guia para projetos, pesquisa e relatórios científicos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. 187p.					
KÖCHE, J. C. Fundamentos de Metodologia Científica : Teoria da ciência e iniciação à pesquisa 20 ed – Petrópolis: vozes, 2002. 182p.					
RUDIO, F. V., Introdução ao projeto de pesquisa científica . Petrópolis: Vozes, 1978, 144p.					
BROSE, M., Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos . Porto Alegre – RS: TOMO, 2010, 328p.					
ABRAHAMSOHN, P., Redação científica . Rio de Janeiro, RJ: Rio de Janeiro, RJ, 2004, 272p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-308	Disciplina:	Bioquímica		
Carga Horária:	60	Semestre:	3º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Identificar e conhecer as características gerais, as propriedades físico-químicas, a estrutura e as funções dos principais compostos orgânicos metabolizados pelas células vivas (proteínas, carboidratos, lipídeos e ácido nucleicos). Introduzir conhecimento básico sobre armazenamento e utilização da energia produzida pelo metabolismo celular. Conhecer mecanismos de regulação utilizados para controlar a velocidade de suas vias metabólicas. Conhecer as formas de captação e transformação de energia solar em energia química, nos vegetais.					
Ementa: A lógica molecular da vida. As biomoléculas. Características gerais, propriedades físico-químicas, estrutura e funções da água, das proteínas, dos carboidratos e glicoconjugados, dos lipídeos, dos ácidos nucleicos e seus componentes. Enzima e cinética enzimática. Princípios de bioenergética (mecanismos de obtenção de energia): Glicólise, gliconeogênese; ciclo do ácido cítrico, ureia e fosforização oxidativa, Potencial de óxido redução, via das pentoses; ciclo do glioxilato ciclo de Krebs. Fotossíntese: fenômeno fotoquímico, absorção da luz, condução dos elétrons impulsionados pela luz, mecanismos de fixação do carbono. O metabolismo de proteínas, carboidratos, lipídeos e nucleotídeos. Oxidação dos ácidos graxos (lipídeos); oxidação e degradação dos aminoácidos.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
NELSON, D. L.; COX, M. M. L. Princípios de Bioquímica . 5. ed. São Paulo: Artmed, 2011. 1304p. MARZOCCO, A. Bioquímica básica , 3 ed., Rio de Janeiro – RJ: Guanabara Koo- gan, 2011, 386p. BETTELHEIM, F. A. Introdução à química geral, orgânica e bioquímica , 9 ed., São Paulo – SP: Cengage Learning, 2012, 842p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
STRYER, L.; TYMOCZKO, J. L.; BERG, J. M. Bioquímica . 5. ed.. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. MASTROENI, M. F. Bioquímica : práticas adaptadas, São Paulo – SP: Atheneu, 2008, 192p. CONN, Eric E.; STUMPF, P. K. Introdução à Bioquímica . 4. ed.. São Paulo: Ed- gard Blucher, 2009, 528p. HARVEY, R. A., Bioquímica ilustrada . Porto Alegre – RS: Artmed, 2012, 528p. VIEIRA, E. C.; GAZINELLI, G.; MARES-GUIA, M. Bioquímica celular e Biologia Celular - 2a. Edição, São Paulo; Editora Atheneu, 1999.					

6.4.4 Ementas do 4º Semestre

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-401	Disciplina:	Fitopatologia Geral			
Carga Horária:	60	Semestre:	4º	Nº de aulas semanais:	03	
Objetivos: Compreender as bases e fundamentos científicos da Fitopatologia. Conhecer os diferentes patógenos responsáveis pelas doenças de plantas. Proporcionar ao aluno conhecimentos sobre princípios e métodos de controle de doenças de plantas.						
Ementa: Histórico da Fitopatologia. Importância e conceito de doença. Principais patógenos causadores de doenças em plantas: fungos, bactérias, vírus e nematoides. Ciclo das relações patógeno-hospedeiro. Mecanismos de resistência de plantas a patógenos. Classificação de doenças de plantas. Fisiologia do parasitismo. Epidemiologia de doenças de plantas. Princípios gerais de controle de doenças: controle químico, biológico, cultural e genético. Sintomatologia de doenças de plantas.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
ALFENAS, A.C.; MAFIA, R. G. Métodos em fitopatologia . Viçosa: UFV, 2007. 382p.						
BERGAMIN, A. F.; KIMATE, H.; AMORIM, L. Manual de fitopatologia – princípios e conceitos. 4 ed. São Paulo: Ceres, 2011. 724p.						
ROMEIRO, R. S. Bactérias fitopatogênicas . 2 ed. Viçosa: UFV, 2005. 417 p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
LORDELLO, L. G. E. Nematóides de plantas cultivadas . 8 ed. São Paulo: Nobel, 1992. 314p.						
BERGAMIN FILHO, A.; AMORIM, L. Doenças de plantas tropicais : epidemiologia e controle econômico. São Paulo: Ceres, 1996. 299p.						
TIHOHOD, D. Nematologia aplicada . Jaboticabal: Funep, 1993. 372p.						
ROMEIRO, R. S. Controle biológico de doenças de plantas : fundamentos. Viçosa: UFV, 2007. 269p.						
PONTE, J. J. Fitopatologia : princípios e aplicações. São Paulo: Nobel, 1988. 250p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-402	Disciplina:	Topografia II			
Carga Horária:	80	Semestre:	4º	Nº de aulas semanais:	04	
Objetivos: Capacitar para o uso do GPS em levantamento topográfico. Processar coordenadas com correção diferencial. Interpretar cartas topográficas e folhas articuladas nos sistemas de projeções UTM.						
Ementa: Topografia aplicada ao georreferenciamento: fundamentos de geodésia geométrica. Sistema geodésico de referência. Projeções cartográficas. Sistemas de coordenadas. Representação cartográfica. Cartas topográficas (CIM). Uso dos recursos de informática nos processamentos geodésicos. Sistema global de navegação por satélite (GNSS). Métodos e medidas de posicionamento geodésico. Normas técnicas aplicadas ao georreferenciamento. Coleta de dados e levantamento de campo por GPS. Ajustamentos estatísticos. Elaboração de peças técnicas. Relatório técnico.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
COMASTRI, J. A.; TULER, J. C. Topografia – altimetria. 3 ed. Viçosa: UFV, 1999. 200p.						
CASACA, J. M. Topografia geral . 4 ed. Rio de Janeiro: LTC , 2007. 208p.						
GOMES, E. Medindo imóveis rurais com gps . São Paulo: Brasília, 2001. 144p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
GARCIA, G. J. Topografia aplicada às ciências agrárias . 5 ed. São Paulo: Nobel , 1989. 257p.						
LIMA, D. V. Topografia : um enfoque prático. Rio Verde: Êxedo, 2006. 104p.						
KALINOWSKI, S. R. Utilização do GPS em trilhas e cálculos de áreas . 1ed – Brasília: LK, 2006. 190p.						
SOUZA, J. O. Agrimensura . 2ed – São Paulo: Nobel, 1981. 143p.						
ESPARTEL, L. Curso de topografia 1ed – Porto Alegre: Globo, 1969. 655p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO			PROGRAMA DE ENSINO		
Código:	AGN-403	Disciplina:	Entomologia Agrícola		
Carga Horária:	60	Semestre:	4º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Conscientizar os alunos sobre a importância dos insetos, o que fazem, onde e como vivem. Preparar o aluno, no campo da Entomologia, para que compreenda as bases ou fundamentos científicos da ciência agrônoma e posterior aplicação dos conhecimentos adquiridos. Desenvolver um comportamento profissional ante os problemas fitossanitários de ordem entomológica. Capacitar os alunos com conhecimentos sobre morfologia, fisiologia, biologia e classificação dos insetos.					
Ementa: Importância e características gerais dos insetos. Coleta, montagem e conservação. Morfologia interna e externa dos insetos. Exoesqueleto. Cabeça: olhos, antenas e aparelhos bucais. Tórax: segmentação, asas, pernas. Abdome: segmentação, apêndices e genitália. Morfologia interna e fisiologia: órgãos de sentido, sistemas muscular e nervoso, sistema respiratório, sistema circulatório, sistema digestivo e sistema reprodutivo, sistema endócrino (hormônios: juvenil e ecdisteroide). Comunicação química (feromônios). Reprodução e desenvolvimento. Coleção entomológica. Taxonomia: subclasses e ordens: orthoptera, hemiptera, diptera, coleoptera, lepidoptera, hymenoptera, odonata, isoptera, dermaptera e neuroptera.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
GALLO, D. O. Manual de entomologia agrícola . Piracicaba: FEALQ, 2002. PANIZZI, A. R.; PARRA, J. R. P. Bioecologia e nutrição de insetos : base para o manejo integrado de pragas. Embrapa, 2009. EDWARDS, P. J.; WRATEN, S. D. Ecologia das interações entre insetos e plantas . São Paulo: EDUSP, 1981. 74p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
PAPAVERO, N. Fundamentos práticos de taxonomia zoológica : coleções, bibliografia, nomenclatura. 2 ed. São Paulo: Unesp, 1994. 285 p. RUPPERT, E.; BARNES, R.D. Zoologia dos invertebrados . 6 ed. São Paulo: Roca, 1996. 1074 p. GULLAN, PENNY J. Os insetos : um resumo de entomologia 4ed – São Paulo: Roca, 2012. 496p. VILELA, E. F.; ZUCCHI, R. A.; CANTOR, F. Histórico e impacto das pragas introduzidas no Brasil 4ed – Ribeirão Preto: Holos, 2001. 173p. LARA, F. M. Princípios da entomologia 3ed – São Paulo: Ícone, 1992.332p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-404	Disciplina:	Fisiologia Vegetal			
Carga Horária:	80	Semestre:	4º	Nº de aulas semanais:	04	
Objetivos: Subsidiar o entendimento dos mecanismos fisiológicos associados ao processo de crescimento e de desenvolvimento dos vegetais, especialmente do ponto de vista da produtividade.						
Ementa: Relações hídricas. Nutrição mineral. Metabolismo do carbono. Relações fonte-dreno. Partição de fotoassimilados. Hormônios vegetais. Metabolismo secundário. Germinação de sementes.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
KERBAUY, G. B. Fisiologia vegetal . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. 452p. TAIZ, L.; ZEIGER, E. Fisiologia vegetal . 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 720p. RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHHORN, S. E. Biologia vegetal . 6 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 830p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
MARCOS FILHO, JULIO. Fisiologia de sementes de plantas cultivadas . Piracicaba – SP: FEALQ, 2005, 495p. FLOSS, E. L. Fisiologia das plantas cultivadas: o estudo do que está por trás do que se vê . 4 ed – Passo Fundo: UPF, 2008.733p. MARENCO, R. A. Fisiologia vegetal: fotossíntese, respiração, relações hídricas e nutrição mineral . 3 ed – Viçosa: UFV, 2011. 486p. CASTRO, P. R. C. Manual de fisiologia vegetal: (teoria e prática) . 1 ed – Piracicaba: Agronômica Ceres, 2005. 655p. OLIVEIRA, L. M.; PAIVA, R. Fisiologia e produção vegetal . – Lavras: UFLA, 2006. 104p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – INTEGRAL					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-405	Disciplina:	Física do Solo			
Carga Horária:	60	Período:	4º	Nº de aulas semanais:	03	
Objetivos: Apresentar aos alunos as principais propriedades físicas relacionadas à estrutura do solo e ao comportamento da água no solo.						
Ementa: O solo como sistema físico. Natureza do solo e fundamentos do seu comportamento físico: área superficial específica e características do espaço poroso. Relações de massa e volume dos constituintes do solo. Textura do solo. Estrutura e agregação do solo. Densidade, consistência e deformação do solo. Natureza e comportamento físico da água. Conceito de energia livre. A física da relação solo-água. Potencial da água no solo. Retenção e movimento da água no solo. Disponibilidade de água para as plantas: capacidade de campo e ponto de murcha permanente. Infiltração e escoamento superficial da água no solo. Aeração do solo. Temperatura do solo.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
LEPSCH, I. F. Formação e conservação de solos . 2 ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.180p. MARTIN NETO, L.; VAZ, C.M.P.; CRESTANA, S. Instrumentação avançada em ciência do solo . São Carlos: Embrapa Instrumentação Agropecuária, 2007. 438 p. PREVEDELLO, C.L. Física do solo com problemas resolvidos . Curitiba: SAEAFS, 1996. 446p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
AZEVEDO NETTO, J.M.; FERNANDEZ Y FERNANDEZ, M.; ARAÚJO, R.; EIJI ITO, A. Manual de hidráulica . 8 ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1998. 669p. BRANDÃO, V.S.; PRUSKI, F.F.; SILVA, D.D. Infiltração da água no solo . Viçosa: UFV, 2003. 98p. JURY, W.A.; GARDNER, W.R.; GARDNER, W.H. Soil Physics . John Wiley & Sons, 1991. 328p. REICHARDT, K. ; TIMM, L. C. Solo, planta e atmosfera: conceitos, processos e aplicações . 2 ed. Barueri: Manole, 2008. v. 1. 480 p. VAN RAIJ, B. Avaliação da fertilidade do solo . Piracicaba: POTAFÓS, 1983. 142p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-406	Disciplina:	Legislação Agrária e Ambiental			
Carga Horária:	40	Semestre:	4º	Nº de aulas semanais:	02	
Objetivos: Apresentar a legislação agrária e ambiental do Brasil e do Mato Grosso. Capacitar os discentes para: aplicar a legislação agrária e ambiental. Coordenar os processos administrativos de licenciamento ambiental. Realizar pericia ambientais.						
Ementa: Introdução ao direito agrário – constituição federal e estatuto da terra. Hierarquia das leis. Princípios do direito ambiental. Leis ambientais. Resoluções do CONAMA e ANVISA. Perito ambiental e pericia ambiental.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
FIORILLO, C. A. P. Curso de direito ambiental brasileiro . São Paulo: Saraiva, 2011. 866p.						
ASSAD, Z. P. Legislação ambiental de Mato Grosso . Cuiabá: ALMT, 2007.						
LEITE, S. Políticas públicas e agricultura no Brasil . Rio Grande do Sul: UFRGS, 2001. 250p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
FARIAS, G. L.; LIMA, M. C.. Coletânea de legislação ambiental: federal, estadual: atualizada até setembro/90 . Curitiba-Paraná: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1991, 536p.						
GEBLER, L. Gestão ambiental na agropecuária . Brasília – Df: EMBRAPA., 2007, 310p.						
BELLO, E.; PÊCEGO, D. N.; OLIVEIRA, C. A. de; ALBUQUERQUE, A. R. V.; MOTA, M.. Função social do direito ambiental . Rio de Janeiro – RJ: Elsevier, 2009, 355p.						
FIORILLO, C.A.P. Princípios do direito processual ambiental . São Paulo: Saraiva, 2010. 275p.						
DONAIRE, D.. Gestão ambiental na empresa . São Paulo – SP: Atlas, 2010, 175p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-407	Disciplina:	Genética na Agropecuária		
Carga Horária:	60	Semestre:	4º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Conhecer os mecanismos de transmissão de características qualitativas e quantitativas. Conhecer os mecanismos de determinação do sexo. Conhecer os tipos de ação genica e interação entre o genótipo e o ambiente. Conhecer os mecanismos de regulação genica. Conhecer os princípios de genética de populações, os princípios de genética quantitativa, os princípios de genética de microrganismos, os princípios de genética molecular e engenharia genética, os princípios e mecanismos de evolução das espécies. Relacionar o conhecimento da genética com a produção animal.					
Ementa: Hereditariedade e variação. Material genético. Mitose, meiose e mecanismos genéticos de reprodução. Determinação do sexo. Síntese proteica. Cromossomas, classificação e aberrações. Princípios Mendelianos: 1ª e 2ª Leis de Mendel. Fenótipo e genótipo. Modos de ação gênica. Expressão genica, estrutura do gene. Ligação e recombinação gênica. Mapas genômicos. Herança ligada, influenciada e limitada pelo Sexo. Genética das populações. Genética de microrganismos. Genética molecular.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
CRUZ, C. D.; BARROS, E. G.; VIANA, J. M. S. Genética - vol. 1 – fundamentos. 2 ed. Viçosa: UFV, 2003. 314 p. SNUSTAD, D. P.; SIMMONS, M. J. Fundamentos de genética . 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara- Koogan, 2008. 903p. PIERCE, B. A. Genética: um enfoque conceitual . Rio de Janeiro: Guanabara Koo- gan, 2004. 758 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
GRIFFITHS, A. J. F.; MILLER, J. H.; SUZUKI, D. T.; LEWONTIN, R. C.; GELBART, W. M. Introdução à genética . 8 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 764 p. VIANA, J. M. S. Genética: fundamentos vol. 1 – Viçosa : UFV, 2012. 330p. RAMALHO, M. A. P.; SANTOS, J. B.; PINTO, C. A. B. P. Genética na agropecuária . 4 ed. Lavras: UFLA, 2008. 464p. SALDANHA, J.; FISCHER, G. R.; Pinheiro, Sebastião; Hobbelink, Henk. Bioteecnologia: muito além da revolução verde: as novas tecnologias genéticas para a agricultura: desafio ou desastre? Porto Alegre – RS: RIOCELL, 1990, 196p. CARNEIRO, V. T. C.; Brasileiro, Ana Cristina Miranda. Manual de transformação genética de plantas . Brasília – DF: Embrapa – SPI, 1998, 309p.					

6.4.5 Ementas do 5º Semestre

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-501	Disciplina:	Construções Rurais		
Carga Horária:	60	Semestre:	5º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Identificar os diversos materiais de construção empregados em obras rurais. Calcular a quantidade de materiais de construção. Conhecer os principais tipos de fundações e alicerces para pequenas obras no meio rural. Conhecer os sistemas hidráulicos e elétricos em construções rurais. Identificar os tipos de telhados e nomenclatura das partes que compõem os mesmos. Planejar e dimensionar uma pequena barragem de terra. Fazer um orçamento de custo de construção.					
Ementa: Materiais de Construção: descrição dos principais materiais utilizados em construções rurais - cimento, areias, britas, cal, tijolos, telhas, tintas, arames, madeiras, ferragem, tubulações e fiação elétrica. Cálculo de Materiais de Construção: determinação dos principais tipos de traço, cálculo da quantidade de materiais em função do traço, cálculo de matérias para uso em instalações (tijolo, telhas, etc.). Aspectos construtivos: fundações, telhados, tipos de tesouras concreto armado e comum, paredes, noções de conforto térmico em construções rurais. Sistemas Hidráulico-Sanitário e Elétrico: tipos de canalizações, dimensionamento de sistemas hidrossanitário, noções de circuitos elétricos, tipos de condutores, voltagem, amperagem, eletrificação rural. Pequenas Barragens de Terra: localização, aspectos construtivos. Orçamentos.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
PEREIRA, M. F. Construções rurais – São Paulo: Nobel, 1986. 334 p. FABICHAK, I. Pequenas construções rurais – São Paulo: Nobel, 2004. 132p. BAÊTA, F. C.; SOUZA, C. F. Ambiência em edificações rurais: conforto animal . Viçosa- MG: UFV 2 ed., 2010, 269p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:					
BORGES, A. C. Prática das pequenas construções . volume I – São Paulo: Edgard Blucher, 2010. 397p. CARNEIRO, O. Construções rurais . 12 ed. – São Paulo: Nobel, 1987. 719p. GOUVEIA, A. M. G., Instalações para a criação de ovinos tipo corte nas regiões Centro-Oeste e Sudeste do Brasil . Brasília – DF: LK, 2007, 96p. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Manual de Orientação Construções e Instalações . Brasília – DF: Ministério da Educação, 1989, 89p. SGANZERLA, E. Nova agricultura: a fascinante arte de cultivar com os plásticos . Porto Alegre – RS: Plasticultura Gaúcha, 5 ed., 1995, 341p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-502	Disciplina:	Fitopatologia Aplicada		
Carga Horária:	60	Semestre:	5º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Proporcionar conhecimentos fundamentais para a realização do manejo integrado de doenças de Plantas.					
Ementa: Sintomatologia de doenças de plantas. Manejo de doenças causadas por fungos, bactérias, vírus e nematoides das principais culturas de importância econômica e social para a região além de doenças de hortaliças, fruteiras e ornamentais. Uso correto de produtos fitossanitários. Métodos de controle.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BERGAMIN, A. F.; KIMATE, H.; AMORIM, L. Manual de fitopatologia – princípios e conceitos . 4 ed. São Paulo: Ceres, 2011. 724p. KIMATI, H.; AMORIM, L.; BERGAMIN FILHO; A.; CAMARGO E. A. L.; REZENDE A. M. J. Manual de fitopatologia: doenças de plantas cultivadas . 4 ed. São Paulo: Ceres, 2005. ZAMBOLIM, L., ZUPPI, M.; SANTIAGO, T. O que os engenheiros agrônomos devem saber para orientar o uso de produtos fitossanitários . 3 ed. Viçosa: UFV, 2008.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
PONTE, J. J. Fitopatologia: princípios e aplicações . 2 ed – São Paulo: Nobel, 1988. 250p. ROMEIRO, R. S. Controle biológico de doenças de plantas: fundamentos . Viçosa- MG: UFV, 2007, 269p. DUARTE, M. L. R. Doenças de plantas no trópico úmido brasileiro: I. Plantas industriais . Belém – PA: Embrapa, 1999, 296p. DUARTE, M. L.; LEDO, A. S.; NUNES, A. M. L.; MENEZES, A. J. E. A.; TRINDADE, D. R.; ALBUQUERQUE, F. C. Doenças de plantas no trópico úmido brasileiro: II. Fruteiras nativas e exóticas . Brasília – DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2003, 305p. MAFIA, R. G.; ALFENAS, A. C. Métodos em fitopatologia . Viçosa- MG: UFV. 2007, 382 p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-503	Disciplina:	Hidráulica Geral		
Carga Horária:	80	Semestre:	5º	Nº de aulas semanais:	04
Objetivos: Fornecer aos alunos conhecimentos básicos da hidráulica dos fluidos e sua interação com a atividade agrícola.					
Ementa: Introdução: conceito de hidráulica. Revisão de sistemas de unidade. Propriedades fundamentais dos fluidos. Estudo das formas de captação de água: superficial e subterrânea. Conceitos básicos ao escoamento em condutos. Escoamento em condutos forçados: principais equações, tipos, sistemas de condutos, golpe de ariete, dispositivos de segurança. Escoamento em condutos livres: dimensionamento de seções usuais em movimento uniforme, rugosidade e seção composta. Sistemas de recalque: tipos de bombas, seleção, associação, manutenção. Projeto de sistema de recalque.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
AZEVEDO NETO, J. M.; FERNANDEZ, M. F.; ARAÚJO, R.; ITO, A. E. Manual de hidráulica . 8 ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1998. 669p.					
RAMOS, M. M. Medição da vazão em pequenos cursos d'água . Brasília – DF: SENAR, 2003, 64p.					
REICHARDT, K. A água em sistemas agrícolas . São Paulo – SP: Manole, 1990, 200p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
OLIVEIRA, R. A.; RAMOS, M. M. Instalação de sistema de bombeamento de água . Brasília – DF: SENAR, 2003, 64p.					
SILVA, D. D.; CECÍLIO, R. A.; BRANDÃO, V. S.; PRUSKI, F. F. Infiltração da água no solo . Viçosa- MG: UFV, 3ed., 2010, 120p.					
MANTOVANI, E. C.; PALARETTI, L. F.; BERNADO S. Irrigação: princípios e métodos . Viçosa- MG: UFV, 2009, 356p.					
OLIVEIRA, A. S.; RIBEIRO, T. A. P.; FACICIOLI, G. G. Manejo básico da irrigação na produção de hortaliças . Brasília – DF: LK, 2006, 153p					
VIEIRA, D. B. As técnicas de irrigação . São Paulo – SP: O Globo, 1989, 263p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-504	Disciplina:	Controle Químico de Plantas Invasoras		
Carga Horária:	40	Semestre:	5º	Nº de aulas semanais:	02
Objetivos: Fornecer informações teóricas fundamentais do controle químico de plantas daninhas aos discentes do Curso de Agronomia. Dar condições para que o aluno, ao final do curso, esteja apto a conceituar termos de uso comum em plantas daninhas, e utilizar as técnicas mais modernas do controle químico de plantas daninhas, procurando evitar danos ao meio ambiente.					
Ementa: Estudos das plantas daninhas. Dispersão, dormência, germinação e alopatia. Fisiologia da competição. Espécies de plantas daninhas mais importantes para a agricultura brasileira. Danos e prejuízos causados por plantas daninhas a agricultura. Métodos de identificação de plantas daninhas. Formulações, metabolismo e seletividade de herbicidas. Classificação dos herbicidas. Absorção e translocação de herbicidas nas plantas. Principais grupos e compostos químicos herbicidas. Ciclos e interações dos herbicidas no ambiente. Resistência de plantas daninhas a herbicidas. Tecnologia de aplicação de herbicidas. Métodos de manejo de baixo impacto ambiental. Métodos de Controle de plantas daninhas – cultural, físico, biológico e químico. Plantas invasoras. Herbicidologia. Mecanismo de ação dos herbicidas. Surfactantes. Tecnologia de aplicação. Avaliação dos efeitos de herbicidas.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
LORENZI, H. Manual de identificação e controle de plantas daninhas: plantio direto e convencional . 5 ed. Nova Odessa: Plantarum, 2000. 344p. LORENZI, H. Plantas daninhas do Brasil: terrestre, aquáticas, parasitas e tóxicas . 3 ed. Nova Odessa: Plantarum, 2000. 640p. LEITÃO FILHO, H. F.; BACCHI, O.; ARANHA, C. Plantas invasoras de culturas, volume I . Campinas – SP: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1982, 304p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
OLIVEIRA, R. S.; CONSTANTIN, J. (Coord.) Plantas daninhas e seu manejo . Guaíba: Agropecuária, 2001. 362p. VIDAL, R. A. Herbicidas: mecanismos de ação e resistência de plantas . Porto Alegre: Ribas Vidal, 1997. 165p. SILVA, A. A.; SILVA, J. F. Tópicos em manejo de plantas daninhas . Viçosa- MG: UFV, 2009, 367p. ZAMBOLIN, L.; CONCEIÇÃO, M. Z.; SANTIAGO, T. O que os engenheiros agrônomos devem saber para orientar o uso de produtos fitossanitários . São Paulo: ANDEF, 2003. 375 p. MATUO, T. Técnicas de aplicação de defensivos agrícolas . Jaboticabal – SP: FUNEP, 1990, 140 p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-505	Disciplina:	Manejo Integrado de Pragas		
Carga Horária:	60	Semestre:	5º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Propiciar conhecimentos necessários para o emprego dos diferentes métodos de controle no manejo integrado de pragas. Preparar o aluno para que compreenda as bases e fundamentos científicos através da avaliação do agroecossistema, tomada de decisão e integração de diversos métodos de controle de pragas que resultem em menor impacto ambiental.					
Ementa: Introdução, importância, conceito, filosofia e histórico do MIP. Conhecimentos básicos do MIP. Técnicas de amostragem. Conceito de praga e níveis de dano econômico. Ecossistemas e natureza das pragas. Biodiversidade e manejo de pragas. Introdução a estratégias e táticas de MIP. Métodos de controle de pragas: biológicos, resistência, comportamento, químico, mecânico, físico e cultural. Controle legislativo e a prevenção de pragas. Plantas geneticamente modificadas resistentes a insetos. Estabelecimento de programas de MIP e exemplos. MIP em grandes culturas, hortaliças, cultivos perenes, fruteiras e ornamentais.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
GALLO, D.; SILVEIRA NETO, S.; CARVALHO, R. P. L.; BAPTISTA, G. C.; CERTI FILHO, E.; PARRA, J. R. P.; ZUCCHI, R. A.; ALVES, S. B.; VENDRAMIM, J. D.; MARCHINI, L. C.; LOPES, J. R. S.; OMOTO, C. Entomologia agrícola . Piracicaba: FEALQ, 2002. 920p. ZAMBOLIM, L., ZUPPI, M.; SANTIAGO, T. O que os engenheiros agrônomos devem saber para orientar o uso de produtos fitossanitários . 3 ed. Viçosa: UFV, 2008. GUERRA, M. S. Receituário agrônomo . São Paulo – SP: Globo, 1988, 436p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
LARA, F. Princípios da resistência de plantas a insetos . São Paulo: Ícone, 1991. FERNANDES, O. A.; CORREIA, A. C. B.; BORTOLI, S. A. Manejo integrado de pragas e nematóides . Jaboticabal: FUNEP, 1992. 253p. 352p. v.1, 2. PARRA, J. R. P.; PANIZZI, A. R. Bioecologia e nutrição de insetos: base para o manejo integrado de pragas . Brasília - DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2009, 1163p. ZAMBOLIM, L. Produtos fitossanitários: (fungicidas, inseticidas, acaricidas e herbicidas) . Viçosa – MG: Editora UFV. 2008, 670 p. GONDIM, D. M. C., Manual de identificação das pragas, doenças, deficiências minerais e injúrias no cultivo do algodoeiro no Brasil . Cascavel – PR: COODE-TEC/CIRAD-CA, 1999, 120p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-506	Disciplina:	Melhoramento Genético de Plantas		
Carga Horária:	60	Semestre:	5º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Proporcionar conhecimento e compreensão da base genética qualitativa e quantitativa para sua correta utilização em programas de melhoramento genético de espécies vegetais.					
Ementa: Importância e objetivos do melhoramento. Centro de origem das plantas cultivadas. Banco de germoplasma. Caracteres qualitativos e quantitativos - tipos de ação gênica. Componentes da variação fenotípica - coeficiente de herdabilidade. Sistemas reprodutivos e suas relações com o melhoramento. Melhoramento de espécies de propagação vegetativa: estrutura genética de populações e teoria da seleção; seleção em diversas etapas. Melhoramento de espécies autógamas: estrutura genética de populações e teoria da seleção; seleção massal; seleção com teste de progênie; método genealógico; método da população; método SSD (Single Seed Descent); método de retrocruzamento; híbridos comerciais. Melhoramento de espécies alógamas: estrutura genética de populações e teoria da seleção. Seleção recorrente: conceitos básicos. Seleção massal e modificações. Seleção com teste de progênie: meios irmãos e irmãos germanos. Híbridos comerciais. Obtenção e melhoramento de linhagens endogâmicas. Avaliação de linhagens. Predição de híbridos. Biotecnologia no melhoramento de plantas.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BORÉM, A.; MIRANDA, G. V. Melhoramento de plantas . 5 ed. Viçosa: UFV, 2009. 529p. BORÉM, A.(Ed). Hibridação artificial de plantas . 2 ed. Viçosa: UFV, 2009. 625p. BORÉM, A. Melhoramento de espécies cultivadas . 2 ed. Viçosa: UFV, 2005. 969 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
RAMALHO, M. A. P.; SANTOS, J. B.; PINTO, C. A. B. P. Genética na agropecuária . 4 ed. Lavras: UFLA, 2008. 464p BUENO, L. C. S.; MENDES, A. N. G.; CARVALHO, S. P. Melhoramento genético de plantas – princípios e procedimentos . Lavras: UFLA, 2001. 282 p. TORRES, A. C. Cultura de tecidos e transformação genética de plantas . volume 1. Brasília – DF: Embrapa – SPI, 1999, 338 p. RAMALHO, M. A. P.; OLIVEIRA, A. C.; FERREIRA, D. F. Experimentação em genética e melhoramento de plantas . Lavras – MG: UFLA, 2005, 322p. PAIVA, J. R. da, Melhoramento genético de espécies agroindustriais na Amazônia: estratégias e novas abordagens . Brasília – DF: Embrapa – SPI, 1998, 135 p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-507	Disciplina:	Fertilidade do Solo			
Carga Horária:	60	Semestre:	5º	Nº de aulas semanais:	03	
Objetivos: Proporcionar condições de entender o processo de ciclagem de nutrientes dentro do enfoque de agricultura sustentável por meio da avaliação das relações do manejo da fertilidade do solo com o desenvolvimento social, político e econômico da agricultura. Apresentar aos alunos informações a respeito das características do solo e dos fenômenos químicos que nele ocorrem, e que o tornam um meio adequado ao fornecimento de nutrientes as plantas em quantidades suficientes e balanceadas, de forma a permitir altas taxas de crescimento e produtividade das culturas.						
Ementa: Conceitos e leis da fertilidade do solo. Composição química e mineralógica do solo. Coleta correta de amostras de solos para análise química e física em laboratórios. Reações da solução do solo. Relação entre pH e disponibilidade de nutrientes. Cargas elétricas e fenômenos de adsorção e troca catiônica e aniônica. Acidez e calagem do solo. Matéria orgânica do solo: ciclo do carbono, decomposição da matéria orgânica, formação de húmus, decomposição de compostos de importância agrícola. Ecologia e diversidade dos organismos do solo (bactérias, fungos, micorrizas, actinomicetos, algas, protozoários, mesofauna, minhocas) quanto as características, funções e importância agrícola. Fatores que influem na atividade biológica do solo. Compostagem, vermicompostagem e metano gênese. Nitrogênio: formas no solo, transformações e fixação de nitrogênio atmosférico. Fósforo: formas e transformações no solo. Potássio: formas no solo. Cálcio e magnésio: formas no solo. Enxofre: formas e transformações no solo. Micronutrientes; formas e transformações de cobre, ferro, zinco, manganês, molibdênio, boro e cloro no solo. Interpretação da análise de solo. Tipos, métodos e formas de aplicação de macro e micronutrientes disponíveis no mercado.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
COSTA, M. B. B. Adubação orgânica: nova síntese e novo caminho p/ a agricultura – São Paulo: Ícone, 1986. 104p.						
AMARAL, N. D. Noções de conservação do solo 2 ed – São Paulo: Nobel, [19- -]. 121p.						
MALAVOLTA, E. Manual de nutrição mineral de plantas. 2006.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
VAN RAIJ, B. Fertilidade do solo e adubação. São Paulo: Ceres/POTAFÓS, 1991. 343p.						
LOPES, A. S. Solos sob cerrado - características, propriedade e manejo. 2 ed. Piracicaba: POTAFÓS, 1984. 162 p.						
VAN RAIJ, B. Fertilidade do solo e adubação. São Paulo: Ceres/POTAFÓS, 1991. 343p						
NOVAIS, R. F.; ALVAREZ, V. H.; BARROS, N. F.; FONTES, R. L. F.; CANTARUTTI, R. B.; NEVES, J. C. L. Fertilidade do solo. Viçosa: SBCS, 2007. 1017p.						
VAN RAIJ, B. Avaliação da fertilidade do solo. Piracicaba: POTAFÓS, 1983. 142p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-508	Disciplina:	Anatomia e Fisiologia Animal			
Carga Horária:	60	Semestre:	5º	Nº de aulas semanais:	03	
Objetivos: Compreender os princípios fundamentais da anatomia do sistema locomotor ósseo e muscular, sistemas urogenital, circulatório, respiratório, digestivo e nervoso nas várias espécies de interesse zootécnico. Compreender os diversos fatores fisiológicos que influenciam o desenvolvimento e o crescimento animal.						
Ementa: Introdução ao estudo de anatomia e fisiologia. Sistemas orgânicos: locomotor, reprodutor, excretório, circulatório, respiratório e digestório. Morfologia geral e comparada. Sistema nervoso. Anatomia e fisiologia dos animais monogástricos e ruminantes, com ênfase nas espécies domésticas de importância econômica. Locais e vias de aplicação de medicamentos.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
CUNNINGHAM, J. G. Tratado de fisiologia veterinária . Guanabara Koogan, 1992. 454p.						
MCCRACKEN, T. O.; SPURGEON, T. L.; KAINER, R. A., Atlas colorido de anatomia de grandes animais: fundamentos . Rio de Janeiro – RJ: Guanabara Koogan, 2004, 218p.						
FRANDSON, R. D., Anatomia e fisiologia dos animais de fazenda . Rio de Janeiro – RJ: Guanabara Koogan, 7 ed., 2011, 440p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
DYCE, K. M., WEINSING, C.J.G. Tratado de anatomia veterinária . Guanabara Koogan, 1990. 813p.						
DUKES, H. H; SWENSON, M. J.; REECE, W.O. Dukes Fisiologia dos animais domésticos . 11 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996. 856p						
GETTY, R. Sisson and Grossman Anatomia dos animais domésticos. V1 . 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1986. 1168p.						
GETTY, R. Sisson and Grossman Anatomia dos animais domésticos. V2 . 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1986. 882p.						
SCHMIDT, Nielsen, Knut, Fisiologia animal: adaptação e meio ambiente . São Paulo – SP: Santos, 2002, 622p.						

6.4.6 Ementas do 6º Semestre

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-601	Disciplina:	Irrigação e Drenagem		
Carga Horária:	80	Semestre:	6º	Nº de aulas semanais:	04
Objetivos: Apresentar os conceitos básicos das relações solo-água-planta-atmosfera, o princípio de funcionamento dos métodos de irrigação e da drenagem de solo e das técnicas de manejo de irrigação.					
Ementa: Relação solo-água-planta atmosfera. Métodos de estimativa da evapotranspiração para dimensionamento de projetos e controle da irrigação. Irrigação por aspersão: estudo do sistema de irrigação por aspersão convencional - aspectos gerais, dimensionamento de linhas laterais, linhas secundarias e linhas principais. Sistema de irrigação por pivô central – aspectos gerais, avaliação da uniformidade de aplicação de água e eficiência de um pivô central. Irrigação localizada - aspectos gerais, dimensionamento da linha lateral, linha de derivação e linha principal, projeto de irrigação por microaspersão e uniformidade de aplicação d'água. Drenagem - considerações gerais, ciclo hidrológico, retenção d'água no solo, movimento d'água no solo, drenagem superficial, drenagem no solo, determinação da condutividade hidráulica, tipos de dreno e sistemas de drenagem.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BERNARDO, S. Manual de irrigação . 7 ed. Viçosa: UFV, 2005. 611p. OLITTA, A.F.L. Os métodos de irrigação . 11 ed. São Paulo: Nobel, 1976. 267p. OLIVEIRA, A. S. de; Ribeiro, Túlio Assunção Pires; Facioli, Gregório Guirado. Manejo básico da irrigação na produção de hortaliças . Brasília – DF: LK, 2006, 153p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
CRUCIANI, D. E. A drenagem na agricultura . 4 ed. São Paulo: Nobel, 1987. 337p. SILVA, D. D.; C, R. A.; BRANDÃO, V. S.; PRUSKI, F. F. Infiltração da água no solo . Viçosa- MG: UFV, 3ed., 2010, 120p. OLIVEIRA, R. A.; RAMOS, M. M. Instalação de sistema de bombeamento de água . Brasília – DF: SENAR, 2003, 64p. MANTOVANI, E. C.; PALARETTI, L. F.; SALASSIER, B. Irrigação: princípios e métodos . Viçosa- MG: UFV, 2009, 356p. RAMOS, M. M.; OLIVEIRA, R. A. de, Medição da vazão em pequenos cursos d'água . Brasília – DF: Senar, 2003, 64p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-602	Disciplina:	Nutrição Mineral de Plantas		
Carga Horária:	60	Semestre:	6º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Abordar os principais aspectos relacionados com o manejo preciso da adubação de plantas através da avaliação do estado nutricional de plantas utilizando métodos visuais, análise foliar, análise de nutrientes na seiva e indiretos.					
Ementa: Absorção, transporte, metabolismo e funções dos nutrientes minerais. Elementos benéficos e tóxicos. Composição mineral e diagnose do estado nutricional. Sintomas visuais de deficiência e excesso de nutrientes. Exclusão dos efeitos de fatores bióticos e abióticos. Diagnose foliar: amostragem, análise e interpretação dos resultados. Procedimentos para avaliação do estado nutricional de plantas. Diagnósticos do estado nutricional de plantas.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
EPSTEIN, E.; BLOOM, A. Nutrição mineral de plantas: princípios e perspectivas. 2. ed. Londrina: Planta, 2006. 403 p.					
MALAVOLTA, E. Elementos de nutrição mineral de plantas. São Paulo: Ceres, 1980. 251p.					
FERNANDES, M.S. (Ed.). Nutrição Mineral de plantas. Viçosa: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 2006,432p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
MALAVOLTA, E.; VITTI, G. C.; OLIVEIRA, S. A. Avaliação do estado nutricional das plantas. 2 ed. Piracicaba: POTAFÓS, 1997. 319p.					
MALAVOLTA, E. Elementos de nutrição mineral de plantas. São Paulo: Editora Agronômica Ceres Ltda., 1980. 251p.					
KERBAUY, G. B. Fisiologia vegetal. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. 452p.					
MARENCO, R. A. Fisiologia vegetal: fotossíntese, respiração, relações hídricas e nutrição mineral. 3 ed – Viçosa: UFV, 2011. 486p.					
FONTES, P. C. R. Diagnóstico do estado nutricional das plantas. Viçosa: UFV, 2006. 122p.					
TAIZ, L.; ZEIGER, E. Fisiologia vegetal. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 848p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO			PROGRAMA DE ENSINO		
Código:	AGN-603	Disciplina:	Tecnologia de Aplicação de Defensivos		
Carga Horária:	60	Semestre:	6º	Nº de aulas semanais:	3
Objetivos: Esta disciplina tem como objetivo mostrar ao estudante a importância do controle químico na agricultura. Mostrar que a tecnologia de aplicação não se resume apenas ao ato de aplicar o produto, mas sim na interação entre vários fatores como cultura, praga, doença, planta invasora, produto, equipamento e ambiente buscando um controle eficiente, com custo baixo e mínima contaminação ambiental.					
Ementa: Introdução a tecnologia de aplicação de defensivos: aspectos gerais. Interdisciplinaridade na tecnologia de aplicação. Tipos de alvos. Técnicas de aplicação de defensivos: conceituação sobre veículos, faixa de deposição, tamanho e espectro de gotas. Pulverizadores: Tipos, Constituição, Manutenção, Regulagem, Calibração, Princípios de funcionamento, Bicos pulverizadores, aplicabilidade, limpeza e troca de bicos. Atomizadores e nebulizadores: Tipos Constituição, Manutenção, Regulagem, Calibração, Princípios de funcionamento. Aviação agrícola: princípios de utilização. Principais erros na aplicação de defensivos. Condições ambientais no momento da aplicação. Custo da aplicação de defensivos. Capacidade operacional de pulverizadores.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ZAMBOLIN, L.; CONCEIÇÃO, M. Z.; SANTIAGO, T. O que os engenheiros agrônomos devem saber para orientar o uso de produtos fitossanitários . São Paulo: ANDEF, 2003. 375 p. BOLLER, W.; ANTUNIASSI, U. R. Tecnologia de aplicação para culturas anuais . Passo Fundo – RS: Aldeia Norte, 2011, 279 p. ZAMBOLIM, L.; PICANÇO, M. C.; SILVA, A. A.; FERREIRA, L. R.; FERREIRA, F. A.; JESUS JUNIOR, W. C. Produtos fitossanitários (fungicidas, inseticidas, acaricidas e herbicidas) . Viçosa: UFV, 2008. 652p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
AZEVEDO, L. A .S. Proteção integrada de plantas com fungicidas . São Paulo, 2001. 230p. SILVEIRA, G. M. Máquinas para plantio e condução das culturas . Viçosa- MG: Aprenda Fácil, 2001, 334 p. MATUO, T. Técnicas de aplicação de defensivos agrícolas . Jaboticabal – SP: FUNEP, 1990, 140 p. SILVA, A. A. da; SILVA, J. F. da. Tópicos em manejo de plantas daninhas . Viçosa- MG: UFV, 2009, 367 p. NAKANO, O., Curso de defensivos agrícolas, módulo 4: inseticidas . Brasília – DF: ABEAS, 1989, 167p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-604	Disciplina:	Zootecnia I (Aves e Suínos)		
Carga Horária:	60	Semestre:	6º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Mostrar ao estudante a importância da produção de aves e suínos bem como a tecnologia de produção que envolve estas duas atividades no agronegócio brasileiro.					
Ementa: Avicultura de corte e postura no Mato Grosso, no Brasil e no Mundo. Produção de matrizes e pintos de um dia. Manejo alimentar, sanitário e de instalações para produção de frangos de corte. Produção de matrizes para postura. Produção de ovos comerciais. Incubatório. Produção de suínos: origem, evolução, manejo reprodutivo, alimentar, sanitário e de instalações. Avicultura e seus impactos ambientais. Produção de aves de corte e/ou de postura ambientalmente sustentáveis. Raças, alimentação, sanidade, instalações, equipamentos e manejo voltados a produção avícola sustentável. Inserção do pequeno avicultor no agronegócio. Os impactos da suinocultura nos ecossistemas do Estado de Mato Grosso. Sistemas de produção de suínos ambientalmente sustentáveis. Raças, alimentação, sanidade, instalações, equipamentos e manejo voltados a suinocultura. Inserção do pequeno suinocultor no agronegócio.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
MACHADO, L. C.; GERALDO, A. Nutrição Animal Fácil . Bambuí – MG: Luiz Carlos Machado, 2011, 96p PEREIRA, M. F. Construções rurais . São Paulo – SP: Nobel, 1986, 334p. COTTA, T. Alimentação de aves . Viçosa- MG: Aprenda Fácil, 2003, 240 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
SOUZA, L. D. Avicultura . Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1978. 331p. MACARI, M.; FURLAN, R. L.; GONZALES, E. Fisiologia aviária aplicada a frangos de corte . Jaboticabal: Funep, 1994. LANA, G. R. Q. Avicultura . Campinas – SP: Rural, 2000, 278p. ENGLERT, S. I. Avicultura: tudo sobre raças, manejo e nutrição . Guaíba – RS: Agropecuária. 1998, 239p. SESTI, L. A. C.; SILVEIRA, P. R. R. da; WENTZ, Ivo; SOBESTIANSKY, Jurij. Suino-cultura intensiva: produção, manejo e saúde do rebanho . Brasília – DF: Embrapa. 1998. 388 p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-605	Disciplina:	Zootecnia II (Bovino e Ovino)		
Carga Horária:	60	Semestre:	6º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Demonstrar para os estudantes a importância da produção de bovinos de corte e leite, ovinos bem como a tecnologia de produção que envolve estas duas atividades no agronegócio brasileiro.					
Ementa: Introdução a ovinocultura e importância econômica. Raças e seus cruzamentos. Sistema de criação convencional, diferenciado e orgânico. Instalações e equipamentos. Manejo reprodutivo. Alimentação. Planejamento. Higiene e profilaxia. Manejo geral da criação. Bovinocultura de leite e corte no Brasil. Fisiologia da Glândula Mamaria. Reprodução e eficiência reprodutiva. Alimentação do rebanho leiteiro e de corte. Sistemas de criação convencional, diferenciado e orgânico. Tipo e controle leiteiro e de corte. Estudo das principais raças leiteiras e de corte. Melhoramento do rebanho leiteiro e de corte. Planejamento e evolução do rebanho. Instalações para o gado leiteiro e de corte.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
CORRÊA, A. N. S. Gado de corte: o produtor pergunta, a Embrapa responde. Brasília: EMBRAPA-SPI, 1996. 208 p. (Coleção 500 perguntas, 500 respostas). CAMPOS, O. F. Gado de leite: o produtor pergunta, a Embrapa responde. Brasília – DF: Embrapa Informação Tecnológica. 2004. 254p. COTTA, T. Minerais e vitaminas para bovinos, ovinos e caprinos. Viçosa- MG: Aprenda Fácil, 2001, 130p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
SILVA SOBRINHO, A. G. (Ed). Nutrição de ovinos. Jaboticabal: FUNEP, 1996 COIMBRA FILHO, A. Técnicas de criação de ovinos. 2. ed. Guaíba: Agropecuária, 1992, 102p, GOUVEIA, A. M. G. Instalações para a criação de ovinos tipo corte nas regiões Centro-Oeste e Sudeste do Brasil. Brasília – DF: LK, 2007, 96p. TORRES, A. Di P., Manual de Zootecnia: Raças que interessam ao Brasil (Bovinos, Zebuinas, Bubalinas, Cavaleares, Suínas, Ovinas, Caprinas, Cunícolas, Avícolas). São Paulo - SP: Agronômica Ceres, 1982, 3 FARIA, V. P. de; SILVA, S. C. da; MOURA, J. C. de; PEDREIRA, C. G. S. Produção de ruminantes em pastagens: anais do 24º simpósio sobre manejo da pastagem. Piracicaba – SP: FEALQ, 2007, 472p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-606	Disciplina:	Trabalho de Conclusão I			
Carga Horária:	40	Semestre:	6º	Nº de aulas semanais:	02	
Objetivos: Incentivar e orientar o aluno a elaborar um projeto de pesquisa.						
Ementa: Importância da pesquisa e do Trabalho de Conclusão do Curso. Metodologia científica. Normas para elaboração de projetos. Levantamento de dados bibliográficos. Socialização dos projetos. Uso de recursos audiovisuais.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
ALEXANDRE, M. J. O. A construção do trabalho científico: um guia para projetos, pesquisa e relatórios científicos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. 187p.						
GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184p.						
LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2001.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
RUDIO, F. V. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópolis: Vozes, 2000. 144p.						
ALEXANDRE, M. J. O. A construção do trabalho científico: um guia para projetos, pesquisas e relatórios científicos. Rio de Janeiro – RJ: Forense Universitária, 2003, 196p.						
BROSE, M. Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos. Porto Alegre – RS: TOMO, 2010, 328p.						
ABRAHAMSOHN, P., Redação científica. Rio de Janeiro, RJ: Rio de Janeiro, RJ, 2004, 272p.						
KÖCHE, J. C., Fundamentos de Metodologia Científica: Teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis-SP: Editora vozes, 2002, 182p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-607	Disciplina:	Manejo e Conservação do Solo e da Água		
Carga Horária:	60	Semestre:	6º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Apresentar o uso, o manejo e a conservação do solo e da água, fundamentando-se na identificação e discussão sobre as formas de uso, depauperamento, aptidão, planejamento, conservação e recuperação da produtividade do solo.					
Ementa: Análise das formas de exploração agrícola que vem comprometendo o potencial produtivo dos nossos solos. Importância do uso sustentável dos recursos solo e água. Avaliação da compactação do solo. Erosão: causas, tipos e fatores que influem. Erosão da chuva e erodibilidade do solo. Práticas conservacionistas de caráter mecânico, edáfico e vegetativo. Planejamento conservacionista e a recuperação de áreas degradadas. Manejo de recursos de microbacias hidrográficas. Fundamentos básicos de hidrologia, planejamento e projetos de estruturas hidráulicas e de sistemas de drenagem visando ao controle das águas naturais, superficiais e subterrâneas. Classificação da capacidade de uso do solo. Planejamento de uso do solo.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
AZEVEDO N. J. M.; FERNANDEZ e FERNANDEZ, M.; ARAÚJO, R.; EIJI ITO, A. Manual de hidráulica . 8 ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1998. 669p. BERTONI, J.; LOMBARDI NETO, F. Conservação do solo . 5 ed. São Paulo: Ícone, 2005. 355p. GUERRA, T.; SILVA, A. S.; BOTELHO, R. G. M. Erosão e conservação dos solos: conceitos, temas e aplicações . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 340p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
CRUCIANI, D. E. A drenagem na agricultura . 4 ed. São Paulo: Nobel, 1987. 337p. FERREIRA, P. H. M. Princípios de manejo e de conservação do solo . São Paulo: Nobel, 1984. 135p. PIRES, F. R.; SOUZA, C. M. Práticas mecânicas de conservação do solo e da água . Viçosa: UFV, 2003. 176p. LEPSCH, I. F. Formação e conservação dos solos . São Paulo – SP: Oficina de Textos, 2010, 216p. PRUSKI, F. F., Conservação de solo e água: práticas mecânicas para o controle da erosão hídrica . Viçosa- MG: UFV. 2011, 279p.					

6.4.7 Ementas do 7º Semestre

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-701	Disciplina:	Fitotecnia I (Algodão e Soja)			
Carga Horária:	80	Semestre:	7º	Nº de aulas semanais:	04	
Objetivos: Capacitar os discentes para caracterizar as plantas de algodão e soja e suas partes; Identificar os fatores genéticos e/ou ambientais que influenciam na fisiologia e comportamento de algodão e soja; Reconhecer, compreender e estabelecer os principais tratos culturais e fitossanitários necessários na produção das culturas a serem estudadas.						
Ementa: Estudar as culturas de algodão e soja quanto aos aspectos relacionados a sua importância socioeconômica, origem e difusão. Classificação e descrição botânica, variedades, clima e solo. Calagem e adubação. Preparo do solo e plantio. Tratos culturais. Colheita e secagem.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
FACUAL. Algodão: pesquisas e resultados para o campo. Cuiabá: FACUAL, 2006. 390p						
EMBRAPA. Recomendações técnicas para o cultivo da soja: áreas do cerrado de Mato Grosso, Distrito Federal, Tocantins e norte de Mato Grosso do Sul: zonas 10, 16, 19, 59, 60, 61, 64 e 91. Brasília – DF: Embrapa – SPI, 1992.						
FANCELLI, A. L.; DOURADO NETO, D. Produção de feijão. Piracicaba: Livrocere- res, 2007. 386p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
EMBRAPA AGROPECUÁRIA OESTE. Algodão: tecnologia de produção. Dourados: Embrapa Agropecuária Oeste, 2001. 296p.						
MOREIRA, H. J. C. Manual de pragas da soja. Campinas – SP: FMC, 2009, 144p.						
SARAN, P. E. Manual de doenças do algodoeiro. Campinas – SP: FMC, 232p.						
ARAÚJO, A. E.; BELTRÃO, N. E. N. Algodão: o produtor pergunta, a Embrapa res- ponde. Brasília – DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2004, 265p.						
FANCELLI, A.L.; DOURADO NETO, D. Produção de feijão. Piracicaba: Livrocere- res, 2007. 386p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-702	Disciplina:	Olericultura		
Carga Horária:	60	Semestre:	7º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Apresentar as diferentes hortaliças cultivadas no Brasil, bem como seu desenvolvimento, sua importância econômica e as técnicas de manejo aplicadas a mesma.					
Ementa: Introdução ao estudo da olericultura. Importância social e econômica da olericultura. Propagação das hortaliças. Produção de mudas de hortaliças. Introdução ao cultivo de hortaliças herbáceas, folhosas, bulbos, tuberosas, frutos e condimentares. Condições edafoclimáticas. Manejo da adubação e irrigação. Produção orgânica. Plasticultura. Minimamente processado. Planejamento e condução de uma de horta. Introdução a produção integrada de hortaliças. Principais pragas e doenças das hortaliças. Colheita, comercialização e classificação.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
SOUZA, J. L. Manual de horticultura orgânica . Viçosa: Aprenda fácil, 2003. 564p. EPSTEIN, E. Nutrição mineral de plantas : princípios e perspectivas. Londrina – PR: Planta, 2006, 418p. BLISKA JÚNIOR, A. Dimensionamento do projeto hidropônico . Cuiabá – MT: SENAR, 2002, 64p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
FILGUEIRA, F. A. R. Novo manual de olericultura : agrotecnologia moderna na produção e comercialização de hortaliças. 3 ed. Viçosa: UFV, 2008. 421p. MINAMI, K. Produção de mudas de alta qualidade em horticultura . São Paulo: T.A. Queiroz, 1995. SGANZERLA, E. Nova agricultura : a fascinante arte de cultivar com os plásticos. Porto Alegre – RS: Plasticultura Gaúcha, 5 ed., 1995, 341p. ROSSI, F. Cultivo de tomate em estufa . Viçosa- MG: CPT, 1997, 62p. BLISKA J. A. Montagem da estrutura hidropônica . Cuiabá – MT: FEPAD, 2002, 128p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-703	Disciplina:	Silvicultura			
Carga Horária:	60	Semestre:	7º	Nº de aulas semanais:	03	
Objetivos: Proporcionar visão global sobre atividades técnicas florestais. Orientar sobre as técnicas de implantação e condução de um povoamento florestal.						
Ementa: Definição e importância da silvicultura. Projeto de implantação florestal. Escolha de espécies. Sistemas Silviculturais. Obtenção de material propagativo. Viveiro florestal. Preparo de área, plantio e tratos silviculturais. Cultura de eucalipto e outras espécies florestais. Sistemas agroflorestais.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
ALOISIO, X.; IVAR W.; ROGÉRIO, L. S. Silvicultura Clonal - Princípios e Técnicas . Viçosa-MG: UFV, 2009, 272 p.						
BELLOTE, A. F. J.; FERREIRA, C. A.; ANDRADE, G. C.; SILVA, H. D. Formação de povoamentos florestais . Colombo: Embrapa Florestas, 2008. 109 p.						
GALVÃO, A. P. M. Reflorestamento de propriedades rurais para fins produtivos e ambientais . BRASÍLIA, DF: Embrapa, 2000. 351 p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
ALFENAS, A. C. Clonagem e doenças do eucalipto . Viçosa – MG: UFV, Editora UFV, 2009, 500p.						
MARCHIORI, J. N. C. Dendrologia das angiospermas: leguminosas . Santa Maria – RS: UFSM, 2007, 200p.						
CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho, Espécies arbóreas Brasileiras . Brasília – DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2003, 1040p.						
RIZZINI, C. T. Árvores e madeiras úteis do Brasil: manual de dendrologia brasileira . São Paulo – SP: Edgard Blücher, 1990, 302p.						
LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil . 3. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 1998. v. 1 384 p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-704	Disciplina:	Sensoriamento Remoto			
Carga Horária:	40	Semestre:	7º	Nº de aulas semanais:	02	
Objetivos: Apresentar os princípios da radiometria óptica espectral bem como a refletância dos alvos naturais em geral, as bandas espectrais de maior refletância para alvos naturais (solo, vegetação e água). Adquirir e utilizar de dados de forma remota. Compreender as “janelas atmosféricas”. Caracterizar sensores passivos e sensores ativos.						
Ementa: Introdução e histórico do sensoriamento remoto. Aplicações do sensoriamento e seus diferentes produtos, potencialidades e limitações. Princípios físicos do sensoriamento remoto. Níveis de aquisição de dados. Sistemas sensores. Sistemas orbitais. Comportamento espectral de alvos. Métodos de extração de informações. Metodologia de interpretação visual de imagens de satélites para mapeamento do uso da terra.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
BLASCHKE, T.; KUX, H. Sensoriamento remoto e SIG avançado . 2 ed. São Paulo. Oficina de textos, 2007						
NOVO, E. M. L. M. Sensoriamento remoto: princípios e aplicações . 2 ed. São Paulo. 1992. 308 p.						
LAMPARELLI, R. A. C. Geoprocessamento e agricultura de precisão : fundamentos e aplicações, Guaíba – RS: Agropecuária, 2001, 118p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
MOREIRA, M. A. Fundamentos do sensoriamento remoto e metodologias de aplicação . São José dos Campos: INPE, 2001.						
FITZ, P. R. Geoprocessamento sem complicações . São Paulo: Oficina de textos, 2008						
CASACA, J. M. Topografia geral , 4 ed., Rio de Janeiro – RJ: LTC, 2007, 208p.						
FERREIRA, N. J. Aplicações ambientais brasileiras dos satélites : NOAA e TIROS-N. São Paulo – SP: Oficina de Textos, 2004, 271p.						
FLORENZANO, T. G. Iniciação em sensoriamento remoto . São Paulo – SP: Oficina de Textos, 2007, 101p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-705	Disciplina:	Economia e Administração Rural			
Carga Horária:	60	Semestre:	7º	Nº de aulas semanais:	03	
Objetivos: Fornecer ao aluno conhecimentos sobre conceitos de administração rural, contextualizando a atividade agropecuária como uma atividade econômica.						
Ementa: Características da produção e do consumo de produtos agrícolas. Teoria da oferta. Teoria da demanda. Funcionamento de mercado. Estruturas de mercado. Elasticidades. Política agrícola. Credito rural. Recursos da empresa agrícola. O processo administrativo. Níveis de atuação na empresa rural. Classificação do capital agrário. Custo de produção agropecuário. Registros agropecuários. Análise da rentabilidade da atividade e fatores que afetam o resultado econômico da empresa. Comercialização. Margens e markups de comercialização. Derivativos agropecuários.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
SANTOS, G. J.; MARION, J. C.; SEGATTI, S. Administração de custos na agropecuária . São Paulo: Atlas, 2009. 168p. BATALHA, M. O. Gestão agroindustrial , 30 edição. Vol.1. São Paulo: Atlas, 2008. CALLADO, A. A. C. Agronegócio . São Paulo: Atlas, 2005. 146p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
ARAÚJO, M. J. Fundamentos de agronegócios . São Paulo: Atlas, 2003. MARQUES, P. V.; AGUIAR, D. R. D. Comercialização de produtos agrícolas . São Paulo: EDUSP, 1993. QUEIROZ, T. R.; ZUIM, L. F. S. Agronegócios: gestão e inovação . São Paulo – SP: Saraiva, 2010, 454p CHIAVENATO, I. Introdução à teoria geral da administração . Rio de Janeiro – RJ: Elsevier, 7 ed., 2004, 662p CHIAVENATO, I. Administração para não administradores: a gestão de negócios ao alcance de todos . Barueri – SP: Manole, 2 ed. 2011, 336p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-706	Disciplina:	Sociologia e Extensão Rural			
Carga Horária:	40	Semestre:	7º	Nº de aulas semanais:	02	
Objetivos: Conhecer a história da extensão rural brasileira, sua relação com as políticas governamentais e a transformação da realidade brasileira. Identificar as concepções norteadoras da ação extensionista, métodos de trabalho e as atuais modalidades de extensão rural.						
Ementa: Introdução a sociologia: conceitos fundamentais e aspectos históricos. Elementos de sociologia rural: o fenômeno rural – urbano. Capitalismo: surgimento e expansão. A pecuária no mundo capitalista e o desenvolvimento rural. Modernização, desenvolvimento e papel do Estado no serviço de extensão rural: caracterização de modernização e desenvolvimento. A revolução verde e a modernização do setor agropecuário. A formação do complexo agroindustrial- o agribusiness brasileiro. Origem e desenvolvimento da extensão rural no Brasil. Elementos de extensão rural: conceitos de extensão rural e assistência técnica. Papel do extensionista - extensão ou comunicação. Tipos básicos de unidades de produção agropecuária. O processo de comunicação. O processo ensino aprendizagem. Adoção e difusão de inovações na agropecuária. Metodologia da extensão rural: modelos de intervenção. Sequência pedagógica. Esquema de planejamento de ação. Métodos de extensão.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
BROSE, M. (Org.). Participação na extensão rural: experiências desenvolvimento local. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004. 256 p. LOPES, C.; QUEZADO-SOARES, A. M. Questão agrária no Brasil. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2000. SCHMITZ, H. Agricultura Familiar - Extensão Rural E Pesquisa Participativa. São Paulo-SP: Annablume, 2010, 348p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 93 p. MOREIRA, R.J (Org.) Identidade sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 316p. BRUMER, A.; PINEIRO, D. Agricultura Latino-americana: novos arranjos e velhas questões. Porto Alegre – RS: UFRGS, 2005, 398p. LAKATOS, E. M. M.; ANDRADE, M. Sociologia geral. São Paulo – SP: Atlas S.A, 2010, 373p. MARTINS, C. B. O que é sociologia. São Paulo – SP: Brasiliense, 2010, 104p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-707	Disciplina:	Trabalho de Conclusão II		
Carga Horária:	40	Semestre:	7º	Nº de aulas semanais:	02
Objetivos: Orientar o aluno na implementação e desenvolvimento de seu projeto de pesquisa.					
Ementa: Importância da pesquisa e do Trabalho de Conclusão do Curso. Metodologia científica. Normas para elaboração de relatórios. Levantamento e anotação de resultados. Montagem de planilhas com dados da pesquisa. Levantamento de dados bibliográficos. Uso de recursos audiovisuais.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
RUDIO, F. V. Introdução ao projeto de pesquisa científica . Petrópolis: Vozes, 2000. 144p.					
LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica . 4 ed. São Paulo: Atlas, 2001.					
MARTINS, G. A. Manual para elaboração de monografias e dissertações . São Paulo: Atlas, 1994. 116p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
ALEXANDRE, M. J. O. A construção do trabalho científico : um guia para projetos, pesquisas e relatórios científicos. Rio de Janeiro – RJ: Forense Universitária, 2003, 196p.					
RUDIO, F. V. Introdução ao projeto de pesquisa científica . Petrópolis: Vozes, 1978, 144p.					
BROSE, M. Metodologia participativa : uma introdução a 29 instrumentos, Porto Alegre – RS: TOMO, 2010, 328p.					
ABRAHAMSOHN, P. Redação científica . Rio de Janeiro, RJ: Rio de Janeiro, RJ, 2004, 272p.					
KOCHE, J. C. Fundamentos de Metodologia Científica : Teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis-SP: Editora vozes, 2002, 182p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO			PROGRAMA DE ENSINO		
Código:	AGN-708	Disciplina:	Fruticultura		
Carga Horária:	60	Semestre:	7º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Capacitar o discente para caracterizar as espécies frutíferas e suas partes. Identificar os fatores genéticos e/ou ambientais que influenciam na fisiologia e comportamento de espécies frutíferas. Reconhecer o habito de crescimento e frutificação das principais espécies frutíferas. Estudar as principais formas de propagação para obtenção de mudas de frutíferas, bem como sua fisiologia. Desenvolver a capacidade para discutir, compreender e estabelecer sistemas de produção em plantas frutíferas de clima tropical.					
Ementa: Introdução a fruticultura. Implantação de pomares comerciais. Fatores que afetam a produção. Mercados. Características morfológicas. Principais variedades. Formas de propagação. Resposta aos diversos nutrientes. Manejo fitossanitário. Objetivos do melhoramento de fruteiras. Colheita e pós-colheita de abacaxi, acerola, banana, coco, mamão, manga, maracujá, goiaba e figo.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
GENÚ, P. J. C; PINTO, A. C. Q. (Eds). A cultura da manga . Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2002, 454p. CUNHA, A. P. (Org.). O abacaxizeiro : cultivo, agroindústria e economia. Brasília: Embrapa SPI, 1999, 480p. FERREIRA, J. M. S; WARWICK, P. R. N, SIQUEIRA, L. A. (Ed.). A cultura do coqueiro no Brasil . Brasília: Embrapa SPI, 1998,292p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
CASTRO, P. R. C.; KLUGE, R. A. (Eds.). Ecofisiologia de fruteiras tropicais . São Paulo: Nobel, 1998, 111p. DONADIO, C. Fruticultura tropical . FUNEP, 1992. SIMÃO, S. Tratado de fruticultura . Piracicaba: FEALQ, 1998. 760p. SIMÃO, S. Manual de fruticultura . São Paulo. Agronômica Ceres, 1998. 530p. PENTEADO, S. R. Fruticultura orgânica : formação e condução. Viçosa- MG: Aprenda Fácil, 2010, 320p.					

6.4.8 Ementas do 8º Semestre

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-801	Disciplina:	Fitotecnia II (Arroz, Milho e Feijão)		
Carga Horária:	80	Semestre:	8º	Nº de aulas semanais:	04
Objetivos: Apresentar as características das plantas de arroz, milho e feijão e suas partes. Identificar os fatores genéticos e/ou ambientais que influenciam na fisiologia e comportamento das culturas. Estabelecer os principais tratos culturais e fitossanitários necessários na produção de arroz, milho e feijão.					
Ementa: Arroz, milho e feijão: aspectos relacionados a sua importância econômica e social. Origem e classificação botânica. Estádios de desenvolvimento. Exigências bioclimáticas e de solo. Principais variedades. Tratos culturais e fitossanitários. Colheita e comercialização.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
SANTOS, A. B.; STONE, L. F.; VIEIRA, N. R. A. A cultura do arroz no Brasil . 2 ed. Santo Antônio de Goiás: Embrapa Arroz e Feijão, 2006. 1000p. VIEIRA, C.; PAULA JÚNIOR, T. J. DE; BORÉM, A. Feijão . 2 ed. Viçosa: UFV, 2006. 600p. MIRANDA, G. V.; GALVÃO, J. C. C. Tecnologia de produção do milho . Viçosa-MG: UFV, 2012, 366p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
DOURADO NETO, D.; FANCELLI, A. L. Produção de feijão . Guaíba: Agropecuária, 2000. 386p. FORNASIERI FILHO, D.; FORNASIERI, J. L. Manual da cultura do arroz . Jaboticabal: FUNEP, 2006. 589p. MACHADO, A. T. Estresse ambiental: o milho em perspectiva . Rio de Janeiro – RJ: AS-PTA, 1991, 50p. MOREIRA, H. J. C. Manual de pragas do milho . Campinas – SP: FMC, 2009, 132p. MIRANDA, G. V.; GALVÃO, J. C. C. Tecnologia de produção do milho . Viçosa-MG: UFV, 2012, 366p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-802	Disciplina:	Fitotecnia III (Girassol, Trigo e Mandioca)		
Carga Horária:	80	Semestre:	8º	Nº de aulas semanais:	04
Objetivos: Capacitar o discente para caracterizar as plantas de girassol, trigo e mandioca e suas partes. Identificar os fatores genéticos e/ou ambientais que influenciam na fisiologia e comportamento das mesmas. Reconhecer, compreender e estabelecer os principais tratos culturais e fitossanitários necessários para a produção das mesmas.					
Ementa: Girassol, trigo e mandioca: aspectos relacionados a sua importância. Importância econômica, distribuição mundial e no Brasil. Origem e classificação botânica. Estádios de desenvolvimento. Exigências bioclimáticas e de solo. Principais variedades. Tratos culturais e fitossanitários. Colheita e beneficiamento.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
OTUBO, A. A.; MERCANTE, F. M.; MARTINS, C. S. (Ed.). Aspectos técnicos do cultivo de mandioca em Mato Grosso do Sul . Dourados: Embrapa Agropecuária Oeste, 2002. 219p.					
MATTOS, P. L. P. de; FARIAS, A. R. N.; FERREIRA FILHO, J. R. Mandioca: o produtor pergunta, a Embrapa responde . Brasília – DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006, 176p.					
SILVA, M. N. A cultura do girassol . Jaboticabal: FUNEP/UNESP, 1990. 67p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
FORNASIERI FILHO, D. Manual da cultura do trigo . Jaboticabal: FUNEP, 2008. 338p.					
CASTRO, C.; BRIGHENTI, A. M.; LEITE, R. M. V. B. C. Girassol no Brasil . Londrina – PR: EMBRAPA, 2005, 642p.					
HORTÊNCIO, P.; SIMÃO, S. A. Diretrizes técnicas da cultura do trigo em Mato Grosso . Cuiabá: CEDER-MT, 2005. 80p.					
HORTÊNCIO, P. Boletim informativo dos resultados das unidades de observação de trigo de sequeiro e unidades demonstrativas de trigo irrigado em Mato Grosso . Cuiabá: EMPAER, 2006. 42p.					
CUNHA, G. R. Oficina sobre o trigo no Brasil: bases para a construção de uma nova triticultura brasileira . Passo Fundo – RS: Embrapa Trigo, 2009, 192p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-803	Disciplina:	Geoprocessamento		
Carga Horária:	80	Semestre:	8º	Nº de aulas semanais:	04
Objetivos: Apresentar as principais técnicas de análise espacial no contexto de estudos de geoprocessamento. Identificar os princípios básicos do geoprocessamento suas implicações na construção de dados. Aplicar banco de dados para geoprocessamento. Conhecer modelagem de dados em geoprocessamento. Efetuar operações de análise geográfica.					
Ementa: Introdução e histórico do geoprocessamento. Bases de dados georreferenciados. Introdução ao sistema de informação geográfico. Estrutura de dados no SIG. Aquisição de dados em geoprocessamento. Aplicações relacionadas com a preservação e/ou manejo de recursos naturais renováveis. Álgebra de mapas. Modelagem em geoprocessamento. Introdução a geo estatística. Técnicas de classificação em imagens de satélites.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
FITZ, P. R. Geoprocessamento sem complicações . São Paulo: Oficina de textos, 2008.					
LAMPARELLI, R. A. C., Geoprocessamento e Agricultura de Precisão: Fundamentos e Aplicações . Guaíba – RS: Agropecuária, 2001, 118p.					
KUX, H.; BLASCHKE, T., Sensoriamento remoto e SIG avançados: novos sistemas sensores: métodos inovadores . São Paulo – SP: Oficina de Textos, 2002, 303p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
ASSAD, E. D.; SANO, E. E. (Eds.) Sistema de informações geográficas: aplicações na agricultura . 2 ed. Brasília: SPI-EMBRAPA, 1998.					
ZAIDAN, R. T. SILVA, J. X. da. Geoprocessamento & análise ambiental : aplicações . Rio de Janeiro – RJ: Bertrand Brasil, 2007, 363p.					
NOGUEIRA, R. E., Cartografia : representação, comunicação e visualização de dados espaciais . Florianópolis – SC: UFSC, 2009, 327p.					
CASACA, J. M., Topografia geral . 4 ed., Rio de Janeiro – RJ: LTC, 2007, 208p.					
GOMES, E, Medindo imóveis rurais com gps . São paulo – SP: Brasília, 2001, 144p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-804	Disciplina:	Trabalho de Conclusão III			
Carga Horária:	40	Semestre:	8º	Nº de aulas semanais:	02	
Objetivos: Orientar o aluno na elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso.						
Ementa: Importância da pesquisa e do Trabalho de Conclusão do Curso. Metodologia científica. Normas para elaboração de monografias e artigos científicos. Levantamento de dados bibliográficos. Revisão de literatura. Redação de artigos científicos. Uso de recursos audiovisuais.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
ALEXANDRE, M. J. O. A construção do trabalho científico: Um guia para projetos, pesquisa e relatórios científicos . Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. 187p.						
MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M.. Fundamentos de metodologia científica . São Paulo, SP: Editora Atlas S.A., 2010, 302p.						
MARTINS, G. de A., Manual para elaboração de monografias e dissertação . São Paulo – SP: Atlas, 2002, 134P.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
ALEXANDRE, M. J. O. A construção do trabalho científico: um guia para projetos, pesquisas e relatórios científicos . Rio de Janeiro – RJ: Forense Universitária, 2003, 196p.						
RUDIO, F. V., Introdução ao projeto de pesquisa científica . Petrópolis: Vozes, 1978, 144p.						
BROSE, M., Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos . Porto Alegre – RS: TOMO, 2010, 328p.						
ABRAHAMSOHN, P., Redação científica . Rio de Janeiro, RJ: Rio de Janeiro, RJ, 2004, 272p.						
KÖCHE, J. C., Fundamentos de Metodologia Científica: Teoria da ciência e iniciação à pesquisa . Petrópolis-SP: Editora vozes, 2002, 182p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-805	Disciplina:	Produção e Tecnologia de Sementes		
Carga Horária:	60	Semestre:	8º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Conhecer conceitos básicos, normas e padrões de produção, beneficiamento e análise de sementes das culturas de interesse econômico.					
Ementa: Formação da semente na planta. Maturação de sementes. Germinação. Deterioração. Vigor. Amostragem e análises de sementes. Determinação do grau de umidade. Testes de germinação, tetrazólio e vigor de sementes. Produção e comercialização de sementes. Colheita, secagem, beneficiamento e armazenamento de sementes.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
FERREIRA, A. G.; BORGHETTI, F. Germinação: do básico ao aplicado . Porto Alegre: Artmed, 2004. 323p. MARCOS FILHO, J. Fisiologia de sementes de plantas cultivadas . Piracicaba: Fealq, 2005. 495p. KERBAUY, G. B. Fisiologia Vegetal . Rio de Janeiro – RJ: Guanabara Koogan, 2008, 452p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
TOLEDO, F. F.; MARCOS FILHO, J. Manual das sementes: tecnologia da produção . Piracicaba: Ceres, 1977. 224p. BRASIL, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Regras para análise de sementes . Brasília: MAPA/ACS, 2009. 399p. BARROS, A. S. do R. Produção de sementes em pequenas propriedades . Londrina – PR: IAPAR, 2007, 98p. MAPA/SNPC. Legislação brasileira sobre sementes e mudas . Brasília – DF: MAPA/SNPC, 2004, 121p. NASCIMENTO, W. M. Tecnologia de sementes de hortaliças . Brasília – DF: Embrapa Hortaliças, 2009, 452p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-806	Disciplina:	Associativismo e Cooperativismo			
Carga Horária:	40	Semestre:	8º	Nº de aulas semanais:	02	
Objetivos: Proporcionar conhecimentos técnicos referente à organização social e desenvolvimento rural, a alternativa do associativismo e do cooperativismo. Discutir a importância da economia solidaria no meio rural e suas potencialidades. Desenvolver a habilidade de coordenar a implantação de associações, cooperativas e sindicatos.						
Ementa: Historicidade do associativismo e do cooperativismo. Bases teóricas do associativismo e do cooperativismo. Economia solidaria e sua aplicação. Potencial de cooperação e articulação no desenvolvimento rural. Organização e administração de associações e cooperativas. Agricultura familiar. Economia solidaria no meio rural. Administração do terceiro setor. Legislação aplicada aos segmentos.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
ABRANTES, J. Associativismo e cooperativismo . Rio de Janeiro: Interciência, 2004.						
OLIVEIRA, D. P. R. de. Manual de gestão das cooperativas - uma abordagem prática . 4 ed. São Paulo: Atlas, 2009. 330p.						
SABOURIN, E. (Org.). Associativismo, cooperativismo e economia solidária no meio rural . Brasília:UnB/CEAM/NEAGRI, 2006. 280p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
MAPA, Associativismo . Brasília – DF: Mapa, 2008, 36p.						
MAPA. Como criar e administrar associações de produtores rurais: manual de orientação . Brasília – DF: MAPA, 2009, 155p.						
EMBRAPA. Como organizar uma associação . Brasília – DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006, 45p.						
CASTRO, M. C. D.; CASTRO, R. C.; VALE, S. M. L. R.; VENTOLA, A.; BARROS, B. F.; OLIVEIRA, E. R.; ALMEIDA, J. A.; ARAÚJO, J. M. S.; FERREIRA, J. R.; PAIVA, L. R. A.. Administrando . Brasília – DF: SENAR, 1998, 56p.						
MANCE, E. A., Redes de colaboração solidária: aspectos econômicos-filosóficos: complexidade e libertação . Petrópolis-SP: Editora vozes, 2002, 365p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-807	Disciplina:	Gestão e Planejamento Ambiental			
Carga Horária:	40	Semestre:	8º	Nº de aulas semanais:	02	
Objetivos: Entender os princípios e fundamentos teórico-metodológicos do saber ambiental. Conhecer e aplicar as técnicas e métodos do planejamento ambiental. Desenvolver instrumentos de gestão ambiental, de modo a implementar políticas de desenvolvimento contemplando a qualidade ambiental e os recursos disponíveis.						
Ementa: Planejamento Ambiental: histórico e paradigmas de desenvolvimento. Bases para planejamento e gestão ambiental. Critérios ambientais e métodos avaliação de impactos: avaliação de impactos ambientais, monitoramento ambiental, apoio a decisão aplicada a gestão ambiental, análise de riscos ambientais. Ferramentas de gestão e planejamento ambiental: principais ferramentas, sistema de gerenciamento ambiental, auditoria ambiental, análise do ciclo de vida, indicadores ambientais e rotulagem, licenciamento ambiental/EIA-RIMA. Zoneamento ecológico e econômico						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
SANTOS, R. F. Planejamento ambiental - teoria e prática . Rio de Janeiro: Oficina de Textos, 2007.184p.						
SEGANFREDO, M. A., Gestão ambiental na suinocultura . Brasília – DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2007, 304p.						
EIGER, S.; JULIANO, N.; NUCCI, N.; PORTO, M.; SPENCER, M.; BARROS, M. T. L.; MIERZWA, J. C.; CONEJO, J. G. L.; HESPANHOL, I.; BRAGA, B.. Introdução à engenharia ambiental . São Paulo – SP: Pearson Printice Hall, 2005, 334p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
GEBLER, L.; PALHARES, J. C. P. Gestão ambiental na agropecuária . Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2007. 310 p.						
SÁNCHEZ, L. E. Avaliação de impacto ambiental - conceitos e métodos . São Paulo: Oficina de Textos, 2006. 496p.						
BARBIERI, J. C.. Gestão ambiental empresarial: conceitos, modelos e instrumentos . São Paulo – SP: Saraiva, 2011, 396p.						
ASSAD, Z. P., Legislação ambiental de Mato Grosso . Cuiabá – MT: Janina, 2007, 226p.						
SÁNCHEZ, L. E., Avaliação de impacto ambiental: conceitos e métodos . São Paulo – SP: Oficina de Textos, 2010, 495p.						

6.4.9 Ementas do 9º Semestre

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-901	Disciplina:	Floricultura e Paisagismo		
Carga Horária:	60	Semestre:	9º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Apresentar os aspectos gerais do paisagismo e da floricultura. Identificar os elementos básicos dos estudos sobre paisagem, visando a elaboração de projetos paisagísticos.					
Ementa: Floricultura: introdução a floricultura. Multiplicação e propagação de plantas floríferas e ornamentais. Produção e comercialização das principais flores e plantas ornamentais. Propagação das plantas ornamentais. Manejo das culturas mais importantes. Projetos paisagísticos. Fatores que afetam a produção. Colheita, beneficiamento e comercialização. Paisagismo: introdução e histórico do paisagismo. Noções gerais de composição artística. Arborização de ruas e avenidas: escolha das espécies, implantação e cuidados. Elaboração de um projeto paisagístico.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
FARIA, R. T. de. PAISAGISMO: HARMONIA, CIÊNCIA, ARTE . Londrina: Mecenass, 2005, 118p.					
FARIA, R. T. Floricultura: as plantas ornamentais como agronegócio . Londrina: Mecenass, 2005. 103p.					
KÄMPF, A. N.; TAKANE, R. J.; SIQUEIRA, P. T. V. Floricultura - técnicas de preparo de substratos . Brasília: LK Editora & Comunicação, 2006. 132p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
LORENZI, H.; SOUZA, H. M. Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras . Nova Odessa – SP: Instituto Plantarum, 3ed., 2001, 1120p.					
LORENZI, H.; SOUZA, H. Plantas ornamentais no Brasil . Nova Odessa: Plantarum, 2003. 348p.					
LORENZI, H.; SOUZA, H. M.; TORRES, M. A. V. & BACHER, L. B. Árvores Exóticas no Brasil - madeiras, ornamentais e exóticas . Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum. 2003. 384 p.					
FORTES, V. M., Planejamento de manutenção de jardins . Viçosa- MG: Aprenda Fácil, 2001, 153p.					
LIRA FILHO, J. A. Paisagismo: elementos de composição e estética . Viçosa- MG: Aprenda Fácil, 2002, 178p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-902	Disciplina:	Tecnologia de Processamentos de Alimentos			
Carga Horária:	60	Semestre:	9º	Nº de aulas semanais:	03	
Objetivos: Fornecer aos alunos conhecimentos sobre as principais técnicas de conservação e industrialização de produtos agrícolas de origem vegetal e animal, aplicáveis nas propriedades agrícolas, visando diversificar a produção, minimizar perdas, aproveitar excedentes e agregar valor ao produto final.						
Ementa: Introdução e histórico da tecnologia de produtos agropecuários. Conceitos de higiene e sanitização de matéria-prima, equipamentos, utensílios e ambientes destinados a transformação de alimentos. Cuidados nas operações de colheita, transporte e armazenamento de matéria prima de origem vegetal destinada a industrialização. Cuidados no manejo pré-abate e abate de animais de pequeno, médio e grande porte, destinados ao fornecimento de carcaças para a industrialização. Tecnologia de transformação de produtos agrícolas. Métodos de conservação e armazenamento de produtos industrializados. Elaboração de trabalho teórico ou teórico-prático sobre a aplicação dos conceitos de elaboração de produtos industrializados de animal ou vegetal.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
EVANGELISTA, J. Tecnologia de alimentos . São Paulo: Atheneu, 2003.652p. PEREDA, J. A. O., Tecnologia de alimentos: alimentos de origem animal . Porto Alegre – RS: Artmed, 2007, 280p. CORTECERO, M. D. S.; PERALES, L. L.H.; MINGUILLÓN, GONZALO D. G. F.; SANZ, M. L. G.; ÁLVAREZ, L. F.; RODRÍGUEZ, M. I. C.; PEREDA, J. A. O. Tecnologia de alimentos: componentes dos alimentos e processos . Porto Alegre – RS: Artmed, 2005, 294p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
CHITARRA, M. I. F, CHITARRA, A. B. Pós-colheita de frutas e hortaliças: fisiologia e manuseio . Lavras: UFLA, 2005. 316p. HOLDSWORTH, S. D. Conservacion de frutas y hortalizas . Zaragoza: ACRIBIA, 1988. PARDIM, M. C. Ciência, higiene e tecnologia da carne . Rio de Janeiro: UFF, 1995. KOBELITZ, M. G. B., Bioquímica de alimentos: teoria e aplicações práticas . Rio de Janeiro – RJ: Guanabara Koogan Ltda, 2008, 256p. FELLOWS, P. J., Tecnologia do processamento de alimentos: princípios e prática . Porto Alegre – RS: Artmed, 2 ed. , 2008, 608p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-903	Disciplina:	Defesa Vegetal		
Carga Horária:	60	Semestre:	9º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Conhecer os produtos fitossanitários, envolvendo o seu desenvolvimento, características, uso correto e seguro e tecnologia de aplicação.					
Ementa: Importância e alternativas de manejo de pragas agrícolas. Evolução, produção e registro de produtos fitossanitários. Legislação de produtos fitossanitários. Produtos fitossanitários naturais. Formulações e eficiência agrônômica dos produtos fitossanitários. Avaliação ecotoxicológica, toxicológica e resíduos. Herbicidas. Inseticidas. Acaricidas. Fungicidas. Nematicidas. Tecnologia de aplicação. Uso correto e seguro de produtos fitossanitários. Receita agrônômica.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
GUERRA, M. S. Receituário agrônômico . São Paulo – SP: Globo, 1988, 436p. BETTIOL, W.; CAMPANHOLA, C. Métodos alternativos de controle fitossanitário . Jaguariúna – SP: Embrapa Meio Ambiente, 2003, 279p. ZAMBOLIN, L.; CONCEIÇÃO, M. Z.; SANTIAGO, T. O que os engenheiros agrônomos devem saber para orientar o uso de produtos fitossanitários . São Paulo: ANDEF, 2003. 375 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
AZEVEDO, L. A. S. Proteção Integrada de Plantas em Fungicidas . Campinas: Emopi, 2001. 230p. BRANCO, S. M., Natureza e agroquímicos . São Paulo – SP: Moderna, 2008, 72p. ZAMBOLIM, L, Produtos fitossanitários: (fungicidas, inseticidas, acaricidas e herbicidas) . Viçosa – MG: UFV, 2008, 670p. BATISTA, G. C., Curso de defensivos agrícolas . Módulo 4 : inseticidas. Brasília-DF: ABEAS, 1989, 167p OLIVEIRA, R. A.; RAMOS, M. M.; VIEIRA, R. F.. Aplicação de fertilizantes e defensivos via irrigação. Viçosa- MG: CPT, 2000, 98p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-904	Disciplina:	Fitotecnia IV (Café, Cana-de-açúcar)		
Carga Horária:	60	Semestre:	9º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Capacitar o discente para caracterizar as plantas de café e cana-de-açúcar e suas partes. Identificar os fatores genéticos e/ou ambientais que influenciam na fisiologia e comportamento do café e cana-de-açúcar. Reconhecer, compreender e estabelecer os principais tratos culturais e fitossanitários necessários na produção de café e cana-de-açúcar.					
Ementa: Café e cana-de-açúcar: aspectos relacionados a sua importância. Distribuição mundial e no Brasil. Origem e classificação botânica. Estádios de desenvolvimento. Exigências bioclimáticas e de solo. Principais variedades. Tratos culturais e fitossanitários. Colheita e beneficiamento.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
DINARDO-MIRANDA, L. L.; VASCONCELOS A. C. M.; LANDELL, M. G. A. Cana-de-açúcar . IAC. 2008, 882 p. GUIMARÃES, R. J.; MENDES, A. N. G.; SOUZA, C. A. S. Cafeicultura . Lavras: UFLA, 2004. 317 p. TORRES, V. L. D. Produtor de cana-de-açúcar . Brasília – DF: Ministério do Trabalho, 1985, 491p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
SEGATO, S. V.; PINTO, A. S.; JENDIROBA, E.; NÓBREGA, J. C. M. Atualização em produção de cana-de-açúcar . São Paulo: Agronômica Ceres, 2006. 415 p. MATIELLO, J. B., O café: do cultivo ao consumo . São Paulo – SP: Editora Globo, 1991, 230p. CASTRO, C. M.; FERNANDES, M. do C. de A. Cultivo orgânico do café: recomendações técnicas . Brasília – DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2004, 101p. GUIDOLIN, J. A.; YMADA, T.; MALAVOLTA, E. Nutrição e adubação do cafeeiro . Piracicaba – SP/Washington – EUA: Instituto da Potassa & Fosfato/SOPIB, 2001, 226p. SEGATO, S. V. Atualização em produção de cana-de-açúcar . Piracicaba – SP: CP2, 2006, 415p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-905	Disciplina:	Consultoria e Assessoria Agropecuária			
Carga Horária:	40	Semestre:	9º	Nº de aulas semanais:	02	
Objetivos: Desenvolver habilidades empresariais para diagnostico, analise e formulação de estratégias para melhoria do empreendimento, incluindo ferramentas de qualidade total e de gerenciamento por diretrizes, empreendendo a inovação como diferencial de gestão, de tecnologia e de competitividade.						
Ementa: Conceito de consultoria e assessoria empresarial e organizacional. Métodos e praticas de diagnostico e analise empresarial, áreas e níveis empresariais: análise das áreas de produção, recursos humanos, finanças no agronegócio. Níveis empresariais: estratégico, gerencial e operacional. O contexto das empresas agropecuárias: ambiente cultural, geral e ambiente operacional. Habilidades do empresário: conceitual, humana e técnica. Controle de qualidade total: conceito de controle de processo, ciclo de controle e fluxogramas de processo. Gerenciamento por diretrizes: controle de qualidade na alta gerência, definição de diretrizes e metas e implantação do gerenciamento por diretrizes. Remodelagem propositiva de negócios. O papel ético na relação consultor/assessor x cliente.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
PALADINI, E. P., Gestão Estratégica da Qualidade - Princípios, Métodos e Processos . São Paulo: Atlas, 2009, 220p. BLOCK, P. Consultoria – o desafio a liberdade . São Paulo: Makron, 2001. 268p. VALLANDRO, L.; CRUSIUS, A. H.; PEREIRA, L. G.; ESTEVES, E. R. Grande manual globo de agricultura, pecuária e receituário industrial, volume 4 . Porto Alegre – RS: Globo, 1978, 334p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
TRINDADE, C.; REZENDE, J. L. P.; JACOVINE, L. A. G.; SARTÓRIO, M. L. Ferramentas da Qualidade: Aplicação na Atividade Florestal . 2. ed. Viçosa, MG: Editora UFV, 2007. 159p. PINAZZA, L. A.; ARAÚJO, N.B. Agricultura na virada do século XX: visão de agribusiness . São Paulo: Globo, 1993. AZEVEDO, P. R. G. de, Manual técnico do consultor agroquímico . São Paulo – SP: Ícone, 1995, 437 p. CONCISTRE L. A., Consultoria - uma opção de Vida e Carreira um Guia para a Profissão . :Campus Negócios, 2012, 232p. SANTIAGO, T.; CONCEIÇÃO, M. Z.; ZAMBOLIM, L.. O que engenheiros agrônomos devem saber para orientar o uso de produtos fitossanitários . Viçosa- MG: UFV, 3ed., 2008, 482p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-906	Disciplina:	Secagem e Armazenagem de Grãos		
Carga Horária:	60	Semestre:	9º	Nº de aulas semanais:	03
Objetivos: Transmitir ao aluno informações sobre os principais agentes de alteração de alimentos e produtos. Capacitar o discente para planejar e executar o processo de secagem e armazenagem dos grãos.					
Ementa: Constituição dos grãos. Características dos grãos armazenados. Medidores de umidade. Psicrometria. Termoterapia. Equilíbrio higroscópico. Secadores, secagem e aquecimento do ar. Silos, armazenamento. Técnicas preventivas no armazenamento. Segurança no trabalho em unidades armazenadoras.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
PORTELLA, J. A., Colheita de grãos mecanizada: implementos, manutenção e regulagem . Viçosa- MG: Aprenda Fácil, 2000, 190p.					
SILVA, J. S. Secagem e armazenagem de produtos agrícola . Viçosa: Aprenda Fácil, 2000. 502p.					
WEBER, E. Excelência em beneficiamento e armazenagem de grãos . Guaíba: Agropecuária, 2004, 614p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
WEBER, E. A. Armazenagem agrícola . Porto Alegre – RS: Kepler Weber, 1998, 395p.					
PUZZI, D. Abastecimento e armazenagem de grãos . Campinas – SP: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1989, 670p.					
BRANDÃO, F. B. Manual do armazenista . 2 ed. Viçosa: UFV, 1989. 269 p.					
PACHECO, I. A. Insetos de grãos armazenados: identificação e biologia . Campinas: Fundação Cargill, 1995. 228p.					
PUZZI, D. Abastecimento e armazenamento de grãos . Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 2000. 666p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-907	Disciplina:	Forragicultura e Pastagem			
Carga Horária:	60	Semestre:	9º	Nº de aulas semanais:	03	
Objetivos: Proporcionar ao aluno conhecimentos e habilidades para entender, manejar e conservar plantas forrageiras, levando em conta os fatores de solo, clima, espécie forrageiras, bem como os fatores econômicos.						
Ementa: Introdução ao estudo da forragicultura: definições e classificação de forragem, forrageira e pastagem, terminologias de interesse. Caracterização das principais gramíneas e leguminosas forrageiras utilizadas na produção animal. Ecofisiologia de plantas forrageiras. Morfogênese. Ecossistemas de pastagens. Plantas tóxicas e invasoras, doenças e pragas de interesse em forragicultura. Capineira e banco de proteína. Técnicas de conservação de forragem: ensilagem e fenação. Importância das pastagens na produção animal. Formação e manejo de pastagens: pastejo contínuo e rotativo. Manejo racional de pastagens (PRV). Recuperação de pastagens degradadas. Sistemas agrosilvopastoris e sistemas de integração lavoura pecuária. Produção de sementes e melhoramento de forrageiras.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
KLUTHCOUSKI, J.; AIDAR, H.; STONE, L. F. Integração lavoura pecuária . Santo Antônio de Goiás – GO: Embrapa Arroz e Feijão, 2003, 570p.						
VILELA, H. Pastagem: seleção de plantas forrageiras, implementação e adubação . Viçosa- MG: Aprenda Fácil, 2005, 287p.						
MELADO, J. Manejo de Pastagem Ecológica - Um Conceito para o Terceiro Milênio . Viçosa: Aprenda Fácil, 2000						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
PRIMAVESI, A., Manejo ecológico de pastagens em regiões tropicais e subtropicais . São Paulo - SP: Nobel, 1984, 190p.						
PUPO, N. I. H. Manual de pastagens e forrageiras: formação, conservação e utilização . Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1979.						
CORRÊA, A. N. S., Gado de corte: o produtor pergunta, a Embrapa responde . Brasília – DF: Embrapa – SPI, 2007, 208p.						
MARTIN, L. C. T. Bovinos - volumosos suplementares . São Paulo: Nobel, 1997.						
MORAES, Y. J. B. Forrageiras: conceitos, formação e manejo . Guaíba – RS: Agropecuária, 1995, 215p.						

6.4.10 Ementas do 10º Semestre

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-EST	Disciplina:	Estágio Curricular Supervisionado		
Carga Horária:	360	Semestre:	10º	Nº de aulas semanais:	18
Objetivos: Possibilitar ao discente a aplicação dos conhecimentos adquiridos no curso em situações reais, de forma a possibilitar seu crescimento pessoal e profissional.					
Ementa: Atividade individual orientada por um docente do curso e acompanhada por um supervisor de Empresa ou Instituição conveniada, de acordo com o plano de estágio previamente estabelecido.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos da metodologia científica . 4. ed. SP: Atlas, 2001.					
SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho científico . 20º ed. São Paulo: Cortez, 1996.					
ABRAHAMSOHN, P. A. Redação Científica . SP: Guanabara-Koogan, 2004					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
HINDLE, T. Como fazer apresentações . São Paulo: Publifolha. 1999.					
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023 - informação e documentação - referências - elaboração . Rio de Janeiro: ABNT, 2002.					
FERRÃO, R. G. Metodologia Científica para Iniciantes em Pesquisa . Editora: Unilinhares; Incaper, 2005.					
MARTINS, G. de A., LINTS, A. Guia para Elaboração de Monografias e Trabalhos de Conclusão de Curso . São Paulo: Editora Atlas, 2000.					
BROSE, M, Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos . Porto Alegre – RS: TOMO, 2010, 328p.					

6.4.11 Ementas das Disciplinas Optativas

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-OP1	Disciplina:	Fundamentos Sócio Antropológicos		
Carga Horária:	40	Semestre:	Optativa	Nº de aulas semanais:	02
Objetivos: Analisar a realidade na qual vive a partir de critérios relacionados a cultura e a aspectos sociais e relacionar a realidade social e suas interfaces com a área agropecuária e as formas particulares da relação entre a cultura, sociedade e aspectos específicos da agropecuária.					
Ementa: Sociologia geral. Estruturação social. O indivíduo e a organização social formal e informal. Noções básicas do desenvolvimento social. Conceitos sociológicos fundamentais. A vida em sociedade e os elementos básicos do convívio social. As formações sociais. As formas de contexto social e os movimentos sociais. Cultura e sociedade, diversidade cultural e a alteridade. Etnocentrismo e relativismo cultural. Positivismo, evolução, ordem e progresso. O estudo do fato social. Formas de solidariedade. Ação e relação social. Ideologia. Globalização e costumes.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
MARQUES, J. L. O socialismo . Porto Alegre: UFRGS, 1991. RODRIGUES, C.; SOUZA, H. Ética . São Paulo, 1995. SPINDEL, A. O que é socialismo . São Paulo: Brasiliense, 1991.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. Filosofando: introdução à filosofia . 3 ed. São Paulo: Moderna, 2004. COSTA, C. Sociologia: introdução à ciência da sociedade . São Paulo: Moderna, 2001. LARAIA, R. B. Cultura: um conceito antropológico . Rio de Janeiro: Zahar, 2000. LAKATOS, E. M., MARCONI, M. de A.. Sociologia geral . São Paulo – SP: Atlas S.A, 2010, 373p. MARTINS, C. B., O que é sociologia . São Paulo – SP: Brasiliense, 2010, 104p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-OP2	Disciplina:	Sócio Diversidade e Multiculturalismo		
Carga Horária:	40	Semestre:	Optativa	Nº de aulas semanais:	02
Objetivos: Contribuir com a formação humanista do aluno levando-o a ter uma visão global que o habilite a compreender o meio social, político, econômico e cultura. Refletir sobre o impacto da reflexão filosófica e social nas dimensões da vida individual, profissional e publica. Utilizar os conceitos dos clássicos do pensamento sociológico e filosófico para fundamentação concreta das problemáticas políticas, econômica e cultural, entendidas como formas de existência social e individual do ser humano. Adquirir conhecimentos sobre: fundamentos filosóficos, sociológicos, razão, verdade, ética profissional e as novas tendências do mundo globalizado.					
Ementa: Origens e constituições das diversidades culturais. Aspectos fundamentais da formação étnicos cultural. O individuo e a organização social formal e informal. Noções básicas do desenvolvimento social. Conceitos sociológicos fundamentais. A vida em sociedade e os elementos básicos do convívio social. As formações sociais. Cultura e sociedade, diversidade cultural e a alteridade. Etnocentrismo e relativismo cultural. Ação e relação social. Ideologia. Globalização e costumes.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. Filosofando: introdução à filosofia . 3 ed. São Paulo: Moderna, 2004.					
CHAUÍ, M. Filosofia: série Brasil . São Paulo: Ática, 2005.					
COSTA, C. Sociologia: introdução à ciência da sociedade . São Paulo: Moderna, 2001.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
LARAIA, R. B. Cultura: um conceito antropológico . Rio de Janeiro: Zahar, 2000.					
MATTA, R. Relativizando: uma introdução à antropologia social . Rio de Janeiro: Rocco, 2000.					
MARTINS, C. B. Que é sociologia . São Paulo: Brasiliense, 2002.					
FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 93 p.					
MOREIRA, R.J (Org.) Identidade sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo . Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 316p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-OP3	Disciplina:	Resíduos na Agricultura		
Carga Horária:	40	Semestre:	Optativa	Nº de aulas semanais:	02
Objetivos: Possibilitar aos acadêmicos o entendimento da produção e aproveitamento dos resíduos orgânicos na propriedade rural visando a utilização destes conhecimentos nas áreas agrônômicas e zootécnica.					
Ementa: Introdução ao estudo dos resíduos orgânicos. Resíduos orgânicos utilizados na agricultura. Composição e importância dos resíduos orgânicos. Compostagem, vermicompostagem e biofertilizantes: processos e aplicações. Aplicação de estercos, compostos, vermicompostos e de substâncias húmicas em sistemas de produção. Estudos e propostas de manutenção de matéria orgânica na propriedade rural como meio de redução da matriz energética em sistemas de produção.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ALTIERI, M. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba: Agropecuária, 2002. 592p. KIEHL, E. J. Fertilizantes orgânicos. Piracicaba: Agronômica Ceres, 1985. 494p. SANTOS, G. A. et al. Fundamentos da matéria orgânica do solo: ecossistemas tropicais e subtropicais. 2 ed. Porto Alegre: Metrópole, 2008.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
BIDONE, F. R.; POVINELLI, J. Conceitos básicos de resíduos sólidos. São Carlos: EESC/USP, 1999. 209p. PEREIRA NETO, J. T. Manual de compostagem – processo de baixo custo. Viçosa: UFV, 2007. SPADOTTO, C.; RIBEIRO, W. Gestão de resíduos na agricultura e agroindústria. Botucatu: Fepaf, 2006. INÁCIO, C. T.; MILLER, P. R. M., Compostagem: ciência e prática para a gestão de resíduos orgânicos. Rio de Janeiro: EMBRAPA Solos, 2009, 156p. LIMA, P C L; MOURA, W. M. M.; VENZON, M.; JUNIOR, T. J. P.; FONSECA, M. C. M., Tecnologias para produção orgânica. EPAMIG, 2011, 250p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-OP4	Disciplina:	Mapas Sócio-geopolíticos		
Carga Horária:	40	Semestre:	Optativa	Nº de aulas semanais:	02
Objetivos: Proporcionar aos discentes uma leitura crítica dos principais acontecimentos internacionais que afetam direta e indiretamente a vida do discente no mundo do trabalho.					
Ementa: A ordem mundial antiga: o imperialismo da “bela época”, a primeira guerra mundial. A segunda guerra mundial: os acordos pós-guerra e a articulação da ordem mundial bipolar. A queda do socialismo e a articulação da ordem mundial neoliberal, a ordem mundial atual: uma ordem multipolar.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
FONT, J. N.; RUFI, J. V. Geopolítica, identidade e globalização . Madri: Annaablune, 2003.					
HELLER, A. A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI . Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.					
VESENTINI, J. W. A nova ordem mundial . 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
AMARAL JUNIOR, A. OMC e o comércio internacional . São Paulo: Aduaneiras, 2002.					
CARVALHO, L. A. (Org.) Geopolítica e relações internacionais . Curitiba: Juruá, 2002.					
FIORI, J. L. Poder global e a nova geopolítica das nações . São Paulo: Saraiva, 2005.					
FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 93 p.					
MOREIRA, R.J (Org.) Identidade sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo . Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 316p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO					PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-OP5	Disciplina:	Língua Brasileira de Sinais – Libras			
Carga Horária:	40	Semestre:	Optativa	Nº de aulas semanais:	02	
Objetivos: Proporcionar noções e aprendizado básico da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.						
Ementa: Comunicação visual, baseada em regras gramaticais da língua de sinais e da cultura surda. Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como a fonologia, morfologia e sintaxe. Uso desta língua em contextos reais de comunicação.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
BRASIL. Secretaria de Educação Especial. Saberes e práticas da inclusão . Brasília, DF: MEC; SEEP, 2005. CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira . 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001. 1 e 2 v. QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B (col.) Língua de sinais brasileira, estudos linguísticos . Porto Alegre: Artmed, 2004.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
FERNANDES, E. Problemas linguísticos e cognitivos do surdo . Rio de Janeiro: Agir, 1990. FERNANDES, E. Surdez e bilinguismo . Porto Alegre: Mediação, 2004. GOES, M. C. R. Linguagem, surdez e educação . Campinas: Autores Associados, 1996. FRIZANCO, M. L. E.; HONORA, M., Livro Ilustrado De Língua Brasileira De Sinais – Surdez . Ciranda Cultural. 2011, 335p. GESSER, A., Libras? Que Língua É Essa? Parábola Editorial. 2009, 87p.						

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-OP6	Disciplina:	Gestão e Análise Econômica de Sistemas Agroindustriais		
Carga Horária:	40	Semestre:	Optativa	Nº de aulas semanais:	02
Objetivos: Identificar nas ciências econômicas uma ferramenta de gestão de SAGS. Caracterizar os mercados de produtos agroindustriais. Fornecer ferramentas para análise de cadeias produtivas.					
Ementa: Introdução as ciências econômicas. Mercados. Agronegócios. Análise de cadeias produtivas. Características de mercados agroindustriais. Teoria de custos aplicada a unidades de produção agroindustriais. Comercialização de produtos agroindustriais. Gerenciamento de agroindústrias e tomada de decisão.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
MARQUES, P. V.; AGUIAR, D. R. D. Comercialização de produtos agrícolas . São Paulo: EDUSP, 1993.					
SEBRAE. Pesquisa de Mercado: Noções Básicas para Tomada de Decisão . Belo Horizonte: SEBRAE. 1996.					
BATALHA, M. O. Gestão agroindustrial . 30 edição. Vol.1. São Paulo: Atlas, 2008.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
ARAÚJO, M. J. Fundamentos de agronegócios . São Paulo: Atlas, 2003.					
PINDYCK, R. S. Microeconomia . 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.					
PINDYCK, R. S.; RUBINFELD, D. L. Econometria: modelos e previsões . Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.					
BATALHA, M. O. Gestão agroindustrial . 5ª edição. Vol.2. São Paulo: Atlas, 2009, 424p.					
BERNARDI, L. A., MANUAL DE PLANO DE NEGÓCIOS: Fundamentos, Processos e Estruturação . São Paulo: Atlas, 2006, 224p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-OP7	Disciplina:	Piscicultura		
Carga Horária:	40	Semestre:	Optativa	Nº de aulas semanais:	2
Objetivos: Fornecer ao aluno conhecimentos sobre sistemas de produção de peixes, enfocando aspectos de gerenciamento, instalações, manejo, reprodução e alimentação dos animais capacitando-o para que possa atuar no setor de piscicultura e contribuir para o desenvolvimento sustentável desta atividade.					
Ementa: Importância socioeconômica da piscicultura no Brasil e no mundo. Panorama e perspectivas Mundial e Nacional da piscicultura. Sistemas de produção. Propriedades físico-químicas da água e limnologia. Espécies indicadas para a piscicultura. Manejo alimentar, reprodutivo e sanitário. Transporte e comercialização de pescado. Ecossistemas aquáticos; espécies de peixes próprias para o cultivo; Anatomia e fisiologia das espécies de peixes de interesse econômico; características químicas e físicas da água; nutrição e alimentação de peixes; reprodução e manejo das espécies de interesse econômico; construção de tanques; adubação e calagem de tanques; noções de enfermidades em peixes.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BALDISSEROTTO, B. Fisiologia de peixes aplicada à piscicultura . Santa Maria, RS. Ed. UFSM, 2009.					
BALDISSEROTTO, Bernardo. Espécies Nativas para Piscicultura no Brasil . Santa Maria: UFSM, 2005.					
TEIXEIRA FILHO, A. R. Piscicultura ao alcance de todos . 1991. São Paulo: Nobel, 1991.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
BRITSKI, H. A.; LOPES, B. S.; SILIMON, K. Z. de S. de. Peixes do pantanal : manual de identificação . Brasília – DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2007, 230p.					
CYRINO, J. E. P.; KUBITZA, F., Piscicultura . Cuiabá – MT: SEBRAE/MT, 1996, 88p.					
SOUSA E. & TEIXEIRA FILHO A.R. Piscicultura Fundamental . 3.ed. Sao Paulo: Nobel, 1988. 88 p.					
CASTAGNOLLI, N. Piscicultura de água doce . Funep, Jaboticabal, SP, 1992, 110p.					
VALENTI, W.C. (Editor). Aqüicultura no Brasil . Bases para um desenvolvimento sustentável. Brasília: CNPq/Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000, 399p.					

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE CURSO AGRONOMIA – NOTURNO				PROGRAMA DE ENSINO	
Código:	AGN-OP8	Disciplina:	Apicultura		
Carga Horária:	40	Semestre:	Optativa	Nº de aulas semanais:	2
Objetivos: Apresentar a biologia, organização e aspecto evolutivos das abelhas; aspectos morfológicos e anatômicos das abelhas; a importância das abelhas como produtoras de mel, pólen, própolis, cera, como agentes de polinização e sua importância econômica.					
Ementa: Histórico e importância econômica da apicultura; biologia das abelhas; anatomia, morfologia e fisiologia das abelhas; comunicação e coleta de alimentos; principais produtos das abelhas; melhoramento genético e seleção; produção de rainhas e geleia real; introdução de rainha; instalação de apiário; patologias apícolas e inimigos naturais.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
AMARAL, E.; ALVES, S.B. 1979. Insetos úteis . Livroceres Ltda. O. 188. EMBRAPA, Criação de abelhas : apicultura . Brasília – DF: Embrapa, 2007, 120p. INTITUTO CAMPINEIRO DE ENSINO AGRÍCOLA, Apicultura . Campinas – SP: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1992, 200 p.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR					
MARTINHO, M. R., A criação de abelhas . Rio de Janeiro – RJ: Globo, 1988, 180 p. SILVA, P. A. de M. e. Apicultura . Fortaleza – CE: Edições Demócrito Rocha; 2004, 56 p. SCHEREN, O. J., Apicultura racional : São Paulo – SP: Nobel. 1977, 112p. WIESE, H. 9ed. 1980. Nova Apicultura . Livraria e Editora Agropecuária, 2a ed., Porto Alegre, p.485. WOLFF, L. F., Confecção de jaleco de proteção para apicultura . Brasília – DF: Embrapa, 2009, 32p.					

7. Estágio Curricular Supervisionado

Entende-se por Estágio Curricular do Curso de Agronomia atividade obrigatória de treinamento e qualificação profissional, que visa complementar a formação recebida no curso acadêmico. Tal atividade proporcionará ao discente uma experiência profissional específica, e que contribui, de forma eficaz, para a sua inserção no mercado de trabalho.

Poderá ser realizado no IFMT – Campus São Vicente, na sede ou Núcleo Avançado de Campo Verde e na comunidade em geral, junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, órgão de administração pública ou instituições de ensino. Será supervisionado e terá por objetivo proporcionar ao discente a participação em situações reais de vida e trabalho na profissão.

O estágio curricular consta como disciplina obrigatória do componente curricular do curso e poderá ser realizado somente no 10º (décimo) semestre, até integralizar o total da carga horária prevista.

O estágio curricular terá duração mínima de 360 (trezentos e sessenta) horas. A sistemática de orientação, de avaliação e as formas de supervisão são definidas em regulamento próprio elaborado pelo IFMT – *Campus* São Vicente, (anexo 3).

O relatório de estágio é item indispensável da avaliação, devendo ser elaborado segundo as recomendações do professor-orientador do estágio e, obedecendo às normas do Guia de Orientação de Trabalhos Científicos do IFMT – Campus São Vicente, a ser disponibilizado ao discente pelo professor-orientador.

O estágio curricular, supracitado, não estabelece vínculo empregatício, podendo o estagiário receber auxílio financeiro (bolsa de estudos), ser segurado contra acidentes e ter a cobertura previdenciária prevista na legislação específica, disponível na Coordenação do Curso.

8. Trabalho de Conclusão de Curso

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como atividade de síntese e integração do conhecimento, será desenvolvido por meio das experiências vivenciadas em qualquer das atividades pedagógicas inerentes ao curso.

O Trabalho de Conclusão de Curso comporá a carga horária total do curso,

sendo destinadas 120 (cento e vinte) horas para a sua elaboração, divididas em 03 (três) etapas descritas a seguir. No TCC I o discente deverá elaborar um projeto de pesquisa e a definição de um orientador para o seu trabalho; no TCC II o discente deverá conduzir o projeto de pesquisa com a devida orientação e, no TCC III fará a coleta de dados, elaboração e defesa da monografia perante banca examinadora.

O TCC oportunizará ao concluinte revisão, aprofundamento, sistematização e integração dos conteúdos estudados. Oportunizará ainda a elaboração de um projeto técnico-científico na área de atuação acadêmico-profissional, baseado em estudos e/ou pesquisas realizadas na literatura especializada na área de conhecimento ou ainda decorrente de observações e análises de situações, hipóteses, dados e outros aspectos contemplados pela prática e pela técnica.

Será elaborado conforme a orientação de um professor do curso, que definirá, em diálogo com o discente, as datas quanto à respectiva orientação do trabalho. O TCC deverá ser entregue impresso e digitalizado, em conformidade com as regras da ABNT vigentes e das especificações técnicas do Guia de Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso, do IFMT – Campus São Vicente, documento a disposição da comunidade acadêmica nas bibliotecas, e será submetido a aprovação perante banca examinadora composta pelo orientador e dois convidados, podendo estes ser de outras instituições, desde que com reconhecido conhecimento na área do TCC.

9. Atividades Complementares

As atividades complementares são exigidas para integralização da carga horária do curso, oferecendo aos discentes a oportunidade de construir sua própria formação intelectual através da flexibilização curricular.

As atividades acadêmicas complementares referem-se àquelas de natureza acadêmica, culturais, artísticas, científicas ou tecnológicas que possibilitam a complementação da formação profissional do estudante, tanto no âmbito do conhecimento de diferentes áreas do saber, como no âmbito de sua preparação ética, política e humanística.

Elas permitem que o discente construa uma trajetória própria na sua formação, de acordo com suas expectativas e interesses, e também de acordo com as exigências da sociedade e do mercado de trabalho, mas não somente subordinada a estes. Estas atividades acadêmicas complementares são pensadas

no sentido de imprimir dinamicidade e diversidade ao currículo do curso de Agronomia. Estas serão escolhidas e executadas pelo bacharelado, de forma a perfazer um total mínimo de 150 horas, correspondente a exigência mínima legal para efeito da integralização curricular do Curso de Bacharelado em Agronomia. A escolha e execução das atividades supracitadas serão balizadas por três grupos orientadores de ações, sendo eles:

- Grupo 1. Atividades de Complementação da formação social, humana e cultural – devendo perfazer neste grupo um total de 10 horas;
- Grupo 2. Atividades de cunho comunitário e de interesse coletivo – devendo perfazer neste grupo um total de 20 horas;
- Grupo 3. Atividades de iniciação científica, tecnológica e de formação profissional – devendo perfazer neste grupo um total de 120 horas;

As normas e procedimentos referentes às Atividades Complementares dos Cursos Superiores do IFMT – Campus São Vicente são definidas em regulamento próprio (anexo 4).

10. Avaliação e Acompanhamento

Buscando cumprir a determinação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP, sobre as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Superior e a fim de garantir a qualidade do ensino oferecido pelos cursos de graduação do IFMT – Campus São Vicente, o curso será avaliado nas dimensões parametrizadas no Projeto Político Institucional, através do(as):

- resultado do ENADE, (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes);
- reuniões do Colegiado do Curso;
- reuniões do Núcleo Docente Estruturante – NDE;
- reuniões e atuação do Colegiado de Coordenadores;
- reuniões e atuação da Comissão de Coordenação Pedagógica e;
- reuniões e atuação da Comissão Permanente de Avaliação – CPA através de instrumentos próprios.

10.1 Avaliação e Acompanhamento do Curso

Institucionalmente os discentes do curso são avaliados por meio de formulários específicos desde sua inserção no curso até a formatura. Existem atualmente as seguintes modalidades de avaliação e acompanhamento:

- O diagnóstico socioeconômico dos inscritos no vestibular, realizada por meio de questionário específico;
- A oferta de curso de nivelamento para discentes com baixo rendimento e deficiências detectadas;
- O atendimento aos portadores de necessidades especiais através do Núcleo de Atendimento aos Portadores de Necessidades Especiais – NAPNE;
- A avaliação da aprendizagem, de cunho periódico, realizada no mínimo 02 (duas) por semestre para compor as notas de 1º e 2º bimestre;
- As reuniões deliberativas e consultivas do Núcleo Docente Estruturante e do Colegiado de Curso;
- A autoavaliação pela Coordenação de curso a ser implementada pela aplicação aos discentes da ficha de avaliação das disciplinas do curso (anexo 5);
- O Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), que é um dos procedimentos de avaliação do Sistema de Avaliação da Educação Superior (SINAES);
- A autoavaliação institucional que compreende avaliar todos os atores do processo: discentes, professores, disciplinas, projeto de curso e instituição, a ser implementado pela CPA através de projeto e instrumentos próprios.

10.1.1 Avaliação das Disciplinas

A avaliação das disciplinas do curso de Agronomia tem por objetivo acompanhar a eficácia e eficiência das disciplinas do curso, diagnosticando aspectos que devem ser mantidos e/ou reformulados em cada uma delas. Seus resultados deverão ser utilizados estritamente para fins de melhoria na organização curricular do curso, nos aspectos metodológicos, no desempenho do docente e do discente.

Terá ainda a função sociopolítica de desenvolver na comunidade acadêmica, uma postura favorável à avaliação, enquanto instrumento enriquecedor das práticas educativas na Instituição e, ao mesmo tempo, promover o exercício pleno da

cidadania ao possibilitar a oportunidade de reflexão para todos os envolvidos no processo e os membros da comunidade em geral, permitindo-lhes exercer o controle da qualidade de um serviço essencial para a sociedade que é a educação.

A avaliação das disciplinas do curso deverá ser realizada por meio de uma ficha de avaliação aplicada às turmas no final de cada semestre, segundo modelo apresentado no (Anexo 5).

10.1.2 Sistema de Avaliação do Projeto do Curso

Um Projeto Pedagógico de curso reflete uma realidade e uma expectativa do momento da sua criação, seu valor é expresso pelo que possa resultar e não pela suposta expressão da verdade ou pela presunção de ser dogmático.

O IFMT – Campus São Vicente sendo dinâmico por princípio e partícipe das transformações sociais e tecnológicas tem a preocupação de elaborar projetos de cursos flexíveis o suficiente para incorporar as inovações contínuas da realidade em constante transformação na sociedade moderna.

A existência de um projeto de curso é importante para estabelecer referências da compreensão do presente e de expectativas futuras. Nesse sentido, é importante que ao realizar atividades de avaliação do seu funcionamento, o curso leve em conta seus objetivos e princípios orientadores, tenha discernimento para discutir o seu dia a dia e consiga, assim, reconhecer a expressão de sua identidade e capacidade para definir prioridades.

A prática intermitente da autoavaliação e da avaliação externa com instrumentos e critérios adequados, deverá proporcionar informações relevantes para se julgar a coerência interna entre os elementos constituintes do projeto e a pertinência da estrutura curricular em relação ao perfil desejado e ao desempenho social do egresso. Seus resultados deverão, então, subsidiar e justificar reformas curriculares, solicitação de recursos humanos, aquisição de material, e quaisquer outros aprimoramentos a fim de possibilitar que as mudanças se deem de forma gradual, sistemática e sistêmica.

O curso de Agronomia será avaliado permanentemente pela comunidade acadêmica envolvida e, anualmente pela Comissão Própria de Avaliação – CPA, sempre levando em consideração o perfil profissional que se quer formar, em relação aos objetivos descritos no Projeto Pedagógico do Curso e no Projeto

Pedagógico Institucional na perspectiva do aprimoramento e mesmo para fomentar a retroalimentação do processo, no sentido de assegurar tomadas de decisões institucionais voltadas para a melhoria da qualidade de ensino.

10.1.3 Sistema de Autoavaliação do Curso e da Instituição

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), instituído pela Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, fundamenta-se na necessidade de promover a melhoria da qualidade da educação superior, a orientação da expansão da sua oferta, o aumento permanente da sua eficácia institucional, da sua efetividade acadêmica e social e, especialmente, do aprofundamento dos compromissos e responsabilidades sociais.

A autoavaliação constitui uma das etapas do processo avaliativo e institui um processo por meio do qual um curso ou instituição analisa internamente o que é e o que deseja ser; o que de fato realiza, como se organiza, administra e age, buscando sistematizar informações para analisá-las e interpretá-las com vistas à identificação de práticas de sucesso, bem como a percepção de omissões e equívocos, a fim de evitá-los no futuro.

Tem, como eixo central, dois objetivos, respeitadas as diferentes missões institucionais:

- Avaliar a instituição como uma totalidade integrada que permite a autoanálise valorativa da coerência entre a missão e as políticas institucionais efetivamente realizadas, visando a melhoria da qualidade acadêmica e o desenvolvimento institucional;
- Privilegiar o conceito da autoavaliação e sua prática educativa para gerar, nos membros da comunidade acadêmica, autoconsciência de suas qualidades, problemas e desafios para o presente e o futuro, estabelecendo mecanismos institucionalizados e participativos para a sua realização.

Entende-se a autoavaliação como um processo cíclico, criativo e renovador de análise e síntese das dimensões que definem o Projeto Pedagógico de Curso e a instituição em que o mesmo se acha inserido. O seu caráter diagnóstico é formativo de autoconhecimento e deve permitir a reanálise das prioridades estabelecidas no Projeto Político Institucional e o engajamento da comunidade acadêmica na construção de novas alternativas e práticas.

O Colegiado de Curso de Agronomia, a partir da aprovação do Projeto Pedagógico de Curso proposto, iniciará a aplicação de um questionário aos acadêmicos com o objetivo de avaliar o desempenho docente e melhorar a relação didática pedagógica das disciplinas ofertas.

O formulário a ser preenchido pelos discentes, pelo menos, uma vez por ano letivo, é baseado nos questionários elaborados pela Comissão Permanente de Avaliação (CPA) do Campus São Vicente para avaliação dos docentes, discentes e técnicos administrativos a ser elaborado e reformulado conforme a necessidade.

Esta avaliação deve ser aplicada pela Comissão Própria de Avaliação – CPA do IFMT – Campus São Vicente, ou em sua ausência pela Coordenação Pedagógica.

10.2 Sistema de Avaliação do Processo de Ensino e Aprendizagem

O sistema de avaliação do processo ensino-aprendizagem reger-se-á pelas disposições contidas no projeto pedagógico do curso que define suas características gerais, normatizando os referenciais mínimos, sendo que as especificidades de cada disciplina e professor, deverão constar do plano de ensino que delineará seus métodos e estratégias a cada semestre, ou seja, seus aspectos metodológicos.

A avaliação do desempenho do acadêmico será referendada pelos princípios e concepções de aprendizagem, conhecimento e informação que permeiam o Projeto Pedagógico de Curso e a Organização Didática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT, que vislumbra a garantir a construção das competências e habilidades pretendidas pelo projeto educacional.

Em consonância com os objetivos e perfil de formação do profissional desejado no curso de Agronomia do IFMT – Campus São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde, a aprendizagem será orientada pelo princípio da ação-reflexão-ação de forma contínua, transversal e permanente, possibilitando o contínuo acompanhamento do processo de construção do conhecimento a fim de garantir a aprendizagem.

Em termos gerais pretende-se que o processo avaliativo se pautar pela coerência das atividades em relação à concepção de formação do IFMT – Campus São Vicente e aos objetivos pedagógicos delineados no projeto pedagógico que definiu o perfil de formação profissional desejado. Para tanto é indispensável levar

em consideração as possibilidades de autonomia dos futuros profissionais em relação ao seu processo de aprendizagem e à qualificação dos mesmos visando a sua inserção no mercado de trabalho e a continuidade de sua formação acadêmica. Nesta perspectiva é importante valorizar os processos de autoavaliação como parte dos processos avaliativos no âmbito do curso.

Assim sendo, o planejamento do processo de avaliação discente não deve pressupor a avaliação apenas como um instrumento meramente classificatório; mas como um instrumento de verificação do processo de aprendizagem, capaz de (re)direcionar, se necessário, tanto a prática do professor como a do discente em função de se alcançar os objetivos propostos, através do (re)investimento de conteúdos e práticas, evidenciando dessa maneira o seu aspecto formativo.

O Plano de Ensino, a ser entregue em formulário próprio, deverá conter os aspectos metodológicos da atuação docente, bem como os critérios de avaliação contendo: o número, a forma, as alternativas e as modalidades de trabalhos acadêmicos e provas a serem praticados no desenvolvimento da disciplina, sendo que os referidos planos de ensino deverão ser apresentados por ocasião da semana pedagógica para serem avaliados pela supervisão pedagógica e pelo coordenador de curso, responsáveis pela averiguação de sua adequação à organização didática e ao projeto do curso.

Em cada disciplina, em conformidade com a Organização Didática que define os tipos de trabalhos avaliativos a serem implementados, os planos de ensino devem prever, no mínimo, duas avaliações por bimestre, sendo que uma deve ser obrigatoriamente no formato prova (oral ou escrita), sendo imprescindível que aos discentes com baixo rendimento seja oportunizado condições para uma efetiva recuperação de aprendizagem.

10.3 Do Registro Acadêmico das Avaliações

O aproveitamento discente será expresso em valores de 0 (zero) a 10 (dez), variando até a primeira casa decimal, desprezada as frações inferiores a 0,05 (zero vírgula zero cinco) e procedendo o arredondamento matemático para 0,1 (zero vírgula um) às frações iguais ou superiores a 0,05 (zero vírgula zero cinco).

Resguardadas as peculiaridades de algumas disciplinas como é o caso do TCC que registrará uma única nota por componente (TCC I, TCC II e TCC III),

estipula-se como norma e para atender aos fins de registro, duas avaliações que serão registradas da seguinte forma.

- Nota da Avaliação 1 – AV1 – de 0,0 (zero vírgula zero) à 10 (dez) pontos; Compreende uma das notas de avaliação do discente, seja trabalho ou prova (oral ou escrita).
- Nota da Avaliação 2 – AV2 – de 0,0 (zero vírgula zero) à 10 (dez) pontos; Nota da segunda avaliação, obrigatoriamente uma prova (oral ou escrita).

Recuperação da Aprendizagem:

Ao discente que não obtiver a nota mínima necessária nos instrumentos avaliativos citados anteriormente, será assegurado que através do processo de ação-reflexão-ação a ser definido pelo docente, de forma contínua, transversal e permanente, seja proporcionado ao discente um reinvestimento de conteúdos, através de estratégias de recuperação paralela, visando a garantir a aprendizagem, ficando sob a responsabilidade do professor proceder a recuperação e definir seu critério de registro e acompanhamento do processo (reinvestimento de conteúdos, estudos de monitoria, participação em nivelamento, etc.), bem como a realização de outras avaliações a comporem a nota a ser registrada, ciente de que deverá registrar apenas 02 (duas) avaliações para compor a Média de Aproveitamento (MA).

10.4 Do Cálculo da Média e Resultado

O Sistema de avaliação e verificação da aprendizagem compreende a frequência e o aproveitamento do discente, sendo estabelecido por lei o percentual de frequência igual ou superior a 75% (setenta e cinco por cento) e, no âmbito do IFMT – Campus São Vicente, para ser aprovado o discente deve obter Média de Aproveitamento (MA) igual ou superior a 6,0 (seis vírgula zero) ou Nota Média no Exame Final (MEF) igual ou superior a 6,0 (seis vírgula zero). Conforme expresso nas fórmulas da Média de aproveitamento (MA) e da Média no Exame Final (MEF) descritas abaixo:

Fórmula da MA	Descrição da legenda
$MA = \frac{AV1 + AV2}{2}$ onde, Se igual ou superior a 6,0 (seis vírgula zero) estará aprovado, se inferior será encaminhado para se submeter ao Exame Final.	• MA – Média de Aproveitamento; • AV1 – Avaliação 1 (trabalho ou prova); • AV2 – Avaliação 2 (prova – oral ou escrita); Obs. Caberá ao professor determinar a quantidade de avaliações a proporcionar, ciente de que deverá registrar no diário apenas 02 (duas) notas para compor a Média de Aproveitamento (MA).

10.5 Dos Critérios para 2ª Chamada

Deverá ser concedida ao discente a oportunidade de realização de avaliações a título de 2ª chamada para realização de quaisquer provas e trabalhos avaliativos, se requerido pelo discente no prazo de 48 (quarenta e oito horas) após a realização da primeira chamada, através de formulário próprio, desde que respaldado por motivo previsto em lei, devidamente comprovado.

Os requerimentos serão avaliados pelo professor da disciplina que com base na legalidade julgará o mérito do requerimento e responderá ao discente que, caso não concorde, poderá recorrer como última instância ao Colegiado do Curso através de documento em que conste a devida argumentação que justifique o ato.

Ao discente que deixar de realizar os trabalhos acadêmicos avaliativos, ou deixar de comparecer às avaliações de forma injustificada e desamparada pela lei, será atribuída a nota 0 (zero) para cada evento sem amparo legal.

10.6 Do Exame Final

Estará apto a realizar o Exame Final que consiste em uma única avaliação escrita, aplicada apenas aos estudantes que não obtiveram a Média de Aproveitamento suficiente, o discente que se enquadrar nos critérios estipulados na Organização Didática do IFMT.

O exame final deverá contemplar os conteúdos trabalhados durante o período letivo e sua aplicação em cada disciplina, obedecerá ao Calendário Letivo previsto para o curso e/ou ao calendário específico divulgado no site e murais da instituição pela Coordenação de Curso.

O Cálculo da Média de Exame Final (MEF) será conforme a fórmula abaixo:

Fórmula da MEF	Descrição da legenda
$\text{MEF} = \frac{\text{MA} + \text{EF}}{2} \quad \text{onde,}$ Se igual ou superior a 6,0 (seis vírgula zero) estará aprovado, se inferior reprovado.	• MEF – Média no Exame Final; • MA – Média de Aproveitamento; • EF – Nota no Exame Final.

Ao discente que deixar de comparecer ao exame final de forma injustificada e desamparada pela lei, será atribuída a nota 0 (zero) para cada evento sem amparo legal. Não caberá qualquer recurso do resultado da Média no Exame Final, exceto em caso de comprovado equívoco.

10.7 Do Prazo para Divulgação das Avaliações

Estabelece-se ainda que o docente deve divulgar as notas de provas e trabalhos acadêmicos no prazo máximo de 10 (dez) dias úteis a contar de sua realização, através dos meios disponibilizados pela instituição (mural e ferramentas de TICs). Já no caso das notas de exame final, o prazo máximo é de 05 (cinco) dias úteis a contar de sua realização, sendo necessário a divulgação pelos meios já mencionados e a afixação dos resultados no mural de divulgação da secretaria acadêmica, ou na ausência deste, em outro local previamente determinado pela coordenação de curso.

10.8 Da Revisão de Avaliação

Havendo discordância com as notas atribuídas aos discentes, tendo os mesmos, primeiro buscado a resolução da problemática junto ao professor e, mesmo assim prevalecendo a discordância, lhes é assegurado o direito de solicitar revisão de prova/nota no prazo máximo de 48 (quarenta e oito) horas da divulgação dos resultados, fazendo-o em formulário próprio a ser protocolado para a coordenação de curso.

Os referidos protocolos serão analisados em no máximo 72 (setenta e duas) horas pelo professor junto com a coordenação do curso, ouvindo se necessário o Colegiado de Curso e, após deliberação e publicação, o resultado será incontestável.

10.9 Do Regime de Dependências

Os discentes que reprovarem em determinado componente curricular deverão através de formulário próprio e dentro dos prazos estipulados, solicitar sua rematrícula no regime de dependência por ocasião da oferta da referida disciplina, estando ciente de que se submeterá aos critérios da instituição para o oferecimento de vagas no regime de dependência.

Ao coordenador de Curso caberá avaliar a oferta e a demanda por dependências e orientar o discente no que lhe for mais favorável, deferindo ou indeferindo a solicitação de dependência de acordo com os critérios definidos pelo Colegiado de Curso em consonância com o Projeto Pedagógico do Curso e as disposições legais contidas na Organização Didática.

11. Corpo Docente

A admissão de docentes para o quadro funcional do IFMT ocorre por meio de concurso público de provas e títulos, cujos critérios são estabelecidos em publicação de edital específico para concurso público.

A situação atual do corpo docente que ministra os conteúdos do Curso de Agronomia atende aos indicadores de qualificação exigidos pelas comissões de especialistas de ensino do Governo Federal.

Os servidores do segmento docente do Campus São Vicente cumprem regime de trabalho de 40 horas semanais, optando ou não pela dedicação exclusiva, distribuídas em atividades descritas no plano de carreira, regido pela Lei Nº 11.784/08, atribuídas de acordo com o cargo para a qual o servidor prestou concurso público, distribuídos de acordo com a titulação.

A política institucional de capacitação docente prevê a manutenção de no mínimo, 10% do quadro docente efetivo em afastamento integral para estudos de mestrado ou doutorado, buscando-se distribuir as vagas de maneira equânime entre as áreas, e no mínimo 5% em afastamento parcial para estudos de mestrado ou doutorado.

As áreas prioritárias para afastamento, atendendo às necessidades de capacitação docente em relação às metas contidas no PDI são: ciências agrárias;

linguagem; gestão e meio ambiente; informática; e ciências humanas.

Em relação ao plano de carreira, o corpo docente do IFMT está enquadrado na Carreira do Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico de acordo com a Lei N° 11784 de 22 setembro de 2008 e medida provisória N° 431/2008.

No Quadro 5 é apresentada a composição atual dos docentes que atuam no curso de Agronomia.

Quadro 5. Demonstrativo do corpo docente do curso de Agronomia noturno, do IFMT – Campus São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde.

Docente	Formação/Titulação
Abimael Antunes Marques*	Licenciado em Letras, M.Sc.
Adriano Sales Nascimento	Licenciado em Matemática/ Esp.
Affonso Amaral Dalla Libera	Bacharel em Administração de Empresas, M.Sc.
Alex Caetano Pimenta*	Licenciado em Ciências Biológicas, M.Sc
Alexandre Caetano Perozini	Engenheiro Agrônomo, M.Sc.
Alexandra de Paiva Sorares	Engenheira Agrônoma, M.Sc.
Ana Paula Funk	Zootecnista, Mestranda
André Luis de Andrade	Engenheiro Agrônomo, M.Sc.
Antônio Mauro Rodrigues Cadorin	Engenheiro Agrônomo, Dr.
Arivan Salustiano da Silva	Licenciatura em Letras, M.Sc.
Carlos H. De Figueiredo Vasconcelos	Zootecnista, Dr.
Charles de Araújo	Engenheiro Agrônomo, Dr.
Cristiano Martinotto	Engenheiro Agrônomo, Dr.
Dirce Arruda da Silva	Licenciatura em Química, M.Sc.
Erineudo Lima Canuto	Licenciatura em Ciências Agrícolas, Dr
Fábio Henrique de Oliveira	Licenciado em Ciências Biológicas M.Sc
Gilda Aparecida Machado e Silva	Lic. em Ciências Biológicas/ M/Sc.
Geovanne Ferreira Rebouças	Zootecnia, M.Sc.
Janáine Vieira da Silva Donini	Engenheira Sanitarista, M.Sc.
Joir Benedito Proença de Amorim	Pedagogo, M.Sc.
José Libêncio Babilônia	Licenciado em Ciências Agrárias, Doutorando
José Luiz de Siqueira	Engenheiro Agrônomo, Dr.
Lucinéia Macedo dos Santos	Bacharel em Letras, Esp.
Luiz Carlos Coelho	Engenheiro Agrônomo, M.Sc.
Magda Santos dos Santos*	Bacharel e Licenciada Química, Doutoranda.
Marco Antônio da Silva	Geografia, M.Sc.
Oacy Eurico de Oliveira	Engenheiro Florestal, M.Sc.
Oalas Aparecido Moraes dos Santos	Licenciado em Química, M.Sc.
Osvaldo José de Oliveira	Engenheiro Agrônomo, Dr.
Patricia Sobral e Silva	Engenheira Agrônoma, Dra.
Pedro Henrique da Conceição Silva	Licenciado em Física
Rita de Cássia Santos Goussain	Engenheira Agrônoma, Dra.
Roberta Martin Gomes da Silva	Zootecnista, M.Sc.
Sarah Penso	Zootecnista, M.Sc.
Sidney Fernandes Bandeira	Eng. de Alimentos, M.Sc.
Silvana Alves P. V. Barbosa	Zootecnista, M.Sc.
Aparecida Sofia T. Dos Santos	Eng. Produção, Esp.
Silvana Alves Pedrozo Vitalino Barbosa	Zootecnista, M.Sc.

Xisto Rodrigues de Souza	Licenciado em Ciências Agrárias, Dr.
--------------------------	--------------------------------------

*Professores afastados para capacitação.

Fonte: Informações obtidas no RH do IFMT – Campus São Vicente.

12. Corpo Técnico Administrativo

Os servidores técnico-administrativos do Campus São Vicente cumprem regime de trabalho de 40 horas semanais, distribuídas em atividades descritas no plano de carreira, regido pela Lei Nº 11.091/05, atribuídas de acordo com o cargo para a qual o servidor prestou concurso público, distribuídos de acordo com a titulação. A relação corpo técnico administrativo lotado no IFMT – Campus São Vicente é apresentada no Quadro 5.

Quadro 5. Demonstrativo do corpo Técnico Administrativo do IFMT – Campus São Vicente e Núcleo Avançado de Campo Verde.

Nome	Cargo	Formação/Titulação
Ademil Ivo Lima	Téc. Adm.	Ensino Médio
Aginaldo Roberto Marinho Ferreira	Téc. Adm.	Bacharel em Direito
Alair Aparecida de Oliveira Pereira	Téc. Adm.	Ensino Médio
Amarildo Poletto da Silva	Téc. Adm.	Técnico em Contabilidade
Anna Carla Acosta Santos	Téc. Adm.	Ensino Médio
Armando Tibaldi	Téc. Adm.	Ensino Médio
Armindo Antunes da Silva	Téc. Adm.	Ensino Médio
Átila Milhomem da Costa	Téc. Adm.	Ensino Médio
Azael Alberguini	Téc. Adm.	Ensino Médio
Benedita Julieta da Silva	Téc. Adm.	Pedagogia
Carlito Rodrigues da Silva	Téc. Adm.	Ensino Médio
Catharino de Lima Espírito Santo	Téc. Adm.	Ensino Fundamental Incompleto
Clarindo de Lima Espírito Santo	Téc. Adm.	Ensino Médio
Cláudio de Lima do Espírito Santo	Téc. Adm.	Ensino Médio
Cledson Ferreira da Silva	Téc. Adm.	Bacharel em Ciências Biológicas, Esp.
Crisanvania Luiz Gomes	Téc. Adm.	Serviço Social, Esp.
Daiane Correia Sales	Téc. Adm.	Técnico em Química Industrial
Dalmir Kuhn	Téc. Adm.	Eng. Agrônomo
Daniela de Souza Carraro Marcelino	Téc. Adm.	Psicóloga, Esp.
Deraldina Pereira do Nascimento	Téc. Adm.	Pedagoga, Esp.
Desoraide Pereira	Téc. Adm.	Ensino Médio
Deusdedit Pinto de Barros Neto	Téc. Adm.	Ensino Médio
Edenilson Benedito de Amorim	Téc. Adm.	Ensino Médio
Edenize de Amorim	Téc. Adm.	Bacharel em Administração
Edmilson de Oliveira	Téc. Adm.	Licenciado em Ciências Biológicas
Eder Cereia	Téc. Adm.	Ensino Médio
Edson Rodrigues dos Santos	Téc. Adm.	Licenciado em Agropecuária
Elsias Almeida	Téc. Adm.	Ensino Fundamental
Elton Feitoza Centurion	Téc. Adm.	Zootecnista
Ernandes Joel de Queiroz	Téc. Adm.	Ensino Médio
Fátima Elizabete dos Reis Matias	Téc. Adm.	Engenheira Civil, Esp.
Francis-Elpi de Oliveira Nascimento	Téc. Adm.	Licenciado em Letras, Esp.

Francielly Karoline Aires Carlini	Téc. Adm.	Zootecnista
Geniel Ribeiro Pinto	Téc. Adm.	Ensino Médio
Geraldo Miguel de Carvalho	Téc. Adm.	Ensino Fundamental Incompleto
Gilmar Lopes	Téc. Adm.	Técnico em Processamento de Dados
Gracinda de Lima Fernandes	Téc. Adm.	Ensino Fundamental
Hellen Clair Garcez Nabuco	Téc. Adm.	Nutricionista, Esp.
Isabel Santana Barbosa	Téc. Adm.	Licenciado em Ciências Biológicas
Ivanor Antonio Kayser	Téc. Adm.	Bacharel em Direito
Jasson Borralho Paes de Barros	Téc. Adm.	Bacharel em Direito
João Sobrinho de Azevedo	Téc. Adm.	Ensino Médio
Jonil dos Santos Queiroz	Téc. Adm.	Técnico em Alimentos
Jonir de Oliveira	Téc. Adm.	Técnico em Agropecuária
Jorge Nazareno Martins Costa	Téc. Adm.	Bacharel em Biblioteconomia
Jose Nilton Candido Leite	Téc. Adm.	Técnico em Agropecuária
Josepi Tibalde	Téc. Adm.	Ensino Médio
Kamila Álvares Simões Barata	Téc. Adm.	Técnico em Informática
Laura Caroline Aoyama Barbosa	Téc. Adm.	Bacharel em Biblioteconomia, Esp.
Leandro Gonzaga da Silva	Téc. Adm.	Ensino Médio
Leila Cimone Teodoro Alves	Téc. Adm.	Bacharel em Biblioteconomia, Esp.
Liane de Castro Machado	Téc. Adm.	Técnico em Agropecuária
Libertino Jose da Silva	Téc. Adm.	Ensino Médio
Maisa Pavani dos Santos	Téc. Adm.	Bacharel em Química
Manoel Jose do Espírito Santo	Téc. Adm.	Ensino Fundamental Incompleto
Manoel Miranda Moraes	Téc. Adm.	Ensino Fundamental
Marcela Abreu Moraes	Téc. Adm.	Ensino Médio
Marcio Menezes Roza	Téc. Adm.	Bacharel em Administração
Marcos Luiz Peixoto Costa	Téc. Adm.	Pedagogia, Esp.
Maria de Nazaré de Almeida Moraes	Téc. Adm.	Bacharel em Administração e em Ciências Contábeis
Maria José Bispo Pacheco	Téc. Adm.	Licenciado em Historia
Maria José de Queiroz Dantas	Téc. Adm.	Bacharel em Ciências Contábeis
Maria Meires Alves da Conceição	Téc. Adm.	Licenciado em Ciências Biológicas
Miriam Nunes Soares da Silva	Téc. Adm.	Auxiliar de Enfermagem
Nair Faria Leite	Téc. Adm.	Técnico em Contabilidade
Oswaldo Martins Capelani	Téc. Adm.	Técnico em Informática
Otoniel Meireles da Silva	Téc. Adm.	Ensino Médio
Patrícia Helena Portelada Moura	Téc. Adm.	Bacharel em Ciências Econômicas
Patrícia Sedrez da Rosa E Silva	Téc. Adm.	Eng. Agrônoma, Esp.
Paulo Augusto Weber	Téc. Adm.	Ensino Médio
Roberto Bilarmino de Siqueira	Téc. Adm.	Ensino Médio
Rodolfo de Oliveira Sarat	Téc. Adm.	Ensino Médio
Ronaldo José Perin	Téc. Adm.	Administração
Rosa Maria Lourenço	Téc. Adm.	Ensino Fundamental
Rosa Pinto de Mattos	Téc. Adm.	Ensino Médio
Samuel Renato Silva Barbosa	Téc. Adm.	Ensino Médio
Sebastião Henrique do Nascimento	Téc. Adm.	Ensino Fundamental
Silvana de Alencar Silva	Téc. Adm.	Pedagoga, Esp.
Sinval Jorge de Queiroz	Téc. Adm.	Bacharel em Ciências Contábeis
Thiago A. de Oliveira Marinho Ferreira	Téc. Adm.	Bacharel em Direito, Esp.
Valmir Cezar de Queiroz	Téc. Adm.	Ensino Fundamental
Valteir Ribeiro dos Santos	Téc. Adm.	Técnico em Agropecuária

Fonte: Informações obtidas no RH do IFMT – Campus São Vicente.

13. Atendimento ao Discente

São instrumentos de política de assistência estudantil implementada sequencialmente, respeitada a dotação orçamentária, conforme Decreto 7.234/2010, objetivando a redução da evasão escolar, os seguintes benefícios: auxílio-moradia, auxílio-transporte, dentre outros.

13.1 Programa de apoio financeiro

Os estudantes do IFMT – Campus São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde, contam com programa externo de bolsa (PIBIC) do convênio EFET/CNPq/FAPEMAT que visa estimular a participação dos discentes em projetos de pesquisas e o programa interno de iniciação científica – PROIC.

O IFMT – Campus São Vicente proporciona um programa de apoio pedagógico aos discentes através de estudos de monitoria que proporciona apoio financeiro aos discentes que se destacam nas disciplinas de maior complexidade, visto que os mesmos podem ser selecionados por edital específico para atuarem como monitores com uma carga horária de oito horas semanais de atividade, dando suporte direto aos discentes com dificuldades.

Ainda pelo programa de monitoria didática, os discentes podem ser selecionados para desenvolverem 8 horas semanais de atividades de apoio a colegas com dificuldades e/ou colaboração a professores na preparação de aulas práticas, e receberem como benefício, certificado de monitoria com especificações de atividades e carga horária. Poderão também, caso exista disponibilidade de recurso, receber remuneração através de bolsa de estudo.

Os estudantes do IFMT – Campus São Vicente contam também com programa externo de bolsa (PIBIC) do convênio EFET/CNPq/FAPEMAT que visa estimular a participação dos discentes em projetos de pesquisas.

13.2 Programa de Apoio Pedagógico

O IFMT – Campus São Vicente, tem um programa de apoio pedagógico aos discentes executado em duas frentes, sendo uma quando os professores ficam

disponíveis para os discentes em local e horário, previamente definido a cada semestre para atendimento individualizado, e a outra frente é executada pelo programa de monitoria anteriormente citado que visa dar suporte direto aos discentes com dificuldades de aprendizagem.

O apoio sistemático dos professores e dos monitores em atividades extrassala de aula facilita a adaptação e o aprimoramento das relações afetivas entre os discentes e outros membros da comunidade. A importância da cooperação e da solidariedade é trabalhado indiretamente em todos os componentes curriculares.

O IFMT – Campus São Vicente conta com o Departamento de Assistência ao Discente (DAD), que apresenta serviços de extrema importância para a permanência dos estudantes no IFMT – Campus São Vicente, sendo também responsável pelo acompanhamento do cumprimento das normas disciplinares da instituição.

O DAD apoia os alunos no Núcleo Avançado de Campo Verde com a logística de transporte de quaisquer materiais que se fizerem necessários, bem como o traslado de discentes para aulas práticas, aulas de monitoria ou mesmo trabalhos de pesquisa e extensão sempre que requisitados pelo docente ou discente no Sistema Integrado de Gestão Acadêmica – SIGA do IFMT – Campus São Vicente.

Visando a permanência dos discentes e diminuir a evasão escolar no IFMT – Campus São Vicente, o PDI 2009-2014 prevê as seguintes ações:

- Aumento das monitorias didáticas;
- Aumento e melhoria da infraestrutura;
- Mostra de cursos com ênfase no mercado de trabalho;
- Fomento de bolsas de Pesquisa e iniciação científica;
- Atendimento psicológico e de apoio psicossocial aos discentes;
- Realização de eventos, seminários e mostras culturais;
- Salas de aulas e laboratórios de pesquisa de diversas áreas e informática;

• Implementação da Coordenação de Orientação Educacional com a formação de uma equipe multidisciplinar com a presença de pedagogo, assistente social e psicólogo para poder atender aos discentes do ensino superior e médio.

13.2.1 Programa de Interação Pedagógica

Pretende-se implementar um ambiente virtual de aprendizagem através do software AVA Moodle (Plataforma Moodle), a fim de proporcionar uma sala de aula virtual para o apoio sistemático aos professores e aos discentes em atividades extrassala de aula, favorecendo a interação pedagógica para além dos horários preestabelecidos, através de atividades interativas que servirão como instrumento de troca de experiências e aprendizagem colaborativa, estimulando e facilitando a comunicação entre discentes e docentes, e promovendo a recuperação de conteúdos mediante a disponibilização de material didático, informações, trabalhos e atividades diversas.

Outra possibilidade é a implementação de programas de nivelamento e atendimento ao discente com dificuldades através da sistemática de atendimento semipresencial em adição aos projetos de monitoria e tutoria acadêmica.

13.3 Acompanhamento de Ingressantes e Concluintes

A carência na formação básica dos discentes ingressantes é nítida, principalmente em Língua Portuguesa, Matemática, Química e Física, o que dificulta o processo ensino-aprendizagem, já que se tratam de disciplinas do núcleo de fundamentação do curso de Agronomia.

Dentro desse contexto, há a necessidade da prática do nivelamento e de estudos com monitoria como forma de intervenção pedagógica. O IFMT – Campus São Vicente tem como prática a utilização da primeira semana de aula para realização de sondagem de nível de aprendizagem, com vistas a encaminhar os alunos com dificuldades de aprendizagem para os estudos de monitoria e projetos de nivelamento de aprendizagem, visando atingir os seguintes objetivos:

- Oportunizar uma revisão dos conteúdos, proporcionando por meio de explicações e de atividades, a apropriação de conhecimentos esquecidos ou não aprendidos;
- Motivar os discentes a reconhecer a importância de se revisar os conteúdos estudados no ensino fundamental e médio;

- Adquirir maiores condições de aproveitamento das disciplinas do ensino superior;
- Possibilitar que os discentes percebam que a revisão de conteúdos os levará a uma série de posturas lógicas que constituem a via mais adequada para auxiliar na sua formação.

Como forma de acompanhamento de veteranos, tendo em vista que a sociedade busca jovens que tenham uma visão crítica do mundo que o rodeia, em que o profissional atual precisa dominar conhecimentos transversais, saber analisar, comparar e sintetizar, se torna necessário o domínio de temas da atualidade que perpassam todas as áreas de conhecimento, o IFMT – Campus São Vicente colocou em prática, no segundo semestre letivo de 2009, o Projeto Formação Humana, abordando temáticas como agroecologia, sexualidade, drogas, política, alimentação saudável e comprometimento e motivação.

O Campus São Vicente é reconhecido por formar profissionais de nível médio no ramo da agropecuária. A partir de 2004 começou a colocar no mundo do trabalho os profissionais de nível superior em Tecnologia em Alimentos e a partir de 2006/2007 foram inseridos no mercado de trabalho os profissionais Tecnólogos em Zootecnia e em Agricultura Sustentável. A partir 2012 profissionais da área de Agronomia e Zootecnia (bacharelado) também serão inseridos ao mercado de trabalho.

O acompanhamento de egressos será levado a efeito no IFMT – Campus São Vicente, pela Coordenação de Estágio e Emprego, a quem compete ainda, planejar, coordenar, executar e avaliar as atividades relativas à integração e ao intercâmbio da instituição com o setor produtivo e com a sociedade em geral quanto à inclusão social e acompanhamento estudantil junto à comunidade e futura atuação profissional.

13.4 Ações para Reduzir a Evasão e a Repetência

Diante das deficiências constatadas, como ação para saná-las será elaborado um projeto de nivelamento a ser oferecido a todos os ingressantes no curso a partir de 2012/2. O projeto prevê que na primeira semana de aula, os professores

aplicarão atividades de sondagem com a finalidade de definirem discentes que necessitam de uma atenção de nivelamento que resgate conhecimentos básicos não adquiridos nas diversas áreas do conhecimento e os encaminhe para o atendimento e acompanhamento de nivelamento.

Pretende-se com o atendimento no projeto sanar, ou ao menos minimizar as deficiências constatadas e, desta forma, contribuir para a eficácia do processo ensino-aprendizagem e para a redução no índice de evasão.

São objetivos do projeto:

- Possibilitar que os discentes percebam que a revisão de conteúdos, os levará a uma série de posturas lógicas que constituem a via mais adequada para auxiliar na sua formação de forma complementar;
- Oportunizar uma revisão dos conteúdos, proporcionando por meio de explicações e de atividades, a apropriação de conhecimentos esquecidos e/ou não aprendidos;
- Motivar os discentes a reconhecer a importância de se revisar os conteúdos estudados no ensino fundamental e médio;
- Adquirir condições de um melhor aproveitamento das disciplinas do ensino superior.

14. Infraestrutura Física

Para a implantação do Núcleo Avançado de Campo Verde foram previstos investimentos da ordem de 4,5 milhões de reais a fim de proporcionar a infraestrutura mínima necessária para dar início ao atendimento da demanda por cursos da sociedade campo verdense, sendo que nos orçamentos futuros se demandará novos recursos até que a infraestrutura desejada esteja estabelecida.

Fica desde já estabelecido que a infraestrutura existente na sede do IFMT – Campus São Vicente estará disponível para a realização das atividades de ensino, pesquisa e extensão do núcleo, sendo o Campus responsável por prover toda a logística necessária para o transporte dos alunos para a realização das atividades através do Departamento de Assistência ao Discente – DAD e do setor de transporte e logística que conta com a disponibilidade de 02 ônibus, 01 micro-ônibus e 01 multivan para a realização de translados.

Para as disciplinas que demandarem aulas práticas em laboratório específico,

cuja atividade não puder ser realizada no laboratório multidisciplinar, no Núcleo Avançado de Campo Verde, os docentes deverão solicitar antecipadamente disponibilidade de laboratório e traslado para a realização das aulas práticas específicas nos laboratórios do IFMT – Campus São Vicente e/ou em parcerias com empresas conveniadas da região até que as obras de infraestrutura dos novos laboratórios estejam concluídas.

O IFMT – Campus São Vicente garantirá o traslado dos alunos não apenas para as aulas práticas, mas também para visitas técnicas e participação em eventos em território nacional, desde que solicitados com antecedência pelo docente ou líder de turma, com o aval do docente, através do sistema SIGA conforme as normas do Campus.

14.1 Infraestrutura Física Atual do Núcleo Avançado de Campo Verde

A área onde atualmente funciona o Núcleo Avançado de Campo Verde foi originalmente doada ao IFMT – *Campus* São Vicente pela Prefeitura municipal de Campo Verde, com uma área de 30000 m² e uma estrutura de 670,2 m² de área construída, mediante parceria, conforme as Leis Municipais Nº 1492/2009, 1493/2009 e 1548/2009.

Após a doação, houve significativos investimentos em infraestrutura e adequação para a oferta dos cursos hoje instalados, sendo que no Quadro 06 é apresentada a estrutura atual e em construção no IFMT – *Campus* São Vicente, Núcleo Avançado de Campo Verde incluindo as obras realizadas a partir de 2010.

Quadro 06. Estrutura atual do Núcleo Avançado de Campo Verde - NACV

Área construída atual – 989,72 m² – BLOCO A.
• 04 laboratórios de informática.
• 01 sanitário masculino
• 01 sanitário feminino
• 01 biblioteca
• 01 secretaria
• 01 sala para coordenação de Análise em Sistemas e sala de professores
• 01 sala para coordenação de Agronomia e sala de professores
• 04 salas de aula
• 01 laboratório multidisciplinar
Área em construção – 1870,66 m² – BLOCO B e C.

• 08 laboratórios
• 08 salas de aula
• 08 salas de apoio administrativo
• 02 banheiros masculinos
• 02 banheiros femininos
Área em construção – Estufa – 175 m²
• Estufa para apoio à pesquisa e apoio pedagógico nas disciplinas de Olericultura e Floricultura.
Área em construção – Barracão de máquinas – 305 m²
• Apoio a atividades de pesquisa e nas disciplinas de Mecanização Agrícola, Tecnologia de Aplicação de Defensivos, Topografia e Desenho Técnico.

14.2 Biblioteca do Campus São Vicente

Para atender a demanda por informação dos profissionais em formação do IFMT – Campus São Vicente e nos núcleos avançados foi idealizada uma Biblioteca que funciona como suporte informacional da instituição promovendo e incentivando a leitura e a pesquisa, com sistema integrado (GNUTECA) de acesso a bibliografias e mídias que atualmente, conta com 5.554 títulos cadastrados e disponíveis aos discentes. Na sede se encontram fisicamente – 4.459 títulos, no núcleo avançado de Jaciara – 501 títulos e, no Núcleo Avançado de Campo verde – 594 títulos.

A biblioteca é de uso irrestrito nos 03 (três) períodos de funcionamento e está acoplada ao auditório, onde são fomentadas ações artísticas, reuniões com a comunidade e assembleias deliberativas. A biblioteca fornece acervo apropriado, setor de multimídia, espaço para estudo em grupo e individual, acesso à internet e ao sistema GNUTECA através de 20 microcomputadores, além de proporcionar suporte aos docentes e discentes de todos os cursos através do setor de recepção, empréstimo e devolução de livros, materiais e mídias. Seu acervo é composto de itens cujos assuntos contemplam as mais diversas áreas do conhecimento humano, destinados a suprir as necessidades dos cursos ofertados.

A biblioteca é um órgão de apoio acadêmico, ligada à Direção de Ensino, devendo ser dirigida em conformidade com a política de ensino técnico-científico. A gerência da biblioteca é exercida por um profissional formado em Biblioteconomia auxiliado por servidores técnicos administrativos e estagiários.

O acervo da biblioteca é formado por livros, periódicos, fitas VHS, CDs e

DVDs multimídias, e está totalmente integrado para consulta e empréstimos não apenas pelos discentes da sede, mas também para consulta e empréstimos por parte dos discentes dos Núcleos Avançados que podem solicitar quaisquer bibliografia disponível através do Sistema GNUTECA de gerenciamento de bibliografias.

Em 2009, foi efetuada compra de acervo específico para o curso de Agronomia, priorizando as bibliografias constante nas ementas das disciplinas do curso de Agronomia integral da sede, não obstante, pretende-se ampliar as aquisições incluindo periódicos especializados e proporcionando a atualização do acervo conforme as necessidades dos cursos e a disponibilidade financeira.

14.2.1 Biblioteca do Núcleo Avançado de Campo Verde

Desde a implantação do Núcleo Avançado de Campo Verde, implantou-se uma biblioteca subsidiária da biblioteca central da sede, com a finalidade de proporcionar agilidade na disponibilização de acervo bibliográfico aos discentes do núcleo, além do atendimento através do sistema integrado GNUTECA.

Devido às condições de espaço serem restritivas, optou-se por manter no núcleo apenas bibliografias básicas diretamente relacionadas com os cursos do núcleo (594 títulos) ao passo que se projeta a ampliação do núcleo e a migração de todo o acervo bibliográfico disponível para o curso de Agronomia para a biblioteca do núcleo por ocasião da extinção da oferta do curso de Agronomia na sede.

Além disto, foram tomadas providências para facilitar o acesso dos discentes às bibliografias da biblioteca central e outras unidades, através do atendimento pelo GNUTECA que proporciona a pesquisa de disponibilidade, reserva e, o Departamento de Assistência ao Discente - DAD se encarrega do traslado de quaisquer materiais bibliográficos e midiáticos necessários, disponibilizando-os na unidade que o requisitou, garantindo assim que os discentes dos núcleos tenham acesso à informação. Tem sido feitos vários aportes de recursos para a compra de bibliografias e materiais de suporte necessários ao bom desenvolvimento dos cursos.

14.2.2 Biblioteca do Núcleo Avançado de Jaciara

O Núcleo Avançado de Jaciara possui uma biblioteca para atender aos cursos implementados naquele núcleo, contando com um acervo considerável que também é disponibilizado às demais unidades através do sistema GNUTECA de reserva e empréstimo de bibliografia, sendo o transporte de uma unidade para a outra, realizado pelo Departamento de Assistência ao Discente - DAD.

14.3 Laboratórios Didáticos

Atualmente o Campus São Vicente conta com a seguinte infraestrutura de laboratórios de apoio didático aos cursos de ensino médio técnico integrado e superiores:

- laboratórios de informática, formados por 04 (quatro) salas contendo, cada uma, 06 bancadas, 18 computadores, um servidor (computador controlador da rede), uma escrivaninha com cadeira para professor e 36 cadeiras para os discentes;
- laboratório multidisciplinar, formado por ambientes com bancadas equipadas para aulas de química, física e biologia;
- laboratório de análise de solo, equipado com equipamentos e utensílios para análises de acidez, minerais e matéria orgânica em amostras de solo e folhas de vegetais;
- laboratório de análises sensoriais, equipado com bancadas e iluminação adequada;
- laboratório de biotecnologia, dotado com equipamentos e utensílios para produção in vitro de mudas de banana e abacaxi.

Nos Quadros 7, 8, e 9 são apresentadas as relações dos laboratórios de apoio didático do IFMT – Campus São Vicente que estão à disposição para o desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Quadro 7. Infraestrutura atual das oficinas didáticas do IFMT – Campus São Vicente

Descrição	Quantidade
• Curral para bovinocultura	03
• Depósito de grãos	02
• Estação meteorológica principal	01
• Estufas para produção vegetal	02
• Fábrica de ração	01
• Frigorífico didático para abate de processamento de bovinos, suínos, ovinos e aves	01

• Galpões para criação de ovinos, aves, coelhos, frangos, codornas e suínos	08
• Laboratório de alevinagem	01
• Laboratório de análise de solos	01
• Laboratório de análise sensorial dos alimentos	01
• Laboratório de biotecnologia e Cultura de Tecidos	01
• Laboratório de mecanização agrícola	01
• Laboratório Multidisciplinar I (Biologia geral e Microbiologia)	01
• Laboratório Multidisciplinar II (Química, Bioquímica e Bromatologia)	01
• Oficina didática de processamento de leite	01
• Oficina para processamento de mel	01
• Pivô central para irrigação	01
• Salas ambientes para zootecnia, agricultura, agroindústria e mecanização agrícola	04
• Secador de grãos	01

Fonte: Informações obtidas na DPGP do IFMT – *Campus* São Vicente.

Quadro 8. Metas para infraestrutura das oficinas didáticas do IFMT – *Campus* São Vicente

Laboratórios de Ensino por áreas gerais	
• Laboratório de Química Orgânica	
• Laboratório de Química Inorgânica	
• Laboratório de Química Analítica Qualitativa e Quantitativa	
• Laboratório de Física	
• Laboratório de Matemática	
• Laboratório de Biologia	
• Laboratório de Desenho Técnico	
• Laboratório de Informática	
• Laboratório de Informática aplicado a idiomas	
• Laboratório de Artes	
• Laboratório de História	
• Laboratório de Geografia	

*Nomenclatura de acordo com o Catálogo Nacional de Laboratórios do MEC.

Fonte: Informações obtidas na DPGP do IFMT – *Campus* São Vicente.

Quadro 9. Laboratórios de Ensino separados por curso

Curso de Agronomia e Zootecnia	
• Laboratório de Entomologia	
• Laboratório de Zoologia	
• Laboratório de Fitopatologia	
• Laboratório de Fitotecnia	
• Laboratório de Botânica e Fisiologia Geral	
• Laboratório de Sementes	
• Laboratório de Mecanização	
• Laboratório de Topografia	
• Laboratório de Irrigação e Drenagem	
• Laboratório de informática com programas específicos	
• Laboratório de Anatomia Animal	
• Laboratório de Nutrição Animal	
• Laboratório de Reprodução e Melhoramento	
• Laboratório de Biotecnologia aplicada	
• Laboratório de Microbiologia Aplicada	
Curso de Tecnologia em Alimentos	

• Laboratório de Análise Sensorial dos Alimentos
• Laboratório de Análise de Alimentos
• Laboratório de Microbiologia de Alimentos
• Laboratório de informática com programas específicos
• Laboratório de Biotecnologia de Alimentos
• Laboratório de Microscopia de Alimentos
Laboratórios de Pesquisa voltados para as seguintes áreas
• Água e Efluentes
• Pesquisa Agronômica
• Pesquisa Zootécnica
• Pesquisa em Ciência e Tecnologia de Alimentos

Fonte: Informações obtidas na DGPG do IFMT – *Campus São Vicente*.

14.4 Recursos Tecnológicos e de Áudio Visual

Desde 2009 o Campus São Vicente conta com 02 laboratórios de informática voltados ao ensino; 01 sala de Telecentro e tem aprovado o projeto CELING (Centro de Estudos de Linguagem), em fase de implementação, cujo meta é disponibilizar recursos tecnológicos e de audiovisual para o ensino de línguas materna e estrangeiras.

- escritórios em número de dez, mobiliados com computadores conectados a internet, escrivaninhas, armários fechados e cadeiras estofadas. Cada escritório é utilizado por dois professores;
- escritórios nos Setores de Produção em número de sete, mobiliados com computadores conectados a internet, escrivaninhas, armários fechados e cadeiras estofadas. Cada escritório é utilizado por dois professores;
- sala para repouso no horário após o almoço, mobiliada com mesa redonda, cadeiras, jogo de sofá, mesa de centro e televisão.

14.5 Sala de Docentes
A área disponível para os docentes do IFMT – *Campus São Vicente* compõe-se de:

14.5.1 Sala de Docentes no Núcleo Avançado de Campo Verde

A área disponível para os docentes do IFMT – *Campus São Vicente*, Núcleo Avançado de Campo Verde compõe-se de:

- Uma sala com mesas e computadores com acesso via cabo e wireless e impressora para o curso de Tecnologia e Análise e Desenvolvimento de Sistemas e;
- Uma sala com mesas e computadores com acesso via cabo e wireless e

impressora para os cursos de Agronomia e Tecnologia em Alimentos;

- As referidas salas contam com mesa de reunião e sofá, além de arquivos, armários, retroprojektor, projetor multimídia, frigobar e televisão para comodidade dos docentes.

14.6 Área de Lazer e Outros

A comunidade do IFMT – *Campus* São Vicente dispõe das seguintes estruturas de lazer:

- campo de futebol gramado;
- campo de futebol suíço circundado por alambrado de tela;
- quadra de voleibol de areia;
- quadra coberta com estrutura para as modalidades de voleibol, futebol de salão, handebol e basquetebol;
- ginásio de esporte com arquibancada, palco, bar, churrasqueira, sanitários e vestiários;
- Cantina com lanchonete e televisão.

15. Referências Bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto – MEC. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **LDB, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Legislação Federal e Marginália.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto – MEC. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Engenharia Agrônoma ou Agronomia e dá outras providências. **Resolução CNE/CES Nº 01/2006, de 02 de fevereiro de 2006**. Legislação Federal e Marginália.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto – MEC. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. **Resolução CNE/CP Nº 01/2004, de 17 de junho de 2004**. Legislação Federal e Marginália.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto – MEC. Autoriza a inclusão na organização pedagógica e curricular de cursos superiores a oferta de disciplinas na modalidade semipresencial. **Portaria MEC Nº 4.059/2004, de 10 de dezembro de 2004**. Legislação Federal e Marginália.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto – MEC. Afinidade de curso para fins de transferência de aluno. **Parecer CNE/CES Nº 434/97, de 08 de**

julho de 1997. Legislação Federal e Marginália.

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto – MEC. Regulamenta a Lei nº 8.948, de 8 de dezembro de 1994, e dá outras providências. **Decreto nº 2.406 de 27 de novembro de 1997.** Legislação Federal e Marginália.
- BRASIL. Casa Civil. Cria, no local denominado São Vicente, município de Cuiabá, Estado de Mato Grosso, um Aprendizado Agrícola, subordinado à Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário do Ministério da Agricultura. **Decreto-Lei Nº 5.409, de 14 de abril de 1943.** Legislação Federal e Marginália.
- BRASIL. Casa Civil. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Lei Nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Legislação Federal e Marginália.
- BRASIL. Casa Civil. Regula o exercício das profissões de Engenheiro, Arquiteto e Engenheiro Agrônomo e dá outras providências. **Lei Nº 5.149, de 24 de dezembro de 1966.** Legislação Federal e Marginália.
- BRASIL. Casa Civil. Regulamenta as Leis Nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Decreto Nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004.** Legislação Federal e Marginália.
- BRASIL. Casa Civil. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. **Decreto Nº 5.773, de 09 de maio de 2006.** Legislação Federal e Marginália.
- BRASIL. Casa Civil. Altera a Lei Nº-9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Lei Nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003.** Legislação Federal e Marginália.
- BRASIL. Casa Civil. Altera a Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". **Lei Nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Legislação Federal e Marginália.
- BRASIL. Casa Civil. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Legislação Federal e Marginália.
- BRASIL. Casa Civil. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Lei Nº 9.795, de**

27 de abril de 1999. Legislação Federal e Marginália.

- BRASIL. Casa Civil. Regulamenta a Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. **Decreto Nº 4.281, de 25 de junho de 2002.** Legislação Federal e Marginália.
- BRASIL. Casa Civil. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências. **Lei Nº 10.861, de 14 de abril de 2004.** Legislação Federal e Marginália.
- BRASIL. Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Discrimina atividades das diferentes modalidades profissionais da Engenharia, Arquitetura e Agronomia. **Resolução Nº 218, de 29 de junho de 1973.**
- BRASIL. Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Dispõe sobre a regulamentação da atribuição de títulos profissionais, atividades, competências e caracterização do âmbito de atuação dos profissionais inseridos no Sistema Confea/Crea, para efeito de fiscalização do exercício profissional. **Resolução Nº 1.010, de 22 de agosto de 2005.**
- TUTTMAN, M.T. **LDB e a flexibilização curricular.** In: **Encontro de Pró-Reitores de Extensão da Regional Sudeste, 1999.** Alfenas. Trabalho apresentado... Alfenas, 1999.
- MORAN, José Manuel. **Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias.** Revista Diálogo Educacional. Curitiba, PUC-PR, v.4, n.12, maio-agosto, 2004, páginas 13-21.
- BROBST, S.; AUGUSTIN, C.R.; VALADÃO, L. F. **Flexibilização no contexto das Diretrizes Curriculares: concepção e implementação.** In: **Encontro Nacional do Fórum de Pró-Reitores de Graduação das Universidades Brasileiras, XVI.** Fórum de Pró-Reitores de Graduação, 2003. (Grupo de Trabalho FORGRAD)
- CAVALLET, V.J. **A formação do engenheiro agrônomo: a expectativa de um profissional que atenda as demandas sociais do século XXI.** 1999.135 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CAMPOS, V.C.; PIÑOL, S.T. Perfil dos discentes de Agronomia no sul do estado de Mato Grosso. In: **Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul, IV., 2004,** Florianópolis. Anais... Florianópolis: INPEAU, 2004.
- SILVA, P.R. **O coordenador de curso: atribuições e desafios atuais.** Revista Gestão Universitária, ed. 89, 2006. Disponível em: <<http://www.gestaouniversitaria.com.br/edicoes/60-89/284-o-coordenador-de-curso-atribuicoes-e-desafios-atuais.html>> Acesso em: 05 nov. 2009.

16. Anexos

Anexo 1. Regimento Unificado para os Colegiados de Cursos Superiores.



**Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Campus São Vicente
Diretoria de Ensino
Departamento de Ensino de Graduação**

REGIMENTO UNIFICADO PARA OS COLEGIADOS DE CURSOS SUPERIORES

CAPÍTULO I DA DEFINIÇÃO

Art. 1º. Os Colegiados dos Cursos Superiores do Instituto Federal de Mato Grosso - Campus São Vicente, definidos como unidades didático-pedagógicas científicas, são órgãos superiores planejadores e executores das atividades que lhe são pertinentes, sendo também as instâncias normativas, deliberativas e executivas sobre políticas acadêmicas para os fins de Ensino, Pesquisa e Extensão, no seu âmbito e dentro do que estabelecer as normas de instâncias superiores.

CAPÍTULO II DA COMPOSIÇÃO, ELEIÇÃO E DO MANDATO

Art. 2º. Os Colegiados dos Cursos Superiores do Instituto Federal de Mato Grosso - Campus São Vicente serão compostos:

1. Pelo Coordenador do Curso, que o presidirá.
2. Por dois representantes eleitos pelo Corpo Docente do Curso.
3. Pelo representante eleito de Corpo Discente do Curso.
4. Pelo representante dos Corpos Técnicos, especialistas em assuntos pedagógicos, indicado pela Direção de Ensino e pelo Departamento de Graduação.

§ 1º. Os representantes mencionados no “caput”, com exceção do representante do corpo Técnico, terão cada qual um suplente eleito pelo mesmo processo e na mesma ocasião da escolha dos titulares, aos quais substituem automaticamente nas faltas, impedimentos ou vacância.

§ 2º. O processo eleitoral do representante deverá ser conduzido pelo Colegiado de Curso ou por comissão indicada pelo mesmo, e, caso haja candidato pleiteando a reeleição, este não poderá participar como membro da comissão de processo eleitoral.

§ 3º. O processo eleitoral deverá ser registrado em ata, bem como seu procedimento e resultados.

§ 4º. O edital de processo eleitoral deverá ser publicado com antecedência mínima

de 5 (cinco) dias úteis nos murais e no endereço eletrônico oficial dessa Instituição.

Art. 3º. O mandato dos membros do Colegiado de Curso será de 2 (dois) anos para os representantes do corpo Docente e de 1 (um) ano para representante do corpo Discente.

Parágrafo Único. A representação docente e discente poderá ser reconduzida por mais um mandato de igual período.

CAPÍTULO III DAS ATRIBUIÇÕES DO COLEGIADO

Art. 4º. São atribuições do colegiado de curso:

- I. Estabelecer o perfil profissional e a proposta pedagógica do curso.
- II. Elaborar o seu regimento interno.
- III. Elaborar, analisar e avaliar o currículo do curso e suas alterações e submetê-los a apreciação das instâncias superiores.
- IV. Analisar, aprovar e avaliar os planos de ensino das disciplinas do curso, propondo alteração quando necessárias.
- V. Fixar normas quanto à matrícula e integralização do curso, respeitando o estabelecido pelas instâncias superiores.
- VI. Deliberar sobre os pedidos de prorrogação de prazo para conclusão do Curso.
- VII. Emitir parecer sobre processos de revalidação de diplomas de cursos de graduação expedidos por estabelecimentos estrangeiros de ensino superior.
- VIII. Exercer as demais atribuições conferidas por lei neste Regulamento ou Regimento do Curso.
- IX. Emitir parecer em processos de Ensino e Pesquisa vinculados à coordenação de curso.
- X. Participar ativamente da administração acadêmica, assessorando os órgãos colegiados deliberativos consultivos e executivos no desempenho de suas funções.
- XI. Propor à Diretoria de Graduação e Pós-Graduação e à Diretoria de Produção e Pesquisa normas de funcionamento e verificação do rendimento escolar para estágio, Trabalho de Conclusão de Curso de Curso e de disciplinas com características especiais do curso.
- XII. Sugerir medidas que visem ao aperfeiçoamento e desenvolvimento das atividades da Instituição, opinando sobre assuntos pertinentes que lhe sejam submetidos pelo Diretor-geral.
- XIII. Constituir comissões específicas para o estudo de assunto de interesse dos colegiados dos cursos.
- XIV. Zelar pela fiel execução dos dispositivos regimentais e demais regulamentos.
- XV. Reunir-se e tomar decisões conjuntas com os demais colegiados sempre que o assunto e interesse da matéria exigir.
- XVI. Decidir sobre complementação pedagógica, exercícios domiciliares, expedição e dispensa da guia de transferência e colação de grau.
- XVII. Decidir sobre quaisquer situações omissas a este regimento que referem ao curso, seus discentes e turmas.

CAPÍTULO IV DAS ATRIBUIÇÕES DO PRESIDENTE DO COLEGIADO

Art. 5º. São atribuições do Presidente do Colegiado de Curso:

- I. Convocar e presidir as reuniões, com direito a voto, inclusive o de qualidade.
- II. Representar o colegiado junto aos outros setores da instituição.
- III. Executar as deliberações do colegiado.
- IV. Designar relator ou comissão para estudo de matéria a ser decidida pelo colegiado.
- V. Decidir *ad referendum*, em caso de urgência, sobre matéria de competência do colegiado junto com outro membro por ele designado.
- VI. Elaborar os horários de aula junto com outros cursos envolvidos.
- VII. Orientar os discentes quanto à matrícula e a integralização do curso.
- VIII. Verificar o cumprimento do currículo do curso e demais exigências para a concessão de grau acadêmico aos discentes concluintes.
- IX. Decidir sobre pedidos referentes à transferência, matrícula, trancamento de matrícula no curso, cancelamento de matrícula em disciplina.

CAPÍTULO V DAS REUNIÕES

Art. 6º. O Colegiado do Curso reunir-se-á ordinariamente por convocação do presidente, ou extraordinariamente sempre que convocado pelo seu presidente ou por 50% (cinquenta por cento) de seus membros.

§1º. As convocações para as reuniões serão feitas por escrito constando a pauta dos assuntos com antecedência mínima de 48 (quarenta e oito) horas para as reuniões ordinárias e de 24 (vinte e quatro) horas para as reuniões extraordinárias.

§2º. Em caso de urgência ou excepcionalidade, o prazo de convocação previsto no parágrafo anterior poderá ser reproduzido e a indicação de pauta omitida justificando-se a medida no início da reunião.

§3º. O comparecimento espontâneo do membro ora convocado sem a observância das formas acima descritas convalida o ato de convocação e não acarretará nulidade de sessão.

§4º. As sessões somente serão abertas com a presença de mais de 50% (cinquenta por cento) de seus membros após duas chamadas com o intervalo mínimo de 15 (quinze) minutos.

Art. 7º. O comparecimento dos membros do colegiado às reuniões plenárias é de caráter obrigatório e tem preferência sobre qualquer outra atividade acadêmica, perdendo o mandato aquele que, sem motivo justificado, faltar a mais de 03 (três) reuniões consecutivas ou 05 (cinco) sessões alternadas, e será substituído por um suplente para exercer o prazo restante do mandato;

§1º. Na ausência do Presidente do Colegiado de curso a reunião será presidida por um membro indicado pela maioria dos membros presentes.

§2º. Não será configurada a ausência quando o membro suplente substituir o ausente.

§3º. O suplente somente terá direito a voz quando tiver assinado a lista de presença em substituição ao membro titular.

Art. 8º. As Deliberações serão realizadas por meio de voto da maioria dos presentes na sessão.

Parágrafo Único. Nenhum membro do colegiado pode recusar-se a votar.

Art. 9º. Das sessões serão lavradas atas lidas aprovadas e assinadas por todos os presentes na mesma sessão ou na seguinte.

Parágrafo Único. As atas das sessões do colegiado de curso serão lavradas por um secretário *ad hoc*, designado dentre os membros do colegiado devendo nelas constar as deliberações e pareceres emitidos.

Art. 10º. Declarada aberta a reunião do colegiado de curso, proceder-se-á a leitura e discussão da Ata da Reunião anterior e não havendo emendas ou impugnação, será a mesma considerada aprovada.

Art. 11. Toda a documentação do colegiado será processada e arquivada na respectiva Coordenação de Curso.

Art. 12. Todos os documentos gerados ou arquivados pelo Colegiado da Instituição serão de livre acesso ao público desde que se faça solicitação por escrito ao presidente do Colegiado de curso e este julgar procedente.

CAPÍTULO VI DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 13. O presente Regimento poderá ser modificado mediante proposta do Coordenador do curso ou por 50% (cinquenta por cento) dos membros do colegiado dos cursos apreciada em reunião extraordinária especialmente convocada para esta finalidade.

Art. 14. Esse regimento entra em vigor na data de sua aprovação pelo Conselho Diretor.

*Chefe de Departamento de Ensino de Graduação
Chefe do Departamento de Estágio e Emprego
Coordenador do Curso Bacharelado em Agronomia
Coordenador do Curso Bacharelado em Zootecnia
Coordenador do Curso de Tecnologia em Alimentos
Coordenador do Curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas*

Documento aprovado conforme Resolução N.º 04 de 29 de janeiro de 2009.

Anexo 2. Regimento do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Agronomia.



**Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Campus São Vicente
Diretoria de Ensino
Departamento de Ensino de Graduação**

REGIMENTO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE (NDE) DO CURSO DE AGRONOMIA

CAPÍTULO I

DAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º. O presente Regulamento disciplina as atribuições e o funcionamento do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Agronomia do Campus São Vicente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso.

Art. 2º. O Núcleo Docente Estruturante (NDE) é o órgão consultivo responsável pela concepção do Projeto Pedagógico do curso de Agronomia do IFMT – Campus São Vicente e tem, por finalidade, a implantação do mesmo.

CAPÍTULO II

DAS ATRIBUIÇÕES DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

Art. 3º. São atribuições do Núcleo Docente Estruturante:

- a) Elaborar o Projeto Pedagógico do Curso definindo sua concepção e fundamentos;
- b) estabelecer o perfil profissional do egresso do curso;
- c) atualizar periodicamente o Projeto Pedagógico do Curso;
- d) conduzir os trabalhos de reestruturação curricular, para aprovação no Colegiado de Curso, sempre que necessário;
- e) supervisionar as formas de avaliação e acompanhamento do curso definidas pelo Colegiado;
- f) analisar e avaliar os Planos de Ensino dos componentes curriculares;
- g) promover a integração horizontal e vertical do curso, respeitando os eixos estabelecidos pelo projeto pedagógico;
- h) acompanhar as atividades do corpo docente, recomendando ao Colegiado de Curso a indicação ou substituição de docentes, quando necessário.

CAPÍTULO III

DA CONSTITUIÇÃO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

Art. 4º. O Núcleo Docente Estruturante será constituído de:

- a) o Coordenador do Curso, como seu presidente;
- b) por até 30% (trinta por cento) do total de docentes da área do conhecimento do curso que participam na integralização do currículo pleno do Curso de Agronomia.

Parágrafo Único - O Coordenador será substituído nas faltas e impedimentos pelo

membro do Núcleo Docente Estruturante - NDE mais antigo no magistério.

Art. 5º. A indicação dos representantes docentes será feita pelo Colegiado de Curso para um mandato de 2 (dois) anos, com possibilidade de recondução.

CAPÍTULO IV

DA TITULAÇÃO E FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS DOCENTES DO NÚCLEO

Art. 6º. Os docentes que compõem o NDE possuem titulação acadêmica obtida em programas de pós-graduação stricto sensu e, destes, pelo menos 50% (cinquenta por cento) têm título de Doutor.

Art. 7º. O percentual de docentes que compõem o NDE com formação acadêmica na área do curso é, de pelo menos, 60% (sessenta por cento).

CAPÍTULO V

DAS ATRIBUIÇÕES DO PRESIDENTE DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

Art. 8º. Compete ao Presidente do Núcleo:

- a) convocar e presidir as reuniões, com direito a voto, inclusive o de qualidade;
- b) representar o NDE junto aos órgãos da instituição;
- c) encaminhar as deliberações do Núcleo;
- d) designar relator ou comissão para estudo de matéria a ser decidida pelo Núcleo e um representante do corpo docente para secretariar e lavrar as atas;
- e) indicar coordenadores para cada área do saber jurídico;
- f) coordenar a integração com os demais Colegiados e setores da instituição.

CAPÍTULO VI

DAS REUNIÕES

Art. 9º. O Núcleo reunir-se-á, ordinariamente, por convocação de iniciativa do seu Presidente, 2 (duas vezes por semestre e, extraordinariamente, sempre que convocado pelo Presidente ou pela maioria de seus membros titulares.

Art. 10. As decisões do Núcleo serão tomadas por maioria simples de votos, com base no número de presentes.

CAPÍTULO VII

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 11. Os casos omissos serão resolvidos pelo Núcleo ou órgão superior, de acordo com a competência dos mesmos.

Art. 12. O presente Regulamento entra em vigor após aprovação pelo Colegiado do Curso.

Santo Antônio do Leverger, 20 de outubro de 2009.

*Chefe de Departamento de Ensino de Graduação
Chefe do Departamento de Estágio e Emprego
Coordenador do Curso Bacharelado em Agronomia
Coordenador do Curso Bacharelado em Zootecnia
Coordenador do Curso de Tecnologia em Alimentos
Coordenador do Curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas*

Anexo 3. Regulamento Interno para Orientação de Estágio Curricular Supervisionado e Trabalho de Conclusão de Curso



**Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Campus São Vicente
Diretoria de Ensino
Departamento de Ensino de Graduação**

REGULAMENTO INTERNO PARA ORIENTAÇÃO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO E TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TÍTULO I DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º. O presente Regulamento tem como objetivo normatizar as atividades relacionadas à Orientação do Estágio Supervisionado, a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e sua apresentação, ambos como parte integrante e obrigatória do currículo dos cursos superiores (Bacharelados, Licenciaturas e Tecnológicos) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso campus São Vicente.

Art. 2º. O Estágio Supervisionado não-obrigatório (Extracurricular) e o Estágio (Curricular) Supervisionado não estabelecem vínculo empregatício de qualquer natureza, podendo o estagiário receber bolsa do estágio, devendo estar segurado contra acidentes e ter a cobertura previdenciária prevista na legislação específica.

Parágrafo Único. Este regulamento se ampara na Lei Nº 11.788 de 25 de setembro de 2008 e subsidia os Projetos Pedagógicos de Cursos.

TÍTULO II DO ESTÁGIO

CAPÍTULO I DO ESTÁGIO NÃO-OBIGATÓRIO SUPERVISIONADO

SEÇÃO I DA DEFINIÇÃO DO ESTÁGIO NÃO-OBIGATÓRIO

Art. 3º. Conforme art. 2º da lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, “estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória.”

SEÇÃO II DA CARACTERIZAÇÃO DO ESTÁGIO NÃO-OBIGATÓRIO

Art. 4º. O estágio curricular não-obrigatório poderá ser realizado após a conclusão

do 1º semestre, autorizado pelo professor orientador.

Parágrafo único – O professor-orientador poderá ser professor ou técnico, desde que tenha formação acadêmica específica.

Art. 5º. Poderá ser realizado em órgãos da Administração Pública indireta (Autarquia, fundação Pública, Empresa pública, Sociedade de economia mista, Agências reguladoras e executivas); e da Administração Privada.

Parágrafo único – O estágio não obrigatório supervisionado será contabilizado como Atividades Complementares, conforme dispõe em regulamento específico.

CAPÍTULO II DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO SUPERVISIONADO

SEÇÃO I DA DEFINIÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 6º. O Estágio Curricular Supervisionado é elemento constituído, e obrigatório na matriz curricular dos cursos superiores, regido nos termos da Lei Nº 11.788 de 25/09/2008, e consiste numa disciplina de, no mínimo, 360 (trezentas e sessenta) horas.

SEÇÃO II DA CARACTERIZAÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 7º. Poderá ser realizado em órgãos da Administração Pública indireta (Autarquia, fundação Pública, Empresa pública, Sociedade de economia mista, Agências reguladoras e executivas); e da Administração Privada.

Art. 8º. Cada Projeto Pedagógico do curso estipulará o período em que o estágio obrigatório poderá ser cursado, de acordo com a integralização dos currículos dos mesmos.

Art. 9º. O discente somente poderá sair para o Estágio Curricular Supervisionado no 10º (décimo) semestre, tendo definido um professor-orientador, e com sua respectiva carta de aceite devidamente assinada.

Art. 10º. Para a realização do Estágio Curricular Supervisionado, o discente deverá apresentar o Plano de Estágio em 02 (duas) vias, sendo 01 (uma) ao Coordenador de Curso e 01 (uma) ao Departamento de Estágio e Emprego.

SEÇÃO III DOS OBJETIVOS DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 11. São objetivos do Estágio Curricular Supervisionado:

I. Oportunizar ao estudante o desenvolvimento de suas habilidades, analisar situações, fatos, dados ligados à sua área de formação e propor mudanças, intervenções quando pertinentes e devidamente consensuais em seu ambiente de aprendizagem;

II. Complementar e aprimorar o processo ensino-aprendizagem, através da conscientização das deficiências individuais, ressignificando sua formação profissional, buscando o permanentemente elo entre a teoria e a prática;

III. Atenuar o impacto da passagem da carreira estudantil para a profissional, abrindo ao estagiário a oportunidade de conhecimento do real funcionamento do mercado e do mundo do trabalho;

IV. Facilitar o processo de atualização de conteúdos disciplinares, permitindo adequar aquelas de caráter profissionalizante às constantes inovações tecnológicas, políticas, sociais e econômicas a que estão sujeitas;

V. Estimular o desenvolvimento de capacidades intelectuais, propiciando o

surgimento de profissionais empreendedores;

VI. Vivenciar experiências teórico-práticas em empresas e/ou órgãos públicos ou privados, consolidando a capacidade de elaboração de trabalhos científicos.

CAPÍTULO II DOS PROCEDIMENTOS

SEÇÃO I DA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 12. O estudante, para a realização do estágio, deverá obedecer ao seguinte procedimento:

I. Dirigir-se ao Departamento de Estágio e Emprego e preencher uma solicitação de estágio indicando o local escolhido;

II. Caso o estágio não tenha sido confirmado, o Departamento de Estágio e Emprego poderá entrar em contato com a empresa para fazer a confirmação;

III. Após confirmação do estágio, o discente deverá preencher o Plano de Estágio Obrigatório, conforme modelo específico do Departamento de Estágio e Emprego, e ser submetido ao Professor Orientador para análise e aprovação;

IV. O Plano de Estágio Obrigatório deverá ser apresentado ao Professor Orientador no prazo de 05 (cinco) dias após a assinatura do Termo de Compromisso;

V. Não observado o prazo do inciso anterior, o estágio somente passará a ter validade a partir da data da efetiva aprovação do Plano de Estágio Obrigatório pelo Professor Orientador;

VI. Antes do início do estágio, o discente deverá retirar a sua pasta de estágio junto com 03 (três) vias do Termo de Compromisso de Estágio e 02 (duas) vias do Convênio, se for o caso;

VII. O discente ficará encarregado de colher as devidas assinaturas do Termo de Compromisso de Estágio e Convênio e fazer a devolução de 01 (uma) via ao Departamento de Estágio e Emprego no prazo de 05 (cinco) dias úteis após a sua retirada;

VIII. A não devolução da via dos documentos pertinentes ao estágio acarretará na anulação do Termo de Compromisso de Estágio.

Parágrafo único: Será de responsabilidade do discente a iniciativa de procurar o local de estágio, com o assessoramento da instituição, sob a orientação do Departamento de Estágio e Emprego.

SEÇÃO II DA ORIENTAÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Art. 13. O professor-orientador do Relatório de Estágio deverá ter domínio da área a qual o discente escolheu estagiar.

SEÇÃO III DA PRODUÇÃO ESCRITA

Art. 14. O relatório de Estágio Curricular Supervisionado é item indispensável da avaliação, devendo ser elaborado segundo orientações regulamentadas pelo Guia de Orientação de Trabalhos Científicos desta instituição.

SEÇÃO IV DA APRESENTAÇÃO

Art. 15. O relatório deverá ser submetido à apreciação por uma banca examinadora, composta pelo orientador e mais dois professores da área de atuação, sendo então avaliado quanto a escrita, e julgado favorável quando este atenda aos critérios técnicos e teóricos e,

quanto à forma e conteúdo, seja do nível acadêmico esperado.

Art. 16. O discente terá no mínimo 20 (vinte) minutos e no máximo 30 (trinta) minutos para apresentar seu relatório perante a banca examinadora e cada componente terá direito a fazer comentários, questionamentos e contribuições ao trabalho, em tempo máximo de até 20 (vinte) minutos, incluído nesse tempo o direito de resposta.

Parágrafo único: É facultativa a apresentação pública do relatório de estágio, de acordo com recomendação do professor-orientador e aceite do acadêmico.

SEÇÃO V DA AVALIAÇÃO

Art. 17. Para que o acadêmico seja aprovado no Estágio, a média aritmética obtida entre a avaliação do supervisor da unidade concedente e do professor-orientador deverá ser igual ou superior a 7,0 (sete).

TÍTULO III DO Trabalho de Conclusão de Curso

CAPÍTULO I DAS CARACTERIZAÇÕES

SEÇÃO I DA DEFINIÇÃO DO Trabalho de Conclusão de Curso

Art. 18. O Trabalho de Conclusão de Curso é parte integrante da matriz curricular dos cursos superiores (bacharelados, licenciaturas, tecnológicos) e consiste em um trabalho individual a ser elaborado sob a orientação de um professor do quadro do curso (efetivo ou substituto) e defendido perante banca examinadora.

SEÇÃO II DA CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Art. 19. Compreende-se por Trabalho de Conclusão de Curso um trabalho de pesquisa científica na área de atuação discente profissional, que resulte na exposição de um problema ou de um tema específico, investigado através dos recursos metodológicos que são exigidos para sua elaboração.

Art. 20. A elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso oportuniza ao discente revisão, aprofundamento, sistematização e integração dos conteúdos estudados, por meio da pesquisa de literatura especializada na área de conhecimento ou decorrente de observações e análises de situações, hipóteses, dados e outros aspectos contemplados pela prática e pela técnica.

Art. 21. São modalidades do Trabalho de Conclusão de Curso:

- I. Artigo Científico;
- II. Desenvolvimento de Produtos (software);
- III. Estudo de Caso;
- IV. Monografia;
- V. Produção de Áudio visual.

SEÇÃO III DOS OBJETIVOS DO Trabalho de Conclusão de Curso

Art. 22. São objetivos do Trabalho de Conclusão de Curso:

I. Propiciar ao corpo discente e docente a oportunidade de fazer do Trabalho de Conclusão de Curso uma experiência de observação, análise e compreensão de dados, estatísticas e fenômenos relacionados a cada área de atuação, em relação à realidade local, regional e nacional;

II. Oportunizar ao estudante a análise e materialização, na forma de um trabalho científico, relacionando a teoria com a prática, capacitando-o a realizar análises na área que resolva investigar;

III. Instrumentalizar o discente na coleta de dados, bem como nas análises dos mesmos;

IV. Oferecer ao discente orientação sistemática, acompanhamento e controle no processo de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso.

SEÇÃO IV

DO Trabalho de Conclusão de Curso DO CURSO DE Agronomia

Art. 23. O Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Agronomia é dividido e desenvolvido em três momentos ao longo do curso: TCC I, TCC II e TCC III.

Art. 24. O Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Agronomia constitui-se de uma pesquisa científica individual orientada, planejada e executada. Os dados da pesquisa devem ser analisados estaticamente para a confecção da monografia ou de um artigo científico, que deverá ser enviado para publicação em revista nacional e ou internacional.

Art. 25. O discente que optar por artigo científico deverá apresentar o protocolo de aceite pela revista do artigo submetido à publicação e o trabalho na forma de artigo científico será apresentado à banca examinadora do TCC, no formato de apresentação em congresso, em substituição a defesa de monografia, quando então será avaliado.

CAPÍTULO II DOS PROCEDIMENTOS

SEÇÃO I

DO PRÉ-PROJETO DO Trabalho de Conclusão de Curso

Art. 26. Antes do início da orientação o acadêmico deverá entregar ao coordenador de curso pré-projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, assinado pelo professor orientador.

Art. 27. O pré-projeto de Trabalho de Conclusão de Curso deverá conter a seguinte estrutura mínima:

I. Tema

II. Introdução

a) Objetivo da Pesquisa (geral e específico(s));

b) Problematização;

c) Justificativa;

III. Metodologia da Pesquisa;

IV. Referências.

Art. 28. Caso o discente não consiga um Professor Orientador, caberá ao Coordenador de Curso a sua designação, observando, sempre, a carga individual de orientação de trabalhos de conclusão atribuída aos docentes.

SEÇÃO II

DA ORIENTAÇÃO DO Trabalho de Conclusão de Curso

Art. 29. O professor-orientador do Trabalho de Conclusão de Curso deverá ter domínio do tema escolhido em comum acordo com o discente para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso.

SEÇÃO III DA PRODUÇÃO ESCRITA

Art. 30. O Trabalho de Conclusão de Curso obedecerá, quanto à sua forma, as normas da ABNT, transcritas no Guia de Orientação de Trabalhos Científicos desta instituição de Ensino.

SEÇÃO IV DA APRESENTAÇÃO

Art. 31. A defesa do Trabalho de Conclusão de Curso é de natureza pública, devendo ser divulgado, de forma impressa e/ou virtual, com antecedência, o local e horário para que possa ser do conhecimento de interessados no tema.

Art. 32. O discente terá no mínimo 20 (vinte) minutos e no máximo 30 (trinta) minutos para apresentar seu Trabalho de Conclusão de Curso perante a banca examinadora e cada componente terá direito a fazer comentários, questionamentos e contribuições ao trabalho, em tempo máximo de até 20 (vinte) minutos, incluído nesse tempo o direito de resposta.

Parágrafo Único. De qualquer forma, o tempo total da defesa não deverá ultrapassar a 120 (cento e vinte) minutos.

SEÇÃO V DA AVALIAÇÃO

Art. 33. A atribuição da nota final ao Trabalho de Conclusão de Curso obedecerá aos seguintes critérios:

- I. O conceito mínimo de aprovação será de 7,0 (sete);
- II. Não alcançado o conceito mínimo 7,0 (sete), o Trabalho de Conclusão de Curso deverá ser refeito e submetido à nova defesa para aprovação.
- III. O conceito final somente será tornado oficial após parecer final da banca.

Parágrafo Único. O conceito final somente será entregue à Coordenação do Registro Escolar, pelo Departamento de Estágio e Emprego, após a entrega pelo discente, da versão final do Trabalho de Conclusão de Curso, encadernado conforme o Guia de Orientação de Trabalhos Científicos.

Art. 34. O prazo limite para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso é o próprio período letivo, devendo o interessado organizar-se para tal, em relação aos procedimentos burocráticos e práticos do trabalho que precisa desenvolver.

TÍTULO IV DAS COMPETÊNCIAS

CAPÍTULO I DOS SEGMENTOS

SEÇÃO I DO COORDENADOR DE CURSO

Art. 35. Compete ao Coordenador do Curso:

- I. Divulgar entre os discentes do Curso as normas e demais informações sobre o

Estágio Curricular Supervisionado e Trabalho de Conclusão de Curso;

II. Articular-se com o professor da disciplina de Metodologia Científica, com vistas a orientar os discentes em fase de iniciação, na elaboração do pré-projeto do Trabalho de Conclusão de Curso;

III. Designar o professor-orientador para os discentes, quando necessário;

IV. Designar as bancas examinadoras para a avaliação dos Trabalhos de Conclusão;

V. Receber dos discentes os Trabalhos de Conclusão, em espiral para posterior entrega aos membros da banca;

VI. Decidir, em conjunto com o Colegiado de Curso, sobre qualquer impasse ou problema referente às atividades de Trabalho de Conclusão de Curso;

VII. Propor alterações neste Regulamento, submetendo-o aos coordenadores de curso;

VIII. Convocar, quando necessário, reuniões com os docentes orientadores e/ou discentes para tratar de assunto relacionado ao Trabalho de Conclusão de Curso.

SEÇÃO II DO DEPARTAMENTO DE ESTÁGIO E EMPREGO

Art. 36. Compete ao Departamento de Estágio e Emprego:

I. Garantir e divulgar as oportunidades de estágio;

II. Celebrar convênios para fins de estágio, observando o disposto no artigo 8º da Lei 11.788/08;

III. Prestar serviço administrativo de cadastramento dos discentes e das oportunidades de estágio;

IV. Encaminhar às entidades concedentes os discentes candidatos à vaga de estágio;

V. Fornecer ao estagiário a documentação necessária à efetivação do estágio;

VI. Promover reuniões com os estagiários para informá-los e orientá-los quanto ao processo do estágio obrigatório supervisionado;

VII. Assegurar a legalidade do processo;

VIII. Atuar como interveniente no ato de celebração do Termo de Compromisso de Estágio entre a entidade concedente e o estagiário;

IX. Emitir os formulários de relatórios e avaliações dos estágios;

X. Expedir certificado de conclusão do estágio quando este for realizado nas dependências da Instituição.

XI. Anular, de ofício, o Termo de Compromisso de Estágio quando o estágio não obedecer às normas estabelecidas neste regulamento.

SEÇÃO III DO PROFESSOR ORIENTADOR

Art. 37. Os docentes orientadores terão, durante o processo, junto à Coordenação do Curso e ao Departamento de Estágio e Emprego, as seguintes obrigações:

I. Analisar e avaliar o tema selecionado, junto com o discente (a), ajudando a delimitar, quando necessário, a abrangência do tema;

II. Dar suporte ao discente nas fases em que busque auxílio, quando pela leitura da produção parcial de seu texto se detecte a necessidade de informar, corrigir e/ou auxiliar na indicação de fontes e referências bibliográficas;

III. Frequentar as reuniões convocadas pela Coordenação do Curso;

IV. Estabelecer um plano de trabalho (tarefas e datas) com seus orientandos, devendo incluir encontros periódicos, sendo opcional o contato via e-mail, desde que respeitado seu direito a lazer ou o limite imposto por outras atribuições;

V. Ler o texto parcial produzido pelo orientando, de modo a acompanhar seu processo de elaboração;

VI. Corrigir e orientar dentro das normas técnicas regulamentadas no Guia de

Orientação de Trabalhos Científicos, e não baseado em imposições e preferências pessoais, que possam interferir no estilo de escrita do orientando;

VII. Comparecer no dia, hora e local marcados para participar das defesas para as quais estiver designado;

VIII. Emitir parecer final ao Departamento de Estágio e Emprego, a Coordenação de Curso ou ao Núcleo Docente Estruturante, autorizando a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso, pelo discente, à Banca examinadora;

IX. Participar da avaliação final do Relatório e do Trabalho de Conclusão de Curso;

X. Ser presidente da banca e proceder à avaliação final, conforme as normas estabelecidas para tal;

XI. Vedar a entrega do Relatório e a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso quando for constatado o não atendimento às normas e critérios pré-definidos e ainda quando verificado plágio e/ou violação de propriedade intelectual;

XII. Entregar à coordenação de curso, na data marcada para defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, a ficha de frequência assinada pelo discente e pelo professor orientador.

Parágrafo único – A ficha de frequência é um registro, em papel timbrado, feito pelo professor orientador dos encontros realizados com objetivo de orientação, que será encaminhada à Coordenação de Registros Escolares para controle e arquivamento, dado que há uma carga horária destinada à produção do Trabalho de Conclusão de Curso, respeitado cada Projeto Pedagógico de Curso, o que caracteriza uma unidade curricular.

XIII. Assinar o pré-projeto do Trabalho de Curso de seus orientandos, bem como a versão final, a ata da defesa oral e a ficha de avaliação;

XIV. Orientar e assessorar a análise de dados na confecção do Trabalho de Conclusão de Curso, acompanhando, quando for o caso, o desenvolvimento de pesquisa, por meio das tarefas estabelecidas ou encaminhamentos de dados aos discentes;

XV. Entregar ao coordenador de curso um documento, devidamente assinado, em que constem os meios utilizados e o cronograma com datas para orientação do Trabalho de Conclusão de Curso.

XVI. Obedecer as Normas de uso dos Laboratórios do campus.

SEÇÃO IV DO DISCENTE (ORIENTANDO)

Art. 38. O discente, tanto em relação ao Estágio Curricular Supervisionado como em relação ao Trabalho de Conclusão de Curso, terá junto à Coordenação do Curso, aos respectivos Docentes Orientadores e ao Departamento de Estágio e Emprego as seguintes atribuições:

I. O discente, quando da escolha do estágio e da definição de seu tema para o Trabalho de Conclusão de Curso, deverá levar em consideração as seguintes premissas:

a. Que o tema seja relevante à área de seu curso superior, contemplando pelo menos 01 (uma) disciplina do currículo do curso;

b. Que se considere o limite de tempo para a execução do estágio supervisionado e do Trabalho de Conclusão de Curso;

II. Definir um tema seja pertinente à área de atuação do curso, e ao interesse do professor-orientador.

III. Frequentar as reuniões convocadas pelo coordenador e/ou orientador;

IV. Desenvolver o pré-projeto e projeto do Trabalho de Conclusão de Curso de acordo com este regulamento e com as orientações do professor-orientador;

V. Produzir um texto original e/ou inédito de acordo com as normas da ABNT, e atendidas às orientações do professor-orientador;

VI. Manter contato com o professor-orientador, para discussão e aprimoramento de seu trabalho;

VII. Informar a Coordenação de Curso, a fim de solicitar outro orientador; quando o professor-orientador não cumprir com as suas atribuições.

VIII. Entregar no Departamento de Estágio e Emprego, nos prazos estabelecidos, a versão para defesa de seu Trabalho de Conclusão de Curso, de acordo com o Guia de Orientação de Trabalhos Científicos, em 03 (três vias), podendo ser apenas grampeado em caso de até 20 (vinte) páginas e, acima disso, encadernado em espiral.

IX. Obedecer aos prazos e comparecer no dia, hora e local marcados pela Coordenação do Curso, para entrega do Relatório de Estágio e defesa do Trabalho de Conclusão de Curso;

X. Para fins de entrega da versão final do Relatório de Estágio, o acadêmico deverá, após fazer as últimas alterações recomendadas pelo professor orientador, entregar no Departamento de Estágio e Emprego, nos prazos estabelecidos, 01 (uma) via encadernada em espiral e 01 (um) CD contendo o seu trabalho.

XI. Para fins de entrega da versão final do Trabalho de Conclusão de Curso, o acadêmico deverá, após fazer as últimas alterações recomendadas pelos membros da banca, entregar no Departamento de Estágio e Emprego, nos prazos estabelecidos, 01 (uma) via encadernadas em capa dura, conforme Guia de Orientação de Trabalhos Científicos e 1 (um) CD contendo o seu trabalho.

XII. O acadêmico que entregar o Trabalho de Conclusão de Curso e não comparecer para a defesa oral nas datas e horas apazadas será automaticamente reprovado, salvo motivo justificado.

§ 1º – Caso a falta não seja justificada, o orientador ficará desobrigado de suas responsabilidades e a Coordenação do curso considerará que o mesmo concluiu sua tarefa com o discente.

§ 2º – A reprovação a que se refere o inciso é em relação à unidade curricular. O acadêmico deverá matricular-se regularmente no próximo semestre, podendo, entretanto, usar o Trabalho de Conclusão de Curso já elaborado, obrigando-se a submeter à defesa nos prazos do período letivo em questão.

CAPÍTULO V DOS MEMBROS DA BANCA

Art. 39. Compete aos membros da banca:

I. Solicitar do orientando o Trabalho de Conclusão de Curso impresso com antecedência mínima de 15 (quinze) dias úteis.

II. Ler e Avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso do discente (apresentação escrita e oral).

III. A composição dos membros da banca do Trabalho de Conclusão de Curso é de mínimo 2 (dois) membros, com recomendação de 3 (três) membros.

IV. O professor-orientador será, automaticamente, o presidente da banca de defesa.

V. Excepcionalmente, a juízo da Coordenação do Curso, a banca poderá ser constituída de 1/3 (um terço) de seus membros por docentes de outra Instituição de Ensino Superior, com conhecimentos na área de abrangência do trabalho, ou ainda por profissionais com formação em nível superior e especialização que tenham formação relacionada ao tema abordado.

VI. O membro designado para a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso deverá justificar sua ausência por escrito à Direção de Ensino e à Coordenação de curso, no prazo máximo de 48 (quarenta e oito) horas após a ocorrência.

CAPÍTULO II DA ORGANIZAÇÃO DAS DEFESAS

Art. 40. As apresentações serão marcadas, preferencialmente, de forma que não comprometam os horários de aula dos docentes envolvidos na banca, de modo a não prejudicar suas atividades docentes.

Art. 41. A Coordenação do Curso, em conjunto com o Departamento de Estágio e

Emprego, respeitando os horários e atribuições dos docentes envolvidos, elaborará calendário fixando prazos para a entrega dos trabalhos de curso, designação de bancas e realização das defesas.

Art. 42. A Coordenação do Curso e o Departamento de Estágio e Emprego divulgarão a composição das bancas, o horário e o espaço físico destinado à defesa de cada trabalho.

Parágrafo Único. Se o Trabalho de Conclusão de Curso a ser defendido for entregue com atraso, por total responsabilidade do discente, somente poderá ser defendido após realizadas as demais defesas e se houver tempo disponível, conforme calendário estipulado.

TÍTULO V DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 43. Em caso do não comparecimento do discente ou de alguém da banca, a mesma será marcada uma nova data para a defesa pública, desde que seja justificada sua ausência por atestado médico;

Art. 44. Será concedido ao discente em atraso um prazo de 30 (trinta) minutos para comparecimento à banca no dia e hora marcados, com justificativa. Expirado o prazo, o discente será considerado ausente e reprovado;

Art. 45. Das decisões da Banca não cabe recurso, salvo para correção de erro aritmético (soma, subtração, multiplicação e divisão);

Art. 46. Os casos omissos serão resolvidos pela Coordenação do Curso, ouvido, quando necessário, o Colegiado de Curso.

Art. 47. Este regulamento entrará em vigor a partir de 01 de Janeiro de 2010.

Art. 48. Qualquer alteração neste regulamento deverá ser submetida à aprovação dos colegiados de curso.

*Chefe de Departamento de Ensino de Graduação
Chefe do Departamento de Estágio e Emprego
Coordenador do Curso Bacharelado em Agronomia
Coordenador do Curso Bacharelado em Zootecnia
Coordenador do Curso de Tecnologia em Alimentos
Coordenador do Curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas*

Anexo 4. Regulamento das Atividades Complementares



**Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Campus São Vicente
Diretoria de Ensino
Departamento de Ensino de Graduação**

REGULAMENTO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES DOS CURSOS SUPERIORES DO IFMT – CAMPUS SÃO VICENTE

CAPÍTULO I DAS FINALIDADES

Art. 1º. As Atividades Complementares se constituem em parte integrante do currículo dos cursos de Graduação.

§1º. As Atividades Complementares serão desenvolvidas dentro do prazo de conclusão do curso, conforme definido em cada Projeto Pedagógico de Curso, sendo componente curricular obrigatório para a conclusão do curso.

§2º. Caberá ao discente participar de Atividades Complementares que privilegiem a construção de comportamentos sociais, humanos, culturais e profissionais. Tais atividades serão adicionais às demais atividades acadêmicas e deverão contemplar os três grupos de atividades descritos neste Regulamento.

Art. 2º. As Atividades Complementares têm por objetivo enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, privilegiando:

- I. Atividades de complementação da formação social, humana e cultural;
- II. Atividades de cunho comunitário e de interesse coletivo;
- III. Atividades de iniciação científica, tecnológica e de formação profissional.

Art. 3º. A carga horária das Atividades Complementares que os discentes deverão realizar e comprovar será definida no Projeto Pedagógico de Curso.

CAPÍTULO II DA REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Art. 4º. As Atividades Complementares poderão ser desenvolvidas no próprio IFMT – Campus São Vicente, promovidas pelos Departamentos de Ensino e Coordenações de Curso, ou por empresas, instituições públicas ou privadas, que propiciem a complementação da formação do discente, assegurando o alcance dos objetivos previstos no Artigo 1º. deste Regulamento.

Parágrafo único. A modalidade de estágio não obrigatório supervisionado será contabilizado como Atividades Complementares, conforme disposto neste regulamento e em regulamento específico sobre o estágio.

CAPÍTULO III

DAS COMPETÊNCIAS

SEÇÃO I

DA ENTIDADE CONCEDENTE DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Art. 5º. À Entidade Concedente de Atividades Complementares compete:

- I. Assegurar ao discente todas as condições necessárias para a plena realização de suas atividades;
- II. Fornecer documentação comprobatória da participação efetiva do discente, especificando a carga horária, período de execução e descrição da atividade.

CAPÍTULO IV

DAS ATRIBUIÇÕES DOS ENVOLVIDOS NO PROCESSO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

SEÇÃO I

DO COORDENADOR DE CURSO

Art. 6º. Ao Coordenador de Curso compete:

- I. Supervisionar o desenvolvimento das Atividades Complementares;
- II. Julgar a validação das atividades não previstas no Regulamento da Organização Didático-pedagógica dos Cursos Superiores de Tecnologia e de Bacharelado do IFMT – Campus São Vicente e neste Regulamento.
- III. Analisar as documentações das Atividades Complementares apresentadas pelo discente, levando em consideração os objetivos estabelecidos no Artigo 1º. deste Regulamento;
- IV. Avaliar e pontuar as Atividades Complementares desenvolvidas pelo discente, de acordo com os critérios estabelecidos neste Regulamento, levando em consideração a documentação apresentada pelo discente, em consonância com o Projeto Pedagógico de Curso;
- V. Orientar o discente quanto à pontuação das Atividades Complementares;
- VI. Fixar e divulgar datas e horários, nos ambientes da Coordenação do Curso, para atendimento aos discentes e análise dos documentos comprobatórios;
- VII. Controlar e registrar as atividades complementares desenvolvidas pelo discente, bem como os procedimentos administrativos inerentes a essa atividade;
- VIII. Encaminhar, ao final do último semestre letivo do acadêmico, ao Setor de Registros Escolares² do IFMT – *Campus* São Vicente, o controle de atividades complementares do acadêmico, conforme o anexo 01 deste regulamento.

SEÇÃO II

DO COLEGIADO DO CURSO

Art. 7º. Ao Colegiado do Curso compete:

- I. Propor ao Coordenador do Curso, para as atividades relacionadas no artigo 13, Procedimentos de avaliação e pontuação para avaliação de Atividades Complementares, em consonância com o Projeto Pedagógico de Curso;
- II. Propor ao Coordenador do Curso as disciplinas/unidades curriculares de enriquecimento curricular que poderão ser consideradas Atividades Complementares, em consonância com o Projeto Pedagógico de Curso;
- III. Propor ao Coordenador do Curso a avaliação das Atividades Complementares não previstas neste Regulamento.

SEÇÃO III

² O Setor de Registros Escolares é responsável por conferir/comprovar e arquivar o controle de atividades complementares de cada acadêmico.

DO DISCENTE

Art. 8º. Aos discentes do IFMT – Campus São Vicente, matriculados nos cursos de Graduação, compete:

- I. Informar-se sobre o Regulamento e as atividades oferecidas dentro ou fora do IFMT – *Campus* São Vicente que propiciem pontuações para Atividades Complementares;
- II. Inscrever-se e participar efetivamente das atividades;
- III. Providenciar a documentação comprobatória, relativa à sua participação efetiva nas atividades realizadas;
- IV. Entregar a documentação necessária para a pontuação e a avaliação das Atividades Complementares, até a data limite estabelecida pela coordenação de curso;
- V. Arquivar a documentação comprobatória das Atividades Complementares e apresentá-la sempre que solicitada;
- VI. Retirar a documentação apresentada junto à coordenação do curso em até 60 dias corridos após a publicação do resultado.

§1º. A documentação a ser apresentada deverá ser devidamente legitimada pela Instituição emitente, contendo carimbo e assinatura ou outra forma de avaliação e especificação de carga horária, período de execução e descrição da atividade.

§2º. A documentação não retirada no prazo estabelecido neste Regulamento será destruída.

CAPÍTULO V DA AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Art. 9º. Na avaliação das Atividades Complementares desenvolvidas pelo discente serão considerados:

- I. A compatibilidade das atividades desenvolvidas com os objetivos do curso em que o discente estiver matriculado;
- II. O total de horas dedicadas à atividade;

§.1º. Somente serão consideradas, para efeito de pontuação em Atividades Complementares, a participação em atividades desenvolvidas após a data de ingresso do discente no ciclo em que estiver matriculado.

§.2º. Em caso de mudança de curso haverá reavaliação das atividades consideradas para a pontuação em Atividades Complementares conforme inciso I deste artigo 8º.

Art. 10º. Poderão ser validadas como Atividades Complementares:

Grupo 1. Atividades de complementação da formação social, humana e cultural, estando inclusas:

- I. Atividades esportivas - participação nas atividades esportivas;
- II. Cursos de língua estrangeira – participação com aproveitamento em cursos de língua estrangeira;
- III. Participação em atividades artísticas e culturais, tais como: banda marcial, camerata de sopro, teatro, coral, radioamadorismo e outras;
- IV. Participação efetiva na organização de exposições e seminários de caráter artístico ou cultural;
- V. Participação como expositor em exposição artística ou cultural.

Grupo 2. Atividades de cunho comunitário e de interesse coletivo, estando Inclusas:

- I. Participação efetiva em Diretórios e Centros Acadêmicos, Entidades de Classe, Conselhos e Colegiados internos à Instituição;
- II. Participação efetiva em trabalho voluntário, atividades comunitárias, associações de bairros, brigadas de incêndio e associações escolares;
- III. Participação em atividades beneficentes;
- IV. Atuação como instrutor em palestras técnicas, seminários, cursos da área específica, desde que não remunerados e de interesse da sociedade;

- V. Engajamento como docente não remunerado em cursos preparatórios e de reforço escolar;
- VI. Participação em projetos de extensão, não remunerados, e de interesse social.

Grupo 3. Atividades de iniciação científica, tecnológica e de formação profissional, estando inclusas:

- I. Participação em cursos extraordinários da sua área de formação, de fundamento científico ou de gestão;
- II. Participação em palestras, congressos, jornadas e seminários técnico-científicos;
- III. Participação como apresentador de trabalhos em palestras, congressos, jornadas e seminários técnico-científicos;
- IV. Participação em projetos de iniciação científica e tecnológica, relacionados com o objetivo do Curso;
- V. Participação como expositor em exposições técnico-científicas;
- VI. Participação efetiva na organização de exposições e seminários de caráter acadêmico;
- VII. Publicações em revistas técnicas;
- VII. Publicações em anais de eventos técnico-científicos ou em periódicos científicos de abrangência local, regional, nacional ou internacional;
- IX. Estágio não obrigatório na área do curso;
- X. Trabalho com vínculo empregatício, desde que na área do curso;
- XI. Trabalho como empreendedor na área do curso;
- XII. Participação e aprovação em disciplinas/unidades curriculares de enriquecimento curricular de interesse do Curso, desde que tais disciplinas/unidades curriculares tenham sido aprovadas pelo Colegiado de Curso e estejam de acordo com o Projeto Pedagógico de Curso.
- XIV. Participação em Empresa Júnior, Hotel Tecnológico, Incubadora Tecnológica;
- XV. Participação em projetos multidisciplinares ou interdisciplinares;
- XVI. Participação em Atividade de Monitoria relacionada a área do curso.

§1º. Os estágios previstos referem-se a estágio extracurricular. O Estágio Curricular Supervisionado e obrigatório, não poderá ser considerado como Atividade Complementar, por já possuir carga horária e registro de nota própria.

§2º. Os projetos multidisciplinares ou interdisciplinares, referem-se àqueles de característica opcional por parte do discente, não previstos no currículo do curso do discente. O Trabalho de Conclusão de Curso de curso (TCC) não poderá ser pontuado em Atividade Complementar, por já possuir carga horária e registro de nota própria.

CAPÍTULO VI

DA PONTUAÇÃO DA CARGA HORÁRIA

Art. 11. As Atividades Complementares serão avaliadas, segundo a carga horária ou por participação efetiva nas atividades, atendendo ao disposto no parágrafo 1º do Art. 12 deste Regulamento.

Parágrafo único - As atividades que se enquadrar em mais de um item serão pontuadas por aquele que propiciar maior pontuação.

Art. 12. O discente deverá participar de atividades que contemplem os 3 Grupos listados no Artigo 10 deste Regulamento.

Art. 13. O discente deverá integralizar no curso superior de Bacharelado em Agronomia:

- I. No grupo 1 o máximo de 10h;
- II. No grupo 2 o máximo de 20h;
- III. No grupo 3 o mínimo de 120h.

Art. 13. Caberá ao Colegiado de Curso propor ao Coordenador do Curso a contagem da carga horária dos itens de cada Grupo, conforme especificado nos anexo I deste regulamento.

CAPÍTULO VII DA CERTIFICAÇÃO E REGISTRO

Art. 18. O controle das ações desenvolvidas pelo discente na atividade complementar é da responsabilidade do organizador da mesma, o qual encaminhará à Coordenação de Registros Escolares, em relatório próprio relação dos discentes participantes, para certificação e registro.

Art. 19. A Coordenação de Registros Escolares, a partir do relatório próprio fornecido pelo organizador da atividade complementar, elaborará o certificado e efetuará seu registro, fornecendo posteriormente ao discente, que o guardará para fins comprobatórios junto à coordenação de curso ou Chefia de Departamento.

CAPÍTULO VIII DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 20. Qualquer alteração neste regulamento deverá ser submetida à aprovação dos colegiados de curso.

Art. 21. Os casos omissos nesse Regulamento serão resolvidos pela Diretoria de Ensino junto com os Colegiados de Curso.

*Chefe de Departamento de Ensino de Graduação
Chefe do Departamento de Estágio e Emprego
Coordenador do Curso Bacharelado em Agronomia
Coordenador do Curso Bacharelado em Zootecnia
Coordenador do Curso de Tecnologia em Alimentos
Coordenador do Curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas*

ANEXO 1 – Do Regulamento de Atividades Complementares

CONTROLE DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO ACADÊMICO			
Nome completo:			
Curso:			
Matrícula:			
Turma:			
Telefone:			
E-mail:			
Endereço			
Município:			UF:
CEP:			
ATIVIDADES COMPLEMENTARES			
GRUPO 1 - Atividades de complementação da formação social, humana e cultural, estando inclusas:			
ITEM	ATIVIDADE	CARGA HORÁRIA COMPROVADA	NOME/ ASSINATURA E CARIMBO DO COORDENADOR DE CURSO
01	Atividades esportivas - participação nas atividades esportivas.		
02	Cursos de língua estrangeira – participação com aproveitamento em cursos de língua estrangeira.		
03	Participação em atividades artísticas e culturais, tais como: banda marcial, camerata de sopro, teatro, coral, radioamadorismo e outras.		
04	Participação efetiva na organização de exposições e seminários de caráter artístico ou cultural.		
05	Participação como expositor em exposição artística ou cultural.		
TOTAL DE HORAS			
Grupo 2 - Atividades de cunho comunitário e de interesse coletivo, estando inclusas:			
ITEM	ATIVIDADE	CARGA HORÁRIA COMPROVADA	NOME/ ASSINATURA E CARIMBO DO COORDENADOR DE CURSO
01	Participação efetiva em Diretórios e Centros Acadêmicos, Entidades de Classe, Conselhos e Colegiados internos à Instituição.		
02	Participação efetiva em trabalho voluntário, atividades comunitárias, associações de bairros, brigadas de incêndio e associações escolares.		
03	Participação em atividades beneficentes.		
04	Atuação como instrutor em palestras técnicas, seminários, cursos da área específica, desde que não remunerados e de interesse da sociedade.		
05	Engajamento como docente não remunerado em cursos preparatórios e de reforço escolar.		
06	Participação em projetos de extensão, não remunerados, e de interesse social.		
TOTAL DE HORAS			
Grupo 3 - Atividades de iniciação científica, tecnológica e de formação profissional, estando inclusas:			

ITEM	ATIVIDADE	CARGA HORÁRIA COMPROVADA	NOME/ ASSINATURA E CARIMBO DO COORDENADOR DE CURSO
01	Participação em cursos extraordinários da sua área de formação, de fundamento científico ou de gestão		
02	Participação em palestras, congressos e seminários técnico-científicos		
03	Participação como apresentador de trabalhos em palestras, congressos e seminários técnico-científicos		
04	Participação em projetos de iniciação científica e tecnológica, relacionados com o objetivo do Curso		
05	Participação como expositor em exposições técnico-científicas		
06	Participação efetiva na organização de exposições e seminários de caráter acadêmico		
07	Participação efetiva na organização de exposições e seminários de caráter acadêmico		
08	Publicações em revistas técnicas		
09	Publicações em anais de eventos técnico-científicos ou em periódicos científicos de abrangência local, regional, nacional ou internacional		
10	Estágio não obrigatório na área do curso		
11	Trabalho com vínculo empregatício, desde que na área do curso		
12	Trabalho como empreendedor na área do curso		
13	Trabalho com vínculo empregatício, desde que na área do curso		
14	Trabalho como empreendedor na área do curso		
15	Participação e aprovação em disciplinas/unidades curriculares de enriquecimento curricular de interesse do Curso, desde que tais disciplinas/unidades curriculares tenham sido aprovadas pelo Colegiado de Curso e estejam de acordo com o Projeto Pedagógico de Curso		
16	Participação em Empresa Júnior, Hotel Tecnológico, Incubadora Tecnológica		
17	Participação em projetos multidisciplinares ou interdisciplinares		
TOTAL DE HORAS			

Anexo 5. Ficha de Avaliação das Disciplinas

INSTITUTO FEDERAL EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO											
CAMPUS SÃO VICENTE – NÚCLEO AVANÇADO DE CAMPO VERDE											
COLEGIADO DO CURSO DE AGRONOMIA NOTURNO											
AVALIAÇÃO DAS DISCIPLINAS											
Código:				Disciplina:							
Docente:											
Período:											
Dentro dos itens relacionados abaixo, avalie a disciplina citada nesta ficha. Para indicar sua opinião, faça um círculo na pontuação de cada item, de acordo com seguinte escala:											
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 !.....!.....!.....!.....!.....!.....!.....!.....!.....! Inferior Fraco Regular Bom Superior											
ITENS DE AVALIAÇÃO					PONTUAÇÃO						
1. Cumprimento do programa da disciplina	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
2. Metodologia didática adotada pelo docente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
3. Compromisso com o horário da disciplina estabelecido na matrícula	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
4. Segurança e atualização do docente no conteúdo da disciplina.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
5. Atenção do docente fora do horário de aula	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
6. Distribuição entre os conteúdos teóricos e práticos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
7. Recursos audiovisuais utilizados pelo docente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
8. Usou critérios claros e adequados na avaliação da aprendizagem.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
9. Cumprimento da carga horária total da disciplina	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
10. Em resumo, avalio a disciplina como sendo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
<i>Total dos pontos obtidos:</i>											

Anexo 6. Portaria do Núcleo Docente Estruturante de Agronomia Noturno



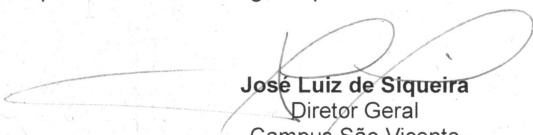
PORTARIA Nº 63, DE 14 DE MAIO DE 2013

O DIRETOR GERAL DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO – CAMPUS SÃO VICENTE, no uso da competência que lhe foi subdelegada pela Portaria/Reitoria nº 630-VI, de 18/04/2013, publicada no D.O.U no dia 19/04/2013, em cumprimento ao que preceitua o Regulamento Interno desta Instituição Federal de Ensino

RESOLVE:

Art. 1º- Designar os servidores **ANTONIO MAURO RODRIGUES CADORIN**, matrícula do SIAPE nº 1029218, ocupante do cargo Professor de Ensino Básico Técnico e Tecnológico, **CRISTIANO MARTINOTTO**, matrícula do SIAPE nº 1751737, ocupante de cargo de Professor de Ensino Básico Técnico e Tecnológico, **LUIS CARLOS COELHO**, matrícula do SIAPE nº 17812927, ocupante do cargo Professor Ensino Básico Técnico e Tecnológico, **ANDRE LUIS DE ANDRADE**, matrícula do SIAPE nº 1653606, ocupante do cargo Professor Ensino Técnico e Tecnológico, **OSVALDO JOSÉ DE OLIVEIRA**, matrícula do SIAPE nº 49422, ocupante do cargo Professor de Ensino Básico Técnico e Tecnológico, **PATRICIAL SOBRAL SILVA**, matrícula do SIAPE nº 1666324, ocupante do cargo Professor Ensino Básico Técnico e Tecnológico, **RITA DE CÁSSIA SANTOS**, matrícula do SIAPE nº 1587238, ocupante do cargo Professor Ensino Básico Técnico e Tecnológico, **CHARLES DE ARAUJO**, matrícula do SIAPE nº 1552340, sob a presidência do primeiro, construir o Núcleo Docentes Estruturante do Curso de Agronomia, Núcleo Avançado de Campo Verde- Noturno.

Art. 2º Esta portaria entra em vigor a partir desta data.


José Luiz de Siqueira
Diretor Geral
Campus São Vicente

CIENTE
15/05/2013
Luis Coelho

Anexo 7. Portaria do Colegiado de Curso de Agronomia Noturno


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MEC - SETEC
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO
REITORIA

PORTARIA Nº 1.398, DE 22 DE AGOSTO DE 2013

O REITOR DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO, no uso de suas atribuições legais, conferidas pelo Decreto Presidencial de 08.04.2013, publicado no D.O.U. de 09.04.2013, e considerando o Memorando nº 190/2013/DG/Campus São Vicente;

RESOLVE:

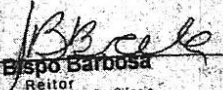
I – Dispensar, o servidor **ANTONIO MAURO RODRIGUES CADORIN**, ocupante do cargo de Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, Matrícula SIAPE nº 1029218, pertencente ao quadro permanente deste Instituto, da função de confiança de Coordenador do Curso de Agronomia Noturno deste IFMT – Campus São Vicente, código FG – 05.

II – Designar, o servidor **ERINEUDO DE LIMA CANUTO**, ocupante do cargo de Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, Matrícula SIAPE nº 1629632, pertencente ao quadro permanente deste Instituto, para exercer a função de confiança de Coordenador do Curso de Agronomia Noturno deste IFMT – Campus São Vicente, código FG – 05.

III – Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

IV – Cientifiquem-se e cumpram-se.

Publicado no D.O.U.
Em: 23 / 08 / 2013
Pág.: 28 Seção: 02


José Bispo Barbosa
Reitor
Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia de Mato Grosso
Decreto Presidencial de 08/04/2013

Canuto, 03/09/13
Erineudo Lima Canuto

Anexo 8. Resolução de Criação do Curso de Agronomia Noturno pelo CONSUP



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MEC-SETEC
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO
CONSELHO SUPERIOR

RESOLUÇÃO Nº 013 ,DE 10 DE MAIO DE 2011

O PRESIDENTE DO CONSELHO SUPERIOR DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO, no uso de suas atribuições legais conferidas pela Portaria Ministerial nº 37 de 07/01/2009, publicada no DOU de 08/01/2009 e Lei nº 11.892, de 29/12/2008, e considerando a decisão em Reunião Extraordinária deste Conselho, realizada no dia 10/05/2011,

RESOLVE:

Art. 1º – Aprovar a **Resolução *ad referendum* nº 017/2010** do CONSUP/IFMT, que aprovou a criação e o Projeto Pedagógico do **Curso de Bacharelado em Agronomia**, do Núcleo Avançado de Campo Verde do Campus São Vicente, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT, e autorizou seu funcionamento a partir do primeiro semestre de 2010.

Art. 2º – Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Cuiabá-MT, 10 de maio de 2011.


PROF. JOSÉ BISPO BARBOSA
PRESIDENTE DO CONSUP/IFMT











